

Vania Vaz

**As benzedoiras da cidade de Irati:
suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção**

Mestrado em História

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2006**

Vania Vaz

**As benzedoiras da cidade de Irati:
suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção**

Mestrado em História

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em História Social, sob a orientação da Prof^a Dr.^a Maria do Rosário da Cunha Peixoto.

**PUC – SP
São Paulo
2006**

Banca Examinadora

.....

.....

.....

A todas as mulheres iratienses que
possuem o “Dom de Benzer”

Agradecimentos

Desde o momento em que cheguei a São Paulo, para o cumprimento dos créditos de meu Curso de Mestrado, pude contar com a colaboração e a amizade de muitas pessoas, às quais demonstro sincera gratidão.

Foram dois anos em que novas amizades se firmaram com colegas de curso, com professores e demais pessoas ligadas ao meio acadêmico dos diversos espaços da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o que contribuiu grandemente para minha adaptação à cidade.

Mas algumas das pessoas estiveram ao meu lado durante a trajetória de meu Mestrado, foram capazes de demonstrar tanto carinho e afeto, que acabaram conseguindo me fazer superar as saudades que sentia da família e de minha casa. Então, especialmente a vocês, Leandra, Carol, Deborah, Eduardo, Marcelo, Maurício, muito obrigada!

Também não posso deixar de agradecer o grande apoio daqueles que me incentivaram no decorrer do desenvolvimento da pesquisa de campo realizada na cidade de Irati - interior do Estado do Paraná. Com muito carinho, agradeço a meus pais, Rosângela e Pedro, a meu irmão Vinícius, a minha avó, Olga, e a minha tia Ângela. E claro, meus mais sinceros agradecimentos a todos os demais que tanto se empenharam em me auxiliar na obtenção das informações necessárias para que os contatos com as benzedoras fossem realizados.

Devo também lembrar, e agradecer o apoio que recebi de meus professores da graduação, que acompanharam meus estudos em Irati, no ano

de 2003. O incentivo e, posteriormente, a ajuda que recebi deles foi de fundamental importância na realização de minha pesquisa para o Mestrado. Muito obrigada a todos, em especial a vocês, Hέλvio, Maristela, Terezinha, Jackson, Elton, Paula e Adriana.

Mas, de forma especial, devo meus agradecimentos a duas pessoas que se destacaram de maneira peculiar no desenvolvimento deste trabalho: a você, Roberto, marido, amigo e grande companheiro, agradeço por todo o carinho e paciência demonstrados durante o decorrer da longa trajetória do Mestrado, e inclusive por toda a compreensão que você jamais deixou de ter enquanto éramos obrigados a ficar separados por milhares de quilômetros.

E os meus mais sinceros agradecimentos àquela que, com dedicação, perspicácia e paciência, na realidade, possibilitou a realização deste trabalho, na condição de orientadora: Prof.^a Maria do Rosário da Cunha Peixoto. As noites em claro passadas arduamente sobre o computador, seguindo todas as suas recomendações, ficarão gravadas em minha memória como marcos de seu carinho, de toda a sua garra e de todas as lições de perfeccionismo que ela tão bem soube transmitir.

Também agradeço ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - cuja contribuição para o custeio de parte desta pesquisa foi de grande valia.

E claro, meus mais sinceros agradecimentos às benzedeiiras da cidade de Irati, que tão bem souberam me acolher em suas casas, possibilitando-me horas e horas dos mais agradáveis encontros realizados no decorrer desta pesquisa .

Resumo

Esta pesquisa, " As benzedeadas da cidade de Irati: suas experiências com o mundo, e o mundo da benzedead " , é um estudo de narrativas de algumas benzedeadas residentes na cidade de Irati, localizada na Região Centro-Sul do Estado do Paraná.

Os objetivos deste trabalho consistem na reflexão sobre diferentes aspectos da experiência de vida dessas mulheres, a influência de suas relações sociais no desenvolvimento de suas práticas, bem como a apresentação das múltiplas ações que envolvem o cotidiano das benzedeadas, suas visões pessoais e seu modo particular de interpretação do universo que envolve os rituais de benzedead.

Tal universo é pautado por demonstrações de religiosidade e fé, que inclusive chegam a compreender outras ações: a descoberta e/ou o desenvolvimento do " Dom ", relações com entidades divinas protetoras, o desenvolvimento de rituais específicos, além do sentido dos papéis social e cristão exercidos pelas benzedeadas em seu ofício, os quais são interpretados de maneira peculiar por cada uma das possuidoras do "Dom de Benzer".

Palavras-chave: benzedeadas; narrativas de vida

Abstract

This research, "Faith Healers: their life experiences and the life of healing", is a narrative study of some Faith Healers who reside in the city of Irati, located in the Central-Southern region of Paraná State.

The objectives of this project are the reflection about different aspects of these women's life experiences, the influence of their social relations in the development of their practices, as well as the representation of their multiple actions, which include the Faith Healers daily lives, their personal views, and their particular way of interpreting the universe, which involves the healing rituals.

Such a universe is marked by demonstrations of religiousness and faith, which can also include other actions: the discovery and/or development of "the Gift," connections with protective divine entities, the development of specific rituals, besides the meaning of the Christian and social roles performed by the healers in their service, which are interpreted in a particular way by each one of the possessors of the "Gift of Healing."

Key-words: Faith Healers, life narrative.

Sumário

Considerações Iniciais	10
I CAPÍTULO	
As benzedeadas e suas experiências de vida: “Aí o recurso era virar de jeito. Peguei e vim para a cidade...”	22
1.1 “Aqui em Irati tem gente muito boa, muito humana”	33
II CAPÍTULO.	
Uma palavra carregada de fortes significados para as benzedeadas: “dom”	64
2.1 “Aprendi tudo sozinha”: A descoberta do “dom”	72
2.2 “Eu acho que é uma missão, que tenho que cumprir”	88
III CAPÍTULO	
Revelações, orações e utensílios “mágicos”	99
3.1 “Todos os santinhos me ajudam”	101
3.2 “Tem que ser cera benta, uma cera benzida. É um benzimento forte”	117
3.3 “Eu uso fio, agulha e paninho para ‘costurar’, aí nos outros eu uso a mão mesmo.”	128
Considerações Finais	141
Fontes	142
Referências Bibliográficas	144

Considerações Iniciais

O tema de nosso trabalho são as práticas de benzeção realizadas por mulheres benzedoras da cidade de Irati - PR, com suas histórias pessoais, e as várias funções que desempenharam paralelamente aos benzimentos que praticavam. A reflexão quanto às experiências de vida dessas mulheres possibilitou-nos o contato com um universo carregado de conhecimentos específicos, relações com entidades divinas e com as diferentes formas com que as benzedoras se posicionaram frente a problemas, colocando em suas próprias cenas históricas sentimentos como solidariedade e generosidade. Este trabalho tem por objetivo apresentar o caráter de luta, resistência e persistência com que essas mulheres encararam sonhos e enfrentaram desafios, na busca pela realização de planos pessoais e familiares, e no sentido de poderem também desenvolver e dar continuidade às suas práticas de benzeção.

O trabalho aqui proposto tem por expectativa mostrar parte das experiências de vida de algumas das benzedoras residentes na cidade de Irati, localizada no interior do Estado do Paraná. São mulheres de vida simples, conhecedoras do estilo de vida rural, onde residiram no período anterior à sua vinda para Irati, cidade onde elas ampliaram seus leques de relações sociais, ao passarem a frequentar diferentes espaços urbanos que a cidade lhes proporcionava e a conviver com muitas pessoas, das quais receberam novas informações que, gradativamente, exerceram influência tanto em suas ações quanto em seus conhecimentos.

Em continuidade a uma pesquisa por mim realizada enquanto fazia o curso de graduação em História, na Universidade Estadual do Centro-Oeste Paranaense (UNICENTRO), pude ampliar o leque de conhecimentos

sobre o assunto ora em questão, o que me possibilitou uma reflexão mais aprofundada sobre estudos no campo da História Social.

Em especial E. P. Thompson, e mais recentemente, Stuart Hall exerceram influência em minha maneira de conceber a História e a Cultura, fazendo com que eu passasse a refletir sobre ambas, a partir da dimensão social da qual somos sujeitos: pensar a História em seu contínuo processo de movimento, onde a dinâmica apresenta-se em um fazer-se contínuo, onde saberes, lutas, resistências e conhecimentos são construídos e reconstruídos em múltiplas dimensões das relações sociais.

As discussões sobre história oral e memória, com destaque para os estudos de Alessandro Portelli, foram também uma contribuição importante quanto às discussões das práticas culturais, interpretadas como todo modo de vida e de luta aprendidos a partir das histórias vivenciadas e reelaboradas pelos próprios sujeitos. O estudo referente ao universo cultural das benzedeadas de Irati possibilitou a devida reflexão sobre suas relações familiares, a vivência que tiveram com a cidade de Irati e as diversas formas de aprendizado e de desenvolvimento de suas práticas ritualísticas de benzeção.

A inclusão das benzedeadas em estudos da área de História Social é a expectativa de incorporação de um novo sujeito na reflexão quanto a aspectos como solidariedade e religiosidade, ângulos que são parte integrante do conjunto de vivências presente nas relações sociais da cidade de Irati.

Mostrar esse grupo específico como sujeitos ativos das próprias histórias é poder percorrer e refletir quanto às produções e reproduções dos conhecimentos das benzedeadas, e também trazer à tona as demais esferas envolvidas em suas vidas. Esperança, angústia e alegria são sentimentos presentes na vida dessas mulheres, nos diferenciados papéis que desempenham não só em suas práticas ritualísticas, mas também como mães, donas de casa e cidadãs ativas de suas respectivas comunidades.

As benzedeadas fazem parte de um grupo não homogêneo, embora realizem orações e desenvolvam rituais de forma similar. Diferenciam-se no modo particular como interpretam e reinterpretem as múltiplas situações com que se deparam, constituindo-se sujeitos ativos e presentes nas lutas e tensões que vão travando no transcorrer da vida, principalmente no tocante à afirmação de diversos de seus conhecimentos e dos posicionamentos éticos e humanos que adotam, onde valores como religiosidade, fé, devoção, solidariedade e respeito ao próximo são privilegiados. Com dinamismo e coragem, enfrentaram problemas, superaram dificuldades e deixaram marcas nas próprias histórias de vida e, inclusive, na história da cidade de Irati.

Para atingirmos nosso objetivo, foi escolhida a História Oral como metodologia de trabalho, para que, através de diversos depoimentos obtidos diretamente com benzedeadas entrevistadas, fosse possível termos acesso a seus conhecimentos e saberes, ao modo como articulam desejos, lembranças, expectativas e experiências pessoais.

"Considerando a história um processo de disputas entre forças sociais, envolvendo valores e sentimentos, tanto quanto interesses, e dispostos a pensar e a avaliar a

vida cotidiana em sua dimensão histórica, a ponderar sobre os modos como os processos sociais criam significações e como essas interferem na própria história."

(KHOURY, 2004)¹

As ações, os sentimentos, os valores e o modo de pensar das benzedeadas tornam-se direta ou indiretamente presentes em suas narrativas, na forma como articulam memórias e buscam transmitir suas vivências. Além da possibilidade de poder ouvir e da oportunidade de dialogar, a História Oral proporciona múltiplas aprendizagens referentes a estudos e reflexões sobre narrativas de vida e modos de os sujeitos se relacionarem diante dos processos sociais em que estão inseridos.

No decorrer de suas entrevistas, as benzedeadas falaram sobre seus conhecimentos sobre benzeção, suas experiências de vida relativas ao período em que viviam no campo, a vida em família e a mudança de residência para a cidade. Nos processos de elaboração de lembranças e memórias que marcaram suas trajetórias de vida, apresentaram o sentido que atribuem a seus conhecimentos e ao modo como se relacionam com eles: "uma missão de vida a cumprir", segundo elas mesmas disseram. Nesse contexto, apresentaram sua visão religiosa (orações e devoções a entidades divinas), seu caráter humano (gestos de caridade e de solidariedade) e seus valores éticos (em especial, os referentes à vida familiar).

Dificuldades e momentos de tensão com que se depararam na vida, onde direta ou indiretamente o exercício da prática do benzer sempre se fez presente, foram outros pontos também discutidos no decorrer deste

¹ KHOURY, Yara Aun. *Muitas Memórias, outras Histórias: Cultura e Sujeito na História*. IN *Muitas Memórias, outras Histórias*. Déa Fenelon Ribeiro, Laura Antunes (Org). São Paulo. Ed. Olho D'Água, 2004

trabalho. Ao enfrentarem dificuldades, as benzedeadas mostraram o quanto foram, e o quanto ainda são mulheres fortes e batalhadoras: muitas delas ainda quando jovens ficaram viúvas, passando com isso a arcar sozinhas com todas as responsabilidades relativas aos cuidados da casa e dos filhos; outras, devido a dificuldades financeiras e a problemas de saúde dos maridos, partiram para a luta em busca de trabalhos remunerados, alguns exercidos dentro e outros, fora de suas casas.

A mescla de humildade e respeito, aliada a profundos conhecimentos que as benzedeadas têm sobre os múltiplos aspectos que envolvem o universo da benzeção, assim como também a maneira de verem e interpretarem valores relativos à vida em família e em sociedade, são marcas significativas presentes em todas as ações desse grupo de mulheres.

O local onde se dá o encontro das experiências trazidas da zona rural com os elementos culturais urbanos é a cidade de Irati, localizada a 150 km de Curitiba - capital do Estado do Paraná. No processo histórico do desenvolvimento econômico de Irati, encontramos a presença de alguns ciclos específicos, tais como o de erva-mate, de madeira e de agricultura. Mas, principalmente a partir de 1960, instalaram-se nesse local indústrias voltadas para diferentes ramos, dentre outros o de beneficiamento de madeira para a construção civil, o de fabricação de móveis, o de produção de carvão vegetal, de fósforo e o de reciclagem de papel, o que muito contribuiu para o deslocamento e a instalação definitiva de várias famílias em Irati, vindas não só da zona rural, de colônias de imigrantes ou não, mas também de outros municípios da região.

Outro marco histórico de Irati foi a chegada de imigrantes europeus, a partir de 1908², que se instalaram em colônias rurais de toda a região, e cujas filhas e netas, hoje, vêm a ser algumas das benzedeadas da cidade. Ao se fixarem em colônias próprias, tais imigrantes inicialmente não estabeleceram contato direto com outras comunidades, mesmo que localizadas bem próximas das suas. Cada colônia de estrangeiros fundou as próprias escolas, igrejas e clubes de recreação, dentre outros exemplos. E, a partir do momento em que muitos dos descendentes desses imigrantes decidiram estabelecer residência na área urbana de Irati, indo morar em diferentes bairros e vilas da cidade, muitos de seus costumes originários característicos, de seus valores e conceitos sobre religião, trabalho e educação foram apresentados, e passaram a ser vivenciados por outras pessoas residentes em Irati nessa mesma época.

Retomando o enfoque de nosso trabalho, a vinda do grupo de benzedeadas que se deslocou do campo para a zona urbana de Irati, juntamente com seus respectivos familiares, estabeleceu um marco considerável na vida de cada uma delas, não só pelos contatos que mantiveram com as mais diferenciadas pessoas da cidade, mas também pelas próprias novas experiências com que se depararam nessa jornada.

Contando atualmente com um contingente populacional calculado em torno de 50 mil habitantes, a cidade de Irati abriga mais de 35 benzedeadas, algumas que são bem conhecidas em muitos bairros da cidade, e outras, procuradas apenas por vizinhos e amigos. Há que se destacar também aquelas que, apesar de conhecerem as mais diferentes práticas ritualísticas de

² " Os primeiros imigrantes a chegar foram os holandeses, em 1908, fixando-se na Colônia Irati / hoje Gonçalves Júnior. Em 1909 começaram a chegar os alemães, em 1910 os poloneses e ucranianos. Em 1908 chegaram à região de Itaparã os imigrantes ucranianos e poloneses, além de alguns austríacos que entrando pelo município de Prudentópolis ... " (ORREDA, 1974)

benzeção, só as praticam em casos considerados emergenciais, e apenas para pessoas bem próximas de suas relações sociais.

Para a elaboração desta pesquisa, foram entrevistadas mais de 15 benzedeadas, residentes em diferentes bairros de Irati. Dentre todas, tivemos a oportunidade de realizar um trabalho mais detalhado com 8 delas, elaborado a partir de entrevistas, devidamente gravadas. Do conjunto de todas as entrevistadas, destacam-se as seguintes benzedeadas: Amélia, Alice, Neide, Marina e Dirce. Das demais com quem também mantivemos contato destacamos: Eglin, Saloméia, Amélia "do Campo", Marcela, Natália, Lídia, Ângela, Olga, D.Negrinha, D. Pedra (in memoriun), Cida e Marli que, apesar de terem narrado suas histórias de vida, incluindo todos os personagens que delas fizeram parte, preferiram preservar seus sobrenomes nas narrativas.

Foram vários os caminhos que tive de percorrer para chegar a ter acesso às entrevistadas, das quais já tinha conhecimento da existência desde a minha infância, já que nasci e morei mais de 20 anos em Irati. Obtive informações com amigos, parentes e familiares que, além de me apresentarem algumas benzedeadas, fizeram indicações de outras pessoas residentes na cidade que poderiam também me fazer outras indicações. Percorri bairros e bairros de Irati, à procura de suas benzedeadas e, nessa minha busca, fiz contatos com moradores de antigos bairros da cidade, e obtive assim novas informações sobre mais benzedeadas residentes na cidade.

A partir das informações do trabalho de campo, foi possível a elaboração de um mapa abrangendo as diversas localidades onde as benzedeadas residem, já que algumas delas moram no centro da cidade, mas a grande maioria está estabelecida em muitos outros bairros de Irati. Alguns

deles, como Vila São João e Rio Bonito, apresentam um número expressivo de benzedeadas que neles estabeleceram residência. E daí surgiram questionamentos. Como se caracterizavam os bairros na época em que as benzedeadas para lá se deslocaram? Quais as leituras e interpretações que essas mulheres fizeram ao longo dos anos, para se identificarem com esses espaços? Como recriaram e vivenciaram seus novos territórios?³

Outros bairros, como Nhapindazal, Engenheiro Gutierrez e Camacua, apresentam muitas características de modos de vida tipicamente rurais. É claro que um dos pontos que determinaram a instalação dessas famílias nesses espaços foi o baixo custo para a aquisição de moradias, porém as relações de vizinhança, a oportunidade de morarem em terrenos amplos, com a possibilidade de plantarem suas hortas, cultivarem seus pomares e criarem alguns pequenos animais, também representaram pontos de influência positiva quanto à adaptação das benzedeadas e de suas famílias à cidade.

Essas mulheres também foram, paulatinamente, criando seus espaços de sociabilidade, ao frequentarem reuniões ou pequenas festividades religiosas realizadas nos muitos bairros da cidade. Da mesma forma, vivenciaram também o centro da cidade e, cada qual, à sua maneira, descobriu e atribuiu valores aos mais diversos espaços que presenciou. Frequentaram missas em várias igrejas e capelas, como uma forma de conhecer e de adaptar seus pensamentos particulares aos das diversas congregações religiosas existentes na cidade. Também atribuíram a outros lugares um sentido de religiosidade e de inspiração para suas devoções.

³ ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens Paulistanas: Transformações do Espaço Público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

Nem todas as benzedeadas visitadas chegaram a conversar detalhadamente sobre suas vidas, principalmente devido a problemas de saúde decorrentes de sua avançada idade. É muito importante ressaltar que não nos foi possível manter contato com as benzedeadas de Irati em sua totalidade, devido ao grande número delas na cidade (mais ou menos 35). Mas, daquelas com as quais pudemos estreitar contatos, apesar dos múltiplos problemas que enfrentam, devemos ressaltar que todas ainda continuam realizando as mais diferentes práticas de benzeção.

Amélia, hoje com 71 anos de idade, moradora de um dos bairros mais antigos da cidade de Irati (Vila São João), mesmo se apresentando com sérias complicações de saúde, fez questão de narrar parte de suas experiências de vida. Desde o momento em que foi visitada pela primeira vez (janeiro de 2004) até setembro desse mesmo ano (quando foi gravada a sua narrativa) esteve hospitalizada. Mantendo-se sempre sorridente, ao contar-nos sobre sua trajetória de vida, comentou que jamais deixou de gostar de ouvir histórias, e que sentia-se feliz por ter a oportunidade de transmitir suas próprias experiências de vida. Uma das características que diferencia Amélia das outras benzedeadas entrevistadas é que se dedicou ao ofício de parteira paralelamente ao exercício de suas práticas de benzeção.

Com a benzedeadas Alice, de 73 anos, tivemos a oportunidade de gravar duas narrativas, mas chegamos a visitá-la em outros momentos também. Desde a década de 70, reside no bairro de São Francisco (correspondente ao antigo bairro de Stroporo, segundo uma divisão atualizada da localização dos diversos bairros da cidade de Irati), mas em nossos contatos, ela comentou a respeito de outros locais em que também morou, até a sua instalação definitiva em São Francisco, bairro situado na região urbana de Irati. Diferentemente das outras mulheres entrevistadas, Alice recebeu seus

conhecimentos de benzeção de sua mãe que, por sua vez, também aprendeu a arte de benzer com seus próprios familiares.

Neide, 73 anos de idade, moradora do bairro de Stroparo, vive na cidade desde meados da década de 60, mas antes disso residiu em uma localidade rural de Irati, na qual teve a oportunidade de receber de outra benzedeira bastante idosa os conhecimentos necessários às práticas de benzeção que ainda exerce.

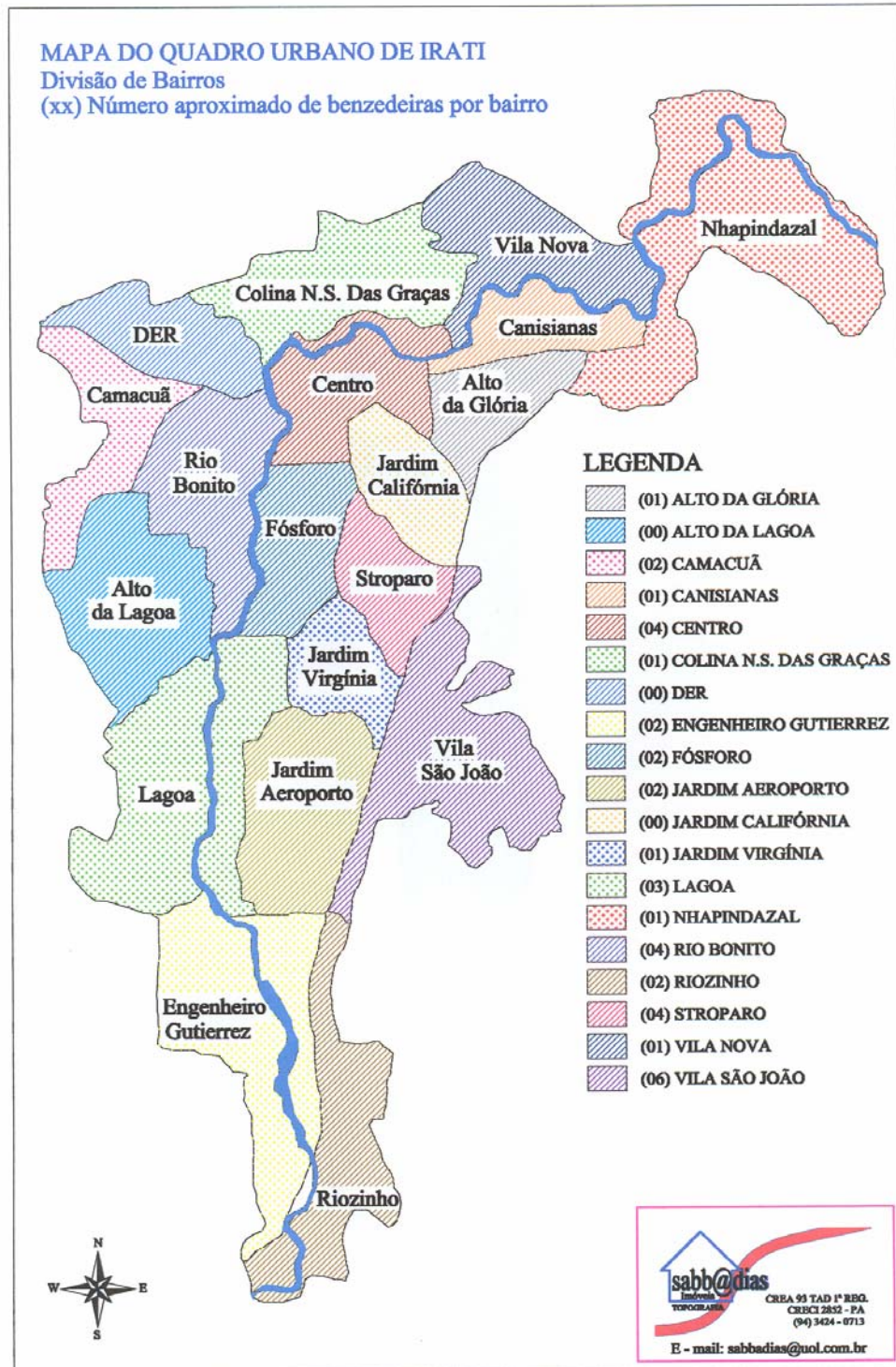
Marina, 55 anos de idade, residente em Vila São João, é uma das mais jovens benzedeiros de Irati. Seus conhecimentos sobre benzeção lhe foram transmitidos por benzedeiros com as quais mantinha relações de amizade.

Dirce, 55 anos, reside no bairro de Rio Bonito, e pratica benzimentos há mais de trinta anos. Durante a sua narrativa, comentou em vários momentos sobre seu contato inicial com a benzeção, que se deu de maneira bem particular, a partir de uma visão que teve de Nossa Senhora da Aparecida.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta parte das experiências vividas pelas benzedeiros, desde o período em que viviam no campo, até o momento em que estabeleceram residência na cidade. Ao mesmo tempo em que encontramos em suas narrativas referências a passagens relativas ao novo estilo de vida tipicamente urbano que adotaram, todas enfatizaram as dificuldades pelas quais tiveram de passar nesse momento de transição. Mas, é claro, que lembranças felizes da infância e da vida em família no campo deixaram nessas mulheres marcas agradáveis, principalmente as relativas ao primeiro contato que tiveram com benzeção.

As relações que estabelecem com os conhecimentos específicos do universo da benzeção, interpretados pelas próprias benzedeadas como "Dom", é o principal foco de discussão do segundo capítulo. Questões relacionadas ao sentido de missão de vida que essas mulheres agregam a valores pessoais, como uma retribuição a graças divinas recebidas, aliadas a questões que englobam demonstrações de solidariedade e de caridade, também são fatores presentes nas discussões apresentadas nesse mesmo capítulo.

No terceiro capítulo, parte do universo de orações, rituais e devoção a santos protetores passam a ser o foco central de discussão. Contudo, as experiências de vida, histórias e lendas regionais e as interpretações que as benzedeadas fazem de religiões cristãs, em especial a Católica, são fatores que contribuem diretamente para a criação e elaboração de suas práticas ritualísticas de benzeção.



I CAPÍTULO

As benzedeadas e suas experiências de vida:“ Aí o recurso era virar de jeito. Peguei e vim para a cidade...”

Devido ao crescimento de Irati, muitas pessoas migraram da zona rural para o perímetro urbano há trinta, quarenta, cinquenta anos, principalmente entre 1940 e 1960, e puderam acompanhar a fase de maior transformação dessa cidade, tanto no que diz respeito à urbanização quanto à criação de postos de saúde, hospitais, maior número de escolas e à chegada de novos profissionais da área médica e farmacêutica, vindos de outras regiões do Estado do Paraná.

Nesse contexto, também chegaram à área urbana de Irati algumas benzedeadas, logo após seus casamentos na área rural, na tentativa de alcançarem melhores condições de vida na cidade, melhorias econômicas, maior facilidade para a educação dos filhos e novas possibilidades profissionais e de relações de amizade.

Quase que em sua totalidade, as benzedeadas que hoje residem na área urbana de Irati migraram do campo para a cidade, fato que explica o motivo de carregarem consigo muitos costumes, hábitos e valores adquiridos na infância, ou na adolescência, resquícios do período em que moravam em localidades interioranas. Cada uma dessas mulheres, por razões particulares, optou por deixar a zona rural, mas as lembranças desse período ainda estão bem vivas em suas memórias.

Muito emocionada, Amélia (benzedeira hoje com 71 anos de idade) relatou-nos sobre sua infância no campo, e os vários percalços pelos quais passou.

" Eu mereci de ter mãe até os 10 anos de idade, quando eu tinha 10 anos, minha mãe veio a falecer. (...) Minha mãe morreu, fiquei eu com o meu pai e dois irmão na casa: um mais novo, e um mais velho, só eu de menina, porque a mais velha já era casada, e ficou também uma irmã minha de dois anos, mas esta a minha irmã mais velha levou para cuidar. E eu fiquei cuidando da casa. E você pense como seria a aula para mim? Bem, a minha professora era muito boa, veio e falou com meu pai se eu podia dormir com ela, porque ela parava sozinha na casa da escola, daí a aula que ela dava de dia para os outros ela dava para mim à noite. Meu irmão de oito anos ia para aula de dia, e à noite eu ia pousar com ela pra estudar. Isso aí foram dois anos, então eu tirei até a terceira série, o terceiro ano".

(Amélia, setembro de 2004)

Pode-se dizer que no relato de Amélia, desde o período de sua infância no campo, surgem referências às dificuldades e sofrimentos pelos quais passou, devido não só à precária situação econômica familiar, mas também à dispersão da própria família, após a morte da mãe. Desse período, essa benzedeira tem uma das lembranças mais fortes de sua infância: o sacrifício que teve de fazer para conseguir freqüentar a escola durante três anos.

Com a separação de alguns dos membros da família, Amélia foi obrigada ainda criança a ficar sozinha em casa, responsabilizando-se pela execução de todas as tarefas domésticas, não contando com o apoio de qualquer adulto, já que a seu pai e a seus irmãos cabia a responsabilidade dos trabalhos na roça. A falta de uma companhia feminina na casa, em especial a

da mãe, fez com que Amélia aprendesse a desempenhar outros trabalhos, como o de babá, não só para ajudar financeiramente nas despesas domésticas, mas também como uma oportunidade para, futuramente, ela poder ir trabalhar na cidade.

Outra benzedeira, Alice (hoje com 74 anos), residiu no campo por mais de vinte anos e, em suas lembranças sobre esse período, comenta o quanto era difícil para sua mãe, viúva, cuidar de todos os filhos ainda pequenos. Como a família morava em localidade interiorana onde o extrativismo de madeira e o corte de erva- mate eram as principais atividades econômicas, serviços esses muito pesados para serem executados por uma mulher, a mãe de Alice (D. Rosa) trabalhava como benzedeira e parteira.

“Nós nos criamos com a minha mãe, meu pai faleceu. Minha mãe trabalhava, trabalhava, para manter, e quando nós viemos para o Taquari⁴, ela trabalhava com muita pobreza, porque aquele tempo eles lidavam com madeira. Tinha mulher que nós íamos atender, nós tínhamos que dar as coisas, sabe, às vezes elas chegavam cansadinhas, não dormiam à noite, cansadas, doentes né, aí ela dizia: 'Fulana, levante e mate uma galinha e prepare, porque daqui a pouco eu vou lá na mulher'. Levava uma sopa para a mulher. Então ela tinha aqueles bausão⁵ sabe, com lençol, capa de acolchoado, tudo limpinho guardado naqueles baús e ela dizia: 'Olhe, minha filha, pegue um pedaço de cobertor, para levar para aquela criancinha que nasceu'. Aí nós íamos arrumar para ela levar para aquela criancinha. E daí depois ela começou a trabalhar em Inácio Martins, trabalhar com gente bem de vida, aquelas pessoas começaram a ajudar mais ela .(...) Graças a Deus que nós conseguimos viver.”

(Alice, dezembro de 2004)

⁴ Taquari: localidade rural de Irati

⁵ Bausão: grande baú

Nessa narrativa, nota-se o olhar de uma mulher que, desde cedo, viu as dificuldades, o esforço e a dedicação da mãe para criar os filhos, já que moravam em uma localidade onde as condições econômicas da população eram as mais precárias. A região da qual Alice nos fala é Taquari, localidade rural situada entre Irati e uma cidade vizinha, Inácio Martins que, diferentemente de outras localidades onde a principal atividade econômica era a agricultura de subsistência, comum nas várias colônias de imigrantes europeus existentes na região, tinha seus trabalhadores prestando serviços a empresas especializadas em corte e beneficiamento de madeira.

Mesmo não sendo a discussão central de nosso trabalho o relato a respeito das diferenças existentes entre as comunidades rurais que se dedicavam à agricultura e ao extrativismo, não podemos negar a existência das mesmas, principalmente no que diz respeito à qualidade de vida de seus moradores, como fica claro na narrativa de Alice.

Comentários de outros moradores que conheceram o local também enfatizaram o fato de que, mesmo sendo considerado um grande pólo madeireiro da região, parte da população de Taquari e de outros povoados próximos vivia nas mais precárias condições: a alimentação não era farta e as condições de vestuário e a disponibilidade de medicamentos eram precárias, dentre outros tantos problemas que essa população de baixa renda enfrentava.

Por isso a mãe de Alice era muito procurada por pessoas sem as mínimas condições financeiras, para que realizasse a cura das mais diversas doenças e, inclusive, partos, já que os moradores locais não dispunham de recursos para tal.

Mesmo sendo a responsável pelo sustento da família, D. Rosa, mãe de Alice, não media esforços para ajudar pessoas carentes de sua comunidade. A solidariedade e a generosidade sempre foram referências na vida dessa benzedeira, exemplo que Alice tomou para si quanto à educação dos próprios filhos, procurando inclusive transmitir esses valores a seus netos, preservando assim a memória de D. Rosa como pessoa solidária e generosa.

Após alguns anos em Taquari, Alice contou que sua mãe decidiu mudar-se para o município de Inácio Martins, centro urbano mais próximo. Nessa época localizavam-se várias empresas de beneficiamento de madeira em Inácio Martins, vindo também a ser essa cidade o centro de apoio comercial da região, inclusive no tocante à mão-de-obra empregada em algumas fazendas e serrarias⁶ locais, o que fez com que tal localidade apresentasse maior circulação de dinheiro em relação às demais das proximidades.

Assim, a partir do momento em que D. Rosa mudou-se para lá junto com seus filhos, pôde, durante um bom período, receber alguma ajuda em dinheiro pela realização de seus trabalhos, garantindo, dessa forma, as condições necessárias para o sustento de sua família. Mesmo assim, Alice tem muito claro em suas lembranças que, além do esforço de sua mãe em dedicar-se ao trabalho de parteira e à missão de benzedeira, seus irmãos também foram trabalhar, assim que atingiram idade suficiente para isso. No entanto, mesmo diante de todas as adversidades, D. Rosa conseguiu manter todos os filhos na escola, despertando-lhes assim o interesse pelos estudos. Dessa forma, Alice estudou e morou com sua mãe até completar 17 anos, período em que se casou e foi morar com o marido em uma localidade rural próxima a Inácio Martins, para acompanhá-lo em seu novo trabalho.

⁶ Serrarias: estabelecimentos industriais especializados em corte de madeiras.

Alice, então, tem a oportunidade de conhecer a realidade do novo lugar onde passa a residir, e não deixa de observar as dificuldades enfrentadas por grande parte da população local, e dessa forma passa a realizar alguns benzimentos, na tentativa de confortar essas pessoas tão necessitadas. Com o passar dos anos, os irmãos de Alice também se casaram e alguns foram morar em Irati, o que levou D. Rosa a deixar o campo para acompanhar os filhos. Dessa forma, a falta de companhia dos irmãos e da mãe, foi fator de influência para que Alice e seu marido se sentissem isolados, decidindo assim que também estabeleceriam residência na área urbana da cidade de Irati.

Neide, uma outra benzedeira (74 anos), morava no campo junto com seu marido e ambos trabalhavam em terras próprias, em uma colônia de descendentes de imigrantes italianos - Assungui. Ela nos contou o quanto era difícil a vida naquela época, mesmo havendo condições razoáveis para o sustento da casa e a criação dos filhos. Mesmo assim, Neide foi impulsionada a aprender práticas de benzeção, as quais exercia concomitantemente às tarefas domésticas que lhe cabiam.

“ Eu disse: 'Eu não tenho tempo, pois eu trabalho na roça o dia inteiro, só fico em casa à noite'. (...) Depois, quando ia lá nela, ela mandava lá em casa, aí sábado e domingo eu estava em casa. Domingo eu não faço, no sábado ficava em casa para limpar a casa, lavar roupa, fazer as coisas, fazer pão na fôrnelha lá fora. E chegava um, chegava outro, dizendo que a Nhá Rosa mandou. Aí, ai ,ai! Meu serviço ficava, pois eu tinha que fazer, pois eu peguei. Então era corrido de tanto trabalhar.”

(Neide, março de 2005)

As dificuldades por viver no campo, ter de colaborar na execução dos trabalhos de roça junto com o marido, somado ao cumprimento das tarefas como mãe e dona de casa, era uma realidade que não cabia só a

Neide, mas também à grande maioria das benzedadeiras, o que as leva a uma situação de grande desgaste físico, devido ao acúmulo de múltiplas funções. No entanto, apesar de todos os problemas domésticos que apresentava, Neide passou também a dedicar-se às práticas de benzeção.

No entanto, por uma fatalidade - segundo o depoimento de Neide - seu marido, que gozava de plenas condições de saúde, foi picado por uma cobra e veio a falecer, o que levou essa benzedeira a decidir se mudar para a cidade.

“Mudei, porque meu marido morreu, fiquei viúva lá com as crianças, um ia fazer 11 anos e o outro 7. Pequenos tudo eles, e nós trabalhava na lavoura. Aí, eu ia trabalhar na lavoura com os filhos pequenos? Só eu fazer lavoura para viver? Você acha que eu iria conseguir? Pegar o arado e arar? Aí, a gente não tinha trator, era arado, grade de gradear, gradear eu gradeava ⁷. Aí, o recurso era virar de jeito. Peguei e vim para a cidade, para procurar um lote para comprar”.

(Neide, março de 2005)

Neide avaliou que sozinha não teria condições de dar continuidade ao desempenho das tarefas agrícolas realizadas anteriormente por ela e pelo marido. Percebeu a necessidade de passar a exercer outra atividade para o sustento da família, assim como também criar condições para oportunidades futuras para os filhos, fatos q decisivos para sua escolha em deixar a área rural e mudar-se para a área urbana de Irati.

Todas as benzedadeiras, tanto as entrevistadas quanto aquelas que somente receberam visitas para conversas informais, contaram que residiram, ou que eram filhas de pessoas ligadas ao trabalho e à vida no campo. Tais

⁷ "Gradeava": ato de preparar a terra para plantio futuro

mulheres, moradoras de comunidades distantes da cidade, qualificaram seus modos de vida como "simples", no sentido de que tinham pouquíssimos recursos materiais, além do fato de enfrentarem condições de isolamento, em decorrência das dificuldades de transporte e da precariedade das estradas das localidades rurais próximas. Devido a essa realidade, conviveram com pessoas que depositavam em seus benzimentos e em seus chás de ervas medicinais todas as expectativas de cura dos mais diversos males: dores na coluna, fraturas, hemorragias e picadas de animais peçonhentos.

Mas, independentemente dos percalços da vida no campo (trabalho exaustivo; difícil acesso à cidade e a localidades rurais da região), as benzedeadas se lembram com saudades dos fortes laços de amizade que estreitaram com pessoas da região rural que, semanalmente, esforçavam-se por freqüentar as celebrações religiosas realizadas nas capelas das diversas comunidades locais.

Em suas memórias, as benzedeadas também evocam lembranças do período de convívio com familiares, especialmente as relacionadas com as mães. Essas mulheres ainda trazem consigo muitas das histórias e lendas contadas pelas mães, orações e ensinamentos de fé em poderes divinos transmitidos no seio do convívio familiar, valores e conceitos ainda arraigados na personalidade de cada uma na condição de mulher, mãe, dona de casa, trabalhadora, e, naturalmente, como benzedeadas, já que a maioria desenvolveu suas atividades de benzeção ainda residindo na zona rural. Essas mulheres espelham suas escolhas de vida no exemplo da figura materna (mulheres fortes e trabalhadoras), tendo recebido o devido apoio e a admiração das próprias mães por seguirem seus exemplos.

" Ela louvava a Deus, porque foi uma benção que eu ganhei. Ela dizia: 'Foi uma benção que a velhinha deu para você, porque você vai acudir muitas pessoas.' Ela dizia que eu iria acudir muitas pessoas que precisassem . "

(Neide, março de 2005)

" Tive, tive, fui muito feliz, tive minha mãe sempre por perto. Minha mãe morreu com 86 anos. (...) Ela contava das passagens da vida dela, da vida dela, coisa muito linda, muito linda, das passagens, das coisas. (...) E quantas passagens! Minha mãe foi uma mulher muito de fé, muito devota, e criou tudo nós, graças a Deus, a gente acredita em Deus. Muitas e muitas histórias, era um trabalho, uma profissão, que como hoje quanto ela ia ganhar, né? Mas, naquela época, tinha que ajudar as pobres, mas não foi mal empregado, porque, graças a Deus do Céu, que ela foi uma pessoa que sempre ficou bem, nunca faltou nada para ela. "

(Alice, dezembro de 2004)

De maneira geral, as benzedeadas sempre comentaram sobre a importância da mãe em suas vidas, sobre o apoio, o incentivo e, até mesmo, a influência que exerceram, principalmente no tocante à dedicação das filhas em relação à missão de benzedeadas, nunca deixando também de enfatizar valores relacionados a solidariedade, dedicação ao próximo e religiosidade. Em várias situações, foram as mães que assumiram o sustento da casa e as responsabilidades quanto à educação dos filhos, deixando então para eles um exemplo de luta, perseverança, dedicação, fé e solidariedade, o que as torna um modelo de virtude a ser seguido.

A história de vida dessas mulheres mostra que, em momento algum, fizeram parte de um grupo prejudicado, frágil e desprovido de proteção. No campo ou na cidade, jamais apresentaram esse estereótipo,

porque sempre foram mulheres ⁸ decididas, empreendedoras e articuladoras das próprias ações, a fim de darem o melhor de si para todos aqueles com os quais se relacionam.

O período de vida em que tais mulheres tiveram seu primeiro contato com o universo da benzeção, somado às suas múltiplas experiências adquiridas no cotidiano da vida rural, formam um leque de aprendizados bastante significativos na vida de todas elas, chegando a exercer forte influência na formação de suas personalidades e na escolha de condutas pessoais, independentemente de terem migrado da zona rural para a cidade. Pelos contatos que estabelecemos com algumas dessas benzedeadas, podemos, resumidamente apresentar o seguinte panorama:

Amélia, ainda criança, procurou aprender as tarefas domésticas por observação, quando trabalhou como doméstica e babá em algumas casas de família, após a morte de sua mãe. Com o passar do tempo, seus irmãos se casaram, estabelecendo residência em outros lugares, e ela, após o próprio casamento também optou por constituir família e ir morar em Irati.

No período em que Alice morou no campo, residiu em vilarejos que concentravam um número maior de pessoas, o que viabilizava a sua mãe, na condição de parteira, chegar a receber algumas prendas ou pagamento em dinheiro, o que era uma ajuda significativa para a família, porque, na condição de viúva, a mãe de Alice arcava sozinha com todas as despesas de casa. Alice até deixa claro em seu depoimento que o trabalho de sua mãe possibilitou à família a condição de "privilegiados", pois, mesmo vivendo

⁸ Referências de estudos como os de Perrot, Maria Odila Leite, entre outros estudiosos, são de importantes para destacar as contribuições que ações e experiências de vida de grupos de diferentes mulheres dão à História.

com o orçamento restrito, jamais lhes faltou alimentação ou abrigo, o que deu à família a oportunidade de ajudar pessoas carentes.

Neide morou em uma colônia de imigrantes e, em nenhum momento, deixou de esclarecer que, apesar de as jornadas de trabalho serem duras e cansativas, a vida no campo era farta, principalmente porque podiam produzir tudo de que praticamente necessitavam.

Marina desenvolveu seus conhecimentos de benzeção só alguns anos após ter se instalado na cidade de Irati, mas em vários trechos de sua narrativa comenta sobre momentos em que observava sua mãe, e também outras benzedeadas na execução de rituais de benzeção. Também chega a falar sobre os costumes e crenças de "Pinho de Baixo"⁹, localidade rural onde ela viveu, juntamente com sua família.

À medida que foram se instalando na cidade, vivenciando esse novo espaço, convivendo com as mais diversas pessoas de hábitos e costumes diferentes dos delas, as benzedeadas incorporaram o estabelecimento de novas relações quanto a conhecimentos da área de saúde, passando, pela observação, à adoção de novas alternativas de cura: cada uma à sua maneira, cada uma com suas reflexões, a partir das próprias visões de mundo.

⁹ Pinho de Baixo: localidade rural do município de Irati, onde parte dos moradores descende de imigrantes italianos.

1.1 “Aqui em Irati tem gente muito boa, muito humana”.

Na breve apresentação sobre as benzedeadas, observamos que suas experiências de vida são as mais diversas, assim como os motivos que as levaram a querer deixar de viver no campo. E também diferem as circunstâncias em que cada uma dessas mulheres estabeleceu seu primeiro contato com a cidade.

Todas elas tinham expectativas de, ao se deslocar rumo à cidade, poderem se dedicar mais aos cuidados com a casa e com a educação dos filhos, o que não correspondeu à realidade, já que à medida que passaram a realizar benzimentos, um grande número de pessoas passou a procurá-las, o que as obrigou a alterar a rotina dos trabalhos domésticos sob sua responsabilidade.

Ainda que morassem em bairros afastados do centro da cidade, gradativamente as práticas de benzeção que exerciam foram se tornando conhecidas, e muitas benzedeadas contaram o quanto ficaram surpreendidas, ao saber que a imagem que outras pessoas faziam de seus trabalhos era bastante positiva, o que contribuiu para que se tornassem pessoas respeitadas na nova cidade onde fixaram residência.

Algumas dessas mulheres tiveram necessidade de realizar trabalhos remunerados na cidade, com o intuito de auxiliar os maridos nas despesas da casa, ou mesmo pelo fato de serem as responsáveis pelo próprio sustento, e também o de seus filhos. Assim, logo que se estabeleceram em Irati, muitas das benzedeadas não chegaram a dar continuidade às práticas de benzeção que costumavam realizar no campo, mas independentemente disso, todas elas, pouco a pouco, interagiram com a cidade, ao se deslocarem para ir

às compras no centro da cidade, por exemplo. Cada uma, à sua maneira, foi tendo conhecimento, criando e vivenciando os espaços como Igreja e festividades religiosas, dentre outros. Estabeleceram contato com pessoas, fizeram novos amigos, passando a freqüentar bailes e encontros na casa deles.

Dessa forma, interagiram socialmente com diversas pessoas com as quais criaram vínculos e, ao mesmo tempo, conheceram e se integraram em novos espaços. Mesmo tendo de superar várias dificuldades que encontraram nesse período, todas as benzedadeiras têm o momento dessa mudança para a cidade como um importante marco em suas vivências, fator de significativa influência no novo ritmo de vida que adotaram nesse período de adaptação. Mesmo aquelas que se deslocaram do campo para a cidade com a intenção de trabalharem em atividades remuneradas fora de suas casas também estabeleceram novos vínculos de amizade, ao conheceram diversas pessoas com quem passaram a se relacionar. Mas o fator comum a todas essas benzedadeiras é que, no estabelecimento dessas novas relações sociais, tiveram contato com pessoas solidárias.

Então, pouco a pouco, cada benzedeira, juntamente com sua família, incorporou novos hábitos de vida que a cidade disponibilizava, pontos positivos, segundo elas mesmas deixaram claro em seus depoimentos, como a oportunidade de estudos para os filhos, a facilidade de locomoção de um lugar a outro e o acesso a medicamentos e a tratamentos médicos especializados, dentre outros exemplos. Ao chegarem a Irati, a maioria das benzedadeiras foi residir em bairros distantes do centro da cidade, o que não as impediu de conhecer novos espaços, com os quais passaram a interagir, e esse conjunto de experiências comuns a todas essas mulheres é interpretado por cada uma de maneira particular.

A benzedeira Marina comentou que, antes de ela e de sua família se instalarem definitivamente em Irati, saíram do campo e foram morar na capital - Curitiba - experiência que decepcionou a todos, fazendo com que se deslocassem novamente, daí, sim, vindo a estabelecer residência em Irati.

" Nós fomos para Curitiba primeiro, antes de vir para cá. (...) Fomos para Curitiba, fomos lá apenas para bater cabeça. Foi só para botar fora o dinheiro de nossa casinha na roça. (...) E aí, viemos para cá. Deus me livre, eu não me acostumei de jeito nenhum lá. Aqui, a gente tá acostumado a conversar com todo mundo; lá, não dão bola para a gente. "

(Marina, março de 2005)

Mesmo que a experiência de Marina não tenha sido positiva ao se mudar para Curitiba, decidiram não voltar a morar no campo, o que os levou à resolução de residir em Irati, para ficarem próximo de seus familiares. Não voltar para o campo foi uma decisão difícil, pois tanto Marina quanto seu marido comentaram que, apesar de seus planos de uma nova vida, tinham receio em perder os poucos bens (móveis e objetos pessoais) que ainda possuíam. Contudo, o marido de Marina encontrou rapidamente trabalho na cidade de Irati, o que levou essa família a fixar residência definitiva nesse local.

Apesar do firme propósito dessa família em estabelecer residência em uma cidade, a agitada vida em Curitiba na década de 60, deixou Marina muito chocada, pois estava habituada e plenamente integrada à vida do campo, onde são fortes os laços de amizade estabelecidos entre vizinhos das mesmas localidades. No período em que residiu em Curitiba, Marina não conseguiu estabelecer contatos com seus vizinhos, o que demonstra que amizade e solidariedade são fundamentais para essa benzedeira, valores e

vínculos esses que não se perderam, mesmo quando passou a residir em um bairro distante do centro da cidade de Irati.

“Ele veio para cá e encontrou serviço na Carvorite¹⁰. Aí ele chegou em casa e eu disse: 'Arrumou serviço?' Ele: 'Arrumei'. Eu: 'Onde?' Ele: 'Na Carvorite'. E disse: 'E vamos morar bem de a par da casa da sua mãe, não fica longe. (...) Moramos aqui, daqui fomos pagar aluguel, acho que moramos mais de três anos pagando aluguel, só para o seu Carlo três anos. Aí ele foi e comprou. Eu tinha um relógio, um fino de um relógio, e tinha um fogão a gás e um de lenha, bem novinhos. Ele pegou, estava trabalhando na Carvorite. Aí, um homem disse: 'Por que vocês não compram uma casinha lá na favela?' (que hoje é o Pró Morar). Aí, lá tudo coberto de lâmina¹¹, meu Deus do céu, feito de lâmina e coberto de lâmina. “Dava até tristeza de a gente olhar”.

(Marina, abril de 2004)

Marina contou sobre as mudanças que sentiu referentes à localização de sua nova residência, pois muitas pessoas desqualificavam algumas das regiões de seu novo bairro - Vila São João - devido ao fato de o mesmo abrigar casas muito simples. As condições gerais da nova casa de Marina, cômodos muito pequenos e localização bastante distante de pontos centralizados da cidade, eram condições bem críticas para essa família, o que no entanto não invalidou o fato de, mesmo em condições assim tão adversas, ser fator bastante compensador, devido do fato de não haver necessidade de pagarem aluguel. Com o passar do tempo, Marina e seu marido foram morar em uma outra casa, cuja localização era bem melhor que a anterior, pois ficava próxima a um pequeno centro comercial. No entanto, essa mudança gerou algumas dificuldades para essa família, devido ao aumento de despesas a que passaram a ficar obrigados.

¹⁰ Carvorite: indústria de carvão vegetal

¹¹ Lâmina: placas de madeira compensada, com múltiplos usos, por exemplo em embalagens ou na construção civil.

Neide, benzedeira que ficou viúva enquanto ainda morava no campo, partiu para a cidade apenas com os filhos, e também encontrou algumas dificuldades até a instalação definitiva da família. Mas como ainda tinha as economias que ela e o marido guardaram, comprou um terreno próximo ao centro da cidade. Nos anos 60, aquela região, conhecida hoje como bairro Stroparo, caracterizava-se por ser uma localidade pequena, com poucas ruas e só algumas casas, bem afastadas umas das outras. Mesmo assim, as vantagens advindas da proximidade do armazém e da escola dos filhos fez com que Neide optasse em morar nesse bairro.

“Eu não conhecia ninguém. Eram tudo estranhos, a minha casa foi uma das primeiras que saiu neste local. Eu mandei desmanchar a casa na roça e mandei montar ela aqui de novo.. Aí, eu fiquei meio esquisita aqui sozinha. Depois é que vieram os vizinhos da frente, do lado e outros. E a estrada aqui não era asfalto, era chão, quando mudei. Hoje, está melhorando. E a escolinha era lá mesmo; a escola era ali que eles foram estudar. (...) Mas senti medo, medo: só eu e meus filhos... Só Deus mesmo e os santinhos que cuidam.”

(Neide, março de 2005)

Aquilo que para Marina foi um problema (ter a própria casa) Neide resolveu com facilidade, mesmo estando sozinha com os filhos, em um local isolado, situação de "perder o sono", conforme ela mesma define. Atualmente, o bairro em que essa benzedeira reside encontra-se muito bem estruturado, com mais de uma escola, farmácias, supermercados, pavimentação e iluminação públicas. Em outros trechos de sua fala, Neide descreve como as pessoas, hoje seus atuais vizinhos, foram construindo casas e novos pontos comerciais. Hoje, ela se sente feliz por ter sido uma das primeiras moradoras dessa localidade, porém deixa claro os sacrifícios que teve de enfrentar. Deixar a vida no campo, irmãos, sogro, sogra e as demais

peessoas que também zelavam pelo seu bem-estar, foi difícil para Neide. Por outro lado, poder oferecer educação aos filhos era uma determinação na vida dessa mulher, que desejava dar a eles todas as oportunidades para que futuramente pudessem ter estabilidade na vida e constituir família.

Cada qual à sua maneira e condições, essas famílias foram capazes de resolver os problemas referentes à nova vida que iniciaram na cidade, porém nenhuma delas pôde deixar de enfrentar outros contratemplos, principalmente os relativos ao alto custo de alimentação e de vestuário impostos por esse novo estilo de vida, necessidades básicas a serem satisfeitas por qualquer um. Dessa forma, uma nova batalha passou a ser travada pelas benzedeadas: a capacidade de prover o sustento de suas famílias.

Assim, essas mulheres passaram a pôr em prática outras de suas habilidades: começaram a vender mercadorias em geral, a confeccionar roupas e peças de tricô, além de também trabalharem com venda de comidas caseiras. Tais trabalhos as ajudaram no estabelecimento de novos contatos sociais, o que também lhes propiciou a assimilação de novos conhecimentos, considerados por elas mesmas fatores de significativa importância em suas vidas.

De forma geral, essas jornadas duplas, ou triplas, de trabalho ocorriam simultaneamente às práticas da benzedead, já que, segundo todas as que exercem tal ofício, não se deve cobrar pela execução de tais práticas, nem mesmo ficar na expectativa de se poder vir a ganhar algumas prendas pela realização das mesmas. Isso exigiu das benzedeadas a reorganização referente à execução de suas atividades domésticas, o que as obrigou a um relativo desprendimento quanto ao tempo que despendiam nisso.

Dar conta das atividades domésticas, paralelamente à execução de práticas de benzeção, é algo que diretamente faz parte das preocupações das benzedeadas indistintamente, não só pelo fato da obrigatoriedade que eticamente assumiram para si mesmas no sentido ajudarem a todos os necessitados, mas também no que se refere ao cumprimento da "missão" que lhes foi destinada. Por isso, para todas é vital dar continuidade ao exercício de benzimentos, mesmo que, por vezes, não lhes seja possível ter disponibilidade absoluta para a realização dos mesmos.

Em seus depoimentos, nenhuma das benzedeadas chegou a afirmar diretamente que os recursos financeiros de que seus maridos dispunham não eram suficientes para garantir o sustento das despesas gerais da família. Porém, algumas das entrevistadas chegaram a comentar que precisavam, e também sentiam-se motivadas em desempenhar alguma atividade remunerada: para ajudar nas despesas da casa, e inclusive satisfazer um desejo de independência, ou mesmo para com isso poderem ter acesso à aquisição de bens materiais como objetos, roupas e utensílios domésticos.

“E nessa mulher eu trabalho depois do almoço, dia 18 de março vai fazer um ano. Eu já tinha trabalhado dois anos no asilo, aí eu saí de lá porque iam trocar de diretoria, e daí mandaram nós embora. Depois daquilo, eu trabalhava desde segunda-feira até o sábado nas casas. E trabalhei bastante, trabalhei um ano nas casas, aí me obriguei a sair, porque fiquei grávida desse menino aqui (apontou para o filho caçula.) Eu estou trabalhando agora, porque minha nora trabalhava nesta casa, minha nora que morava aqui. Daí ela engravidou e quis sair, daí a dona da casa disse: 'Olhe, você vá, você sai daqui, e daí eu quero que sua sogra venha trabalhar aqui.' Daí, eu disse: 'Acho que eu não vou trabalhar, tá, louco, com a minha idade!' 'Mas todo dia ela fala da senhora, para ir trabalhar lá, porque ela não quer outra pessoa, porque ela queria uma pessoa de confiança'. (fala da nora) Daí foi, e o outro é que precisam é uma droga, né? (sic). Meu marido só doente,

doente. Indo para Curitiba, e nós só gastando, gastando. Aí eu me obriguei a trabalhar. Para ajudar, porque que nem ele não está trabalhando agora, aí sou eu que faço compra, que pago água. Então a gente se obriga a trabalhar, já digo, para não passar fome.”

(Marina, abril de 2004)

Marina contou sobre as atividades que exerceu, logo após a sua chegada à cidade, quando encarou a realidade que a vida lhe impunha naquele momento, período em que tomou a decisão de trabalhar fora de casa. Conta que trabalhou durante muitos anos, até que ela e marido puderam dar melhores condições a todos os familiares. Mas, após o nascimento de seu filho caçula, Marina decidiu deixar seu emprego, passando a dedicar-se exclusivamente aos trabalhos domésticos e às práticas de benzeção. No entanto, devido ao precário estado de saúde do marido, Marina optou novamente pelo trabalho fora de casa.

Em sua narrativa, Marina comentou sobre seus sentimentos em relação à vida no período em que residia na cidade. Falou sobre os vários lugares em que teve oportunidade de trabalhar, enfatizando o quanto esses trabalhos foram importantes para ela. Mas não imaginou que, transcorridos 10 anos no desempenho unicamente de trabalhos domésticos e de benzeção, tivesse de ser obrigada a novamente reorganizar a sua vida, indo trabalhar fora de casa de novo. No entanto, nos 10 anos em que Marina não se ausentou de casa, realizou inúmeros benzimentos e orações, tanto para pessoas da vizinhança quanto para outras da cidade, dedicação essa que fez com que, nesse período, muitas pessoas procurassem por ela. Então, quando precisou voltar a trabalhar fora de casa, optou pela escolha de um serviço de apenas meio período, para assim poder ficar em sua casa durante o período da manhã, dando continuidade aos seus trabalhos como dona de casa e como benzedeira.

Dessa forma, vemos que ainda que enfrentem os mais diversos problemas familiares, a relação que todas as benzedeiros mantêm com o "dom" é levada em consideração quanto à disponibilidade de seu tempo para exercerem outros trabalhos, o que se deve à devoção e à forte ligação que mantêm com as entidades divinas que as protegem. Mesmo diante de situações adversas, elas jamais desistem de dar continuidade aos trabalhos de benzeção. Há a necessidade e a intenção de trabalharem, porém o sentido atribuído ao exercício de sua "missão" é de caráter prioritário em todas as escolhas presentes na vida dessas mulheres.

Neide, viúva, precisou de muita força de vontade para sustentar a família. Durante os primeiros anos em que morou na cidade, preocupou-se em ter uma atividade rentável, e começou a oferecer trabalhos de corte e costura para as pessoas.

“Já era meio de idadinha, e pegar serviço... Eu tinha máquina de costura, e lá eu costurava, e meti o pé na máquina de costurar. Aí, abri uma sala de costura ali. Vinha um, vinha outro, outro, outro. Trazer e arrumar outra, recortar e tudo. Sei que venci a batalha com costura. Aí, cansei de tanto costurar, não agüentava mais. Inchava meus pés, e eu só sentada na máquina, não era máquina de motor, era de pedalar. Aí, uma amiga minha tinha uma loja, e aí, ela me disse: ' Neide, eu vou lhe dar roupa para você vender, você ganha comissão, não precisa você costurar tanto, e o que tiver que arrumar você arruma e vende '. Eu disse: ' Traga '. Ela chegou, aí tinha outra varanda lá para trás. Vendi 10 anos roupas para ela.”

(Neide, março de 2004)

Sua disposição para trabalhar não significava problema, mesmo quando Neide comentou que “*Já era meio de idadinha*”. A atividade com a costura já lhe era familiar, pois sempre confeccionou as roupas para sua

família. E trabalhar em casa, próximo aos filhos, e podendo dar continuidade aos trabalhos de benzeção, era uma condição ideal. Mesmo assim, o acúmulo de trabalho deixou-lhe marcas na saúde, e ela, então, preferiu mudar de ramo de atividade, revelando habilidade em adaptar-se a novas situações. E seguiu por vários anos como revendedora de roupas.

Mais uma vez, temos o exemplo de que, mesmo em momentos cruciais da vida das benzedeadas, elas acabam encontrando meios possíveis para não terem de se desvincular das práticas de benzeção. O fato de não serem obrigadas a permanecer fora de casa está ligado diretamente ao sentido que essas mulheres atribuem à vida, na condição de benzedeadas: estarem sempre prontas para ajudar pessoas em momentos de necessidade.

Percebemos que a trajetória dessas mulheres não é a de uma vida tranqüila, sem grandes oscilações. São pessoas que, como tantas outras, sempre se mantiveram atentas e preocupadas com o bem-estar de suas famílias, chegando a não medir esforços para enfrentar as diversas dificuldades que surgem continuamente. Nas situações mais delicadas que vivenciaram, foram à luta, romperam barreiras e mostraram-se capazes de superar satisfatoriamente os novos obstáculos com os quais se defrontaram.

A visualização do papel da mulher exclusivamente como mãe e dona de casa foi aspecto comum no transcorrer de suas narrativas, principalmente nos momentos em que as benzedeadas teceram comentários sobre os maridos. Em determinadas circunstâncias, eles foram os principais responsáveis pela desistência dessas mulheres em exercer trabalhos remunerados fora do âmbito familiar, o que as obrigou a cancelar, a anular muitos de seus sonhos no tocante a esse aspecto. Sofreram coação direta por parte deles, para que não fosse possível irem em busca de novas

oportunidades. Mas mesmo que, aparentemente, tenham aceitado de forma passiva tais imposições, procuraram encontrar alternativas para superá-las, e encontraram novos caminhos para a construção tanto de independência financeira quanto de realização pessoal, dentre os quais destaca-se a plena dedicação ao exercício das práticas de benzeção.

Em todos os momentos da vida, inclusive no período em que residiram no campo, as benzedeadas mostraram ser mulheres lutadoras. E a oportunidade de morar na cidade, levar a vida em ritmo diferente ao qual estavam habituadas, abrir espaço quanto à hipótese de ter independência financeira, ocupar um lugar no mercado de trabalho, tudo isso despertou o interesse dessas mulheres no tocante à possibilidade de virem a estabelecer novas relações. E a necessidade de cumprirem a "missão", dando continuidade às práticas de benzeção, doravante exercidas na cidade, trouxe a essas mulheres significativas mudanças em suas rotinas diárias.

Amélia, antiga moradora do campo, local onde exercia as funções de benzedeadas e também de parteira, mudou-se para Irati, indo morar na Vila São João. Em sua narrativa, ela conta que quando ainda residia na zona rural, a movimentação de pessoas de fora em sua casa era uma constante. Mesmo que se esforçasse em atender a todos os benzimentos durante o dia, sua função como parteira a obrigava a sair de casa a qualquer momento, independentemente da escolha de dia da semana, e muito menos de horário.

“Não tinha hora nem do dia e nem da noite para eu atender o povo, e eu vencia. Só quando o Antoninho era pequenininho, tive que pegar uma moça sempre, para pajear ele,

pois eu sabia que viriam me buscar. Eu ia ao Rio Corrente, Pedra Preta, Monjolo, Assungui¹², para toda a parte, levar nenê.”

(Amélia, setembro de 2004)

Amélia sentia-se incomodada pelo fato de ter de passar muito tempo fora de casa, deixando por realizar todas as outras tarefas a seu encargo. Mesmo assim, trabalhava ainda mais, a fim obter meios, inclusive para pagar uma pessoa para cuidar de seu filho. Conta que, geralmente, quando realizava partos, as pessoas chegavam a lhe fazer pagamentos, o que a levou a pensar que, ao estabelecer residência na cidade, não teria mais a oportunidade de contar com esse dinheiro. O que levou Amélia a esse raciocínio foi o fato de haver hospital na cidade para a qual iria se mudar, mas qual não foi o seu espanto ao continuar sendo muito procurada na cidade, para que ali também desse continuidade aos seus trabalhos de parteira. Inclusive, essa benzedeira chegou até a receber um convite para trabalhar no próprio hospital de Irati.

" Dr. Felipe veio aqui em casa: 'Vou dar assistência para você'. Queria me recolher no hospital, mas veja só que burra eu, ele queria me recolher para trabalhar de parteira lá dentro do hospital, eu não quis, por causa daí digo: vão lá em casa benzer, atender as crianças, machucadura, e eu não estou em casa, fico só dentro do hospital. Agora esses tempos, ele me disse 'Viu, Amélia! Se você tivesse trabalhando dentro do hospital, tava aposentada dentro do hospital'. Mas eu que não quis, é assim."

(Amélia, setembro de 2004)

Amélia conta sobre o convite que recebeu para trabalhar no hospital como auxiliar de médicos e de enfermeiras, devido à sua grande

¹² Localidades rurais do município de Irati-PR.

afinidade com gestantes, e também às suas habilidades de conversar e, inclusive, de fazer orações, o que vem a significar o reconhecimento pleno de suas ações como parteira e, inclusive, como benzedeira.

Seu recusa relativa ao convite que recebeu deveu-se ao temor em, ao ser procurada no momento em que se encontrasse no hospital, não poder prestar o devido atendimento àqueles que necessitavam de seus rituais. Novamente surge a relação de confronto entre as benzedeiros partirem em busca de novas alternativas de trabalho fora de casa ou de darem continuidade ao exercício de suas práticas de benzeção. Mesmo que sempre a relação com a benzeção fale mais alto, as benzedeiros não deixam de medir o peso de situações novas que poderiam obrigá-las ao afastamento de suas práticas ritualísticas habituais.

Na verdade, não poderem dar continuidade às suas práticas de benzeção não é o único motivo que leva essas mulheres a não aceitar convites para o exercício de trabalhos remunerados fora do âmbito familiar. Dentre os mais diversos, não só para Amélia, mas também para outras benzedeiros, é significativo o fato de não se encontrarem em boas condições de saúde. Mas o peso maior que faz parte do questionamento de todas essas mulheres é o fato de que seus maridos não permitem que elas exerçam trabalhos fora de casa. Isso só vem a ser admissível em casos excepcionais.

“ Quando minha mãe casou, minha mãe tinha 13 anos, aquele tempo antigo né, e com 16 anos ela começou a trabalhar de parteira, mas ela já era mãe, decerto era vocação que ela tinha. Bem, eu nunca fiz essas coisa, bem, uma que meu marido não deixava. Era para eu ser professora, era para eu trabalhar até no hospital, mas meu marido não deixava, era muito ciumento.”

(Alice, dezembro de 2004)

Alice, cujos ensinamentos sobre benzeção recebeu da própria mãe, revela que não aprendeu a desempenhar a função de parteira, devido aos ciúmes do marido, já que teria de ausentar-se de casa durante muito tempo, inclusive à noite e também pela possibilidade de ter de vir a viajar. Mas essa mesma justificativa foi também utilizada, quando Alice recebeu outros convites para trabalhar em outras áreas.

"Eu tive estudo, graças a Deus eu tive, eu ia pra Teixeira Soares¹³, eu ia ser professora. Antigamente eu não fui professora, porque eu tinha 16 anos, e a cadeira era só para quem tinha 18 anos. Foi então que meu marido não deixou, não, meu marido não deixou. Meu Deus do céu! Eu tinha a maior adoração, nós trabalhávamos muito em teatro, sabe, tinha muito teatro na escola, trabalhei em teatro, aí comecei a ensinar as professora lá, ajudar elas a ensaiar as crianças, e eles queriam que eu me tornasse professora, e meu marido não deixou. Ele: 'É porque você tem que tá viajando e tudo.' Não deixou. E aí, quando fomos para Guaraniaçu¹⁴, os médicos lá do hospital me convidaram para eu trabalhar no hospital com eles. Que quando essa menina ficou doente (apontou a filha) eu fiquei uns vinte dias no hospital, e acabei ajudando eles lá no hospital e eles queriam que eu ficasse trabalhando lá, e ele também não deixou. Mas o hospital era ali, como se fosse daqui até o Santo Antônio (apontando o supermercado com o nome de Santo Antônio, próximo a sua casa) eu podia trabalhar, mas ele não deixava, não adiantava, né?"

(Alice, dezembro de 2004)

Alice mostrou-se entusiasmada quando contou sobre as passagens de sua vida em que obteve o reconhecimento de outras pessoas quanto às suas habilidades. Falou-nos principalmente de um momento especial de sua juventude, quando lhe foi dada a oportunidade de trabalhar como professora, profissão que seu marido também não lhe permitiu exercer.

¹³ Teixeira Soares: município localizado próximo à cidade de Irati

¹⁴ Guaraniaçu: município localizado na região oeste do Estado do Paraná

Ao mesmo tempo em que demonstra uma certa indignação quanto à atitude do marido em não lhe permitir trabalhar fora de casa, Alice afirma que reconhece que muitas oportunidades foram colocadas em seu caminho, e o fato de ela ser capaz de ajudar as pessoas a melhorar o estado de saúde, através das curas obtidas pelo efeito de seus benzimentos, foi algo bastante compensador em sua vida. Mas, mesmo assim, ela não deixa de sentir-se frustrada por não ter aceito alguns dos convites que recebeu, especialmente aquele que lhe foi feito para que trabalhasse como professora.

De qualquer forma, essa benzedeira não desistiu de buscar possibilidades para melhorar as condições gerais de sua família, o que a levou a passar a confeccionar roupas para crianças, pois possuía experiência suficiente para tal. O trabalho remunerado fora de casa não chegou a ocorrer, mas a busca por atividades rentáveis jamais deixou de fazer parte de sua vida.

Além da confecção de roupas infantis, atividade exercida paralelamente às benzeções que realizava, Alice também dedicou-se a outra atividade, cujos princípios lhe foram transmitidos por sua mãe: a manipulação de remédios naturais. Dessa forma, fazia pomadas e loções para uso externo, e vendia esses remédios. Mesmo que essa atividade não pudesse ser caracterizada como altamente rentável, seus remédios manipulados para melhorar a circulação, para varizes e cura de feridas passaram a ser muito procurados, o que levou Alice a ficar bem conhecida em outros bairros da cidade.

Além do reconhecimento obtido por seus trabalhos com benzimentos, Alice passou a ter agregado ao próprio nome a especificação de uma habilidade, passando a ser conhecida como " D. Alice que faz remédios

", forma carinhosa que as pessoas da cidade encontram para identificar as benzedeadas, que com isso passam a ser conhecidas, por exemplo, como: D. Dirce da Cera, D. Amélia parteira da Vila São João, D. Janda lá de perto do CAIC (Centro de Atendimento Integral à Criança - Vila São João), D. Amélia do Campo, D. Amélia Parteira, D. Natália lá do Camacua.¹⁵

Então, vemos que independentemente do fato de não poderem aceitar trabalho fora de suas casas, as benzedeadas, após se mudarem para Irati, inteiraram-se com a cidade, inclusive tornando-se conhecidas popularmente não mais apenas por seus nomes, mas trazendo agregado a eles o nome de diversas localidades da própria cidade. As benzedeadas interagiram com a cidade, mas a cidade não deixou de interagir com elas também, o que faz com que se possa dizer que essas mulheres foram capazes de constituir seu próprio território.

Dois livros de poesia, escritos por um memorialista da cidade, muito contribuíram para algumas das reflexões a respeito de relações que as benzedeadas estabeleceram com a cidade, principalmente entre 1970 e 1980. "Rio da Prata " e " Aleluia I e II " são obras de composição poética que revelam aspectos do cotidiano, fatos e nomes verídicos de cidadãos comuns e, inclusive, o de algumas das benzedeadas da cidade de Irati, que chegam a ser identificadas pelos tipos de benzimentos que faziam, e também pelo nome das localidades onde residiam, como podemos ver pelos exemplos seguintes, retirados desses dois livros:

¹⁵ Camacua: bairro da cidade de Irati, cuja localização é relativamente distante do centro da cidade. Camacua faz divisa com o bairro Rio Bonito, onde, na história da cidade, sempre houve grande concentração de benzedeadas.

"D. Paula benze na Rua do Aterro
D. Amália benze berruga na Rua XV cai tudo no dia seguinte
D. Ana benze de susto em Gutierrez
D. Bina da Lagoa
D. Zilda da Rua 24 de Maio
D. Natália doença de mingú na Rua 15 de Julho
D. Paulina estômago rendido
D. Helena costura rendidura na Rua da Liberdade
D. Maria Amaral benze tudo do Isal
D. Iracema em Riozinho
D. Angelina Marcante no Rio Bonito
D. Luísa estanca hemorragia, benze cobreiro na Rua Coronel Gracia
D. Stefânia de susto no tanque do Matikewicz
D. Tereza Tabis em Gutierrez
D. Adair Bettes Otto cobreiro, ar,
bichas assustadas, mau- olhado,
quebrante na Rua João Cândido Ferreira
D. Maria sapinho no pano e linho no Iraty Velho"

(ORREDA, 1978)¹⁶

Nas narrativas poéticas desse autor, é possível encontrarmos, dentre outros, relatos sobre religiosidade, manifestações artísticas e esportivas, curiosidades sobre culinária, menção a nomes de vários estabelecimentos comerciais da cidade, além de especificações de atividades autônomas de trabalho exercidas por profissionais de Irati. Quando Orreda cita as benzedeadas, refere-se a elas nomeando-as pelos benzimentos que mais freqüentemente realizavam, além de também fazer menção ao bairro em que essas mulheres moravam. Hoje, a maioria desses locais não existe mais, ou teve seu nome alterado, devido à ampliação do quadro urbano da cidade. Mas

¹⁶ ORREDA, José Maria. **Rio da Prata . Aleluia**. Irati, PR: Edipar, 1980.

muitas pessoas e familiares dessas benzedeiros carregam em suas lembranças a grande dedicação delas às práticas de benzeção.

O autor menciona " D. Maria benze sapinho no pano e no linho no Irati Velho ", benzedeira que morou mais de 70 anos nesse local, e que veio a falecer em maio de 1993, aos 91 anos. Algumas famílias iratienses contam que foram várias as gerações (avós, mães e netos) que chegaram a freqüentar a casa dessa benzedeira, à procura de seus rituais. Além dos relatos de moradores do bairro de Irati Velho (atualmente Vila São João), ouvimos muitas histórias sobre as práticas de Maria Sabatowisk em outros espaços da cidade.

A dedicação das benzedeiros a suas práticas, a forma carinhosa com que sempre receberam as pessoas em suas casas, somadas à necessidade daqueles que para lá se deslocavam em busca de benzimentos para a cura de males físicos e emocionais, trouxe a todas as benzedeiros uma visão positiva quanto ao fato de terem se mudado para a cidade: trouxe-lhes o reconhecimento e a legitimidade de seus trabalhos de benzeção.

As narrativas possibilitaram o conhecimento de muitas das significativas experiências de vida das benzedeiros de Irati, que mostraram que as relações que estabeleceram com a cidade foram muito positivas, apesar de todos os percalços que tiveram de enfrentar. Para todas, a descoberta de novas amizades e o reconhecimento do valor dos trabalhos que executam foram fatores altamente marcantes .

“Muita gente, quem vem nunca esquece, nunca mais esquece, nossa! Veja, às vezes, é alguém que eu nem conheço, vem na rua e dizem' a senhora me curou disso, a senhora me

curou daquilo'. Nossa! A gente agradece a Deus. Eu fico feliz, muito feliz, porque a pessoa acreditou que é bom".

(Alice, dezembro de 2004)

" Não perco missa, todo sábado vou na missa, se não vou no sábado, vou no domingo. É mentira o sábado que eu não vou na missa, você não vai acreditar, porque eu vou todo sábado na missa. Vou entrando, e vão dizendo: ' Oi, D. Neide, oi D. Neide.' Eu respondo: ' Oi, oi. ' Todo mundo me conhece, eu não conheço as pessoas direito."

(Neide, março de 2005)

Depois de anos e anos de benzeção, as benzedeadas perdem a conta de quantas pessoas já ajudaram através de suas práticas. No entanto, os que foram ajudados são os que contribuem diretamente para a divulgação das práticas de benzeção, o que gera o aumento pela procura das mesmas. O sentido de reconhecimento das benzedeadas é algo que as toca de maneira especial, principalmente quando elogios, agradecimentos e relações de carinho são demonstrados fora do espaço de suas casas.

Sair às ruas, freqüentar os espaços que a cidade oferece indistintamente, onde pessoas vão e vêm, pessoas de todas as profissões e classes sociais, ir a igrejas, farmácias, agências bancárias, enfim desfrutar de todos os espaços que a cidade oferece, faz com que as benzedeadas voltem seu olhar para a própria trajetória de vida, demonstrando o quanto se sentem orgulhosas pelas manifestações de agradecimento e de reconhecimento que habitualmente recebem de conhecidos, pelo papel que exercem como benzedeadas. Mulheres que viviam relativamente no anonimato, que apenas tinham sua atenção voltada para a família, para a própria casa e para práticas

de benzeção, foram capazes de deixar seus nomes gravados como sujeito que foram das próprias histórias, e inclusive da história da cidade de Irati.

As relações e os fortes laços de amizade que estabeleceram em sua nova vida na cidade e, principalmente, a ampliação dos contatos que puderam ter com outras benzedeadas, possibilitando-lhes assim estreitar laços de amizade com aquelas com quem podiam, por vezes, desabafar e discutir questões específicas relativas à tensão a que são submetidas em momento ritualísticos, são fatores altamente marcantes nas histórias de vida dessas mulheres.

“Eu tenho amizade ali com a D. Amélia ali do campo, e a Janda, e essa D. Marcela. D. Amélia que mora ali perto do colégio, ela está muito doente, e a D. Marcela é aquela que eu já lhe falei uma vez, que mora perto da fábrica de cadeiras. E a D. Janda é uma velhinha que mora lá perto do CAIC, aqui, olha lá em cima naquelas casas (apontando pela janela de sua cozinha a casa dessa senhora) ”.

(Marina, abril de 2004)

Ainda nos tempos em que Marina ainda não havia iniciado suas práticas de benzeção, já se relacionava com esse universo, quando suas vizinhas na cidade indicavam-lhe algumas benzedeadas, as quais Marina chegava a procurar, mesmo que algumas vezes fosse só para uma visita informal. Em meio a todas as amigadas que estabeleceu nesse período, uma merece destaque especial, por ter transmitido a Marina segurança e encorajamento, aspectos que muito a sensibilizaram, deixando-lhes profundas marcas na memória.

“Uma mulher indicou, por isso que digo que ela é uma mãe para mim. Esse meu Romair, ele estava doente, doente. Aí tinha uma benzedeadada aqui por perto, era Cecília o nome

dela, daí eu apartei¹⁷ ele, daí eu fui na casa de uma vizinha, e aí essa vizinha dava de mamar a uma menina, e o piá tava espertinho, brincando, só não deixei ele ver ela dar de mamar. (...) Ela disse: 'Marina, você apartou o piá, é bom moer um dentinho de alho, e tirar o leite da mulher que tem menina e dar para ele tomar'. Eu disse: 'É?' Ela disse: 'Quer que eu faça?' (...) Ela pegou e fez aquilo, só demos aquilo na boca, o piá nem terminou de engolir, o piá parece que morreu, o piá fechou os olhos, e eu: 'Romair, Romair, Romair'. O piá nem ligava, ficou bem mole. (...) Aí ela disse: 'Marina do Céu, corra, corra, vá lá na D. Cecília, corra benzer esse piá, senão ele vai morrer nos teus braços'. Eu me mandei com ele na mulher. Era bem de tarde já. Nós não dormimos nada de noite com o piá, e ainda no outro dia cedo eu não tinha pão. Peguei, bati um bolinho, deixei uma tigela de bolo ali fritando, peguei o piá, se mandamos lá, ainda bem foi a menina da vizinha comigo, ainda bem. Fomos e se perdemos, pois aquele tempo não tinha casas, só estrada, nem era asfaltado. Achamos a casa da mulher, chegamos lá e eu contei o caso. Eu disse: 'A senhora que é a D. Marcela?' Ela disse: 'É'. Ela olhou prá mim, e deu uma risadinha, e disse: 'Ele vai sarar, mas você tem sofrido bastante com esse piá, não é? E vai sofrer mais um pouco, mas ele vai melhorar'. Daí ela benzeu o piá e tudo."

(Marina, abril de 2005

Nesse momento de tensão, ao ver o filho passando tão mal, Marina logo pensou em uma forma de salvá-lo, o que a levou a procurar imediatamente a benzedeira que lhe fora indicada, mesmo que não tivesse o menor conhecimento do local para onde deveria se dirigir. Mas Marina sentiu-se recompensada por todas as dificuldades que enfrentou, ao presenciar a rápida melhora das condições de saúde do filho, após o benzimento que recebeu de Marcela. Uma mãe presenciando o milagre da cura de um filho já seria fato marcante na vida de qualquer mulher, mas, segundo a própria Marina afirma, depois daquele momento, passou a ver as práticas de benzeção com outros olhos, pois além da cura em si de males que afetam a saúde, o

¹⁷ "Apartei": momento em que as mães interrompem o aleitamento materno.

conforto emocional que lhe foi transmitido por Marcela foi de importância fundamental para ela, não só naquele momento, mas por ter-lhe servido de exemplo para o resto da vida, principalmente após dar início às práticas de benzeção que passou a realizar, anos depois dessa forte experiência que teve com a benzedeira Marcela, a quem, até hoje, muito admira.

Diferentemente de Marina, a benzedeira Alice já realizava benzimentos quando chegou a Irati, cidade na qual sua mãe e sua irmã já moravam. Era um prazer para Alice conversar com pessoas, onde quer que estivesse, no supermercado, na Igreja, nas comemorações feitas na cidade. Essa benzedeira sempre se manteve atenta a novos aspectos que a vida na cidade pudesse lhe oferecer. Segundo ela,

“Aqui em Irati, tem gente muito boa, muito humana, cidade hospitaleira, que todo mundo acredita, né? Eu tenho feito curas até para quem não é católico. Nossa, quanta cura! Deus não existe dois dele. É nosso, é de todos. (...) É uma cidade abençoada, que aquela Nossa Senhora lá do morro está olhando por nós, a Nossa Senhora das Graças. Ajuda muito. Tem que acreditar e rezar.”

Alice, dezembro de 2004)

A grande dedicação da população de Irati em geral, no sentido de sempre estar pronta para ajudar o próximo, e principalmente o fato de haver respeito e ser usual a utilização de rituais de benzeção, fez com que as impressões de Alice a respeito da cidade fossem as melhores, o que, na verdade, foi fator positivo comum na adaptação de todas aquelas que se deslocaram do campo para a cidade. Das diferentes experiências de Alice, destaca-se o fato de ela ficar muito sensibilizada, quando comenta a respeito de suas impressões sobre a grande imagem existente no alto da cidade, posicionada de braços abertos, como que a abençoar Irati.

Instalada em 1957, por ocasião das comemorações do cinquentenário da emancipação política da cidade, e contando aproximadamente com uma altura de 22 metros, e imagem de Nossa Senhora das Graças foi, gradativamente, ganhando a atenção dos fiéis. Localizada no bairro Colina Nossa Senhora das Graças, além de ser um atrativo turístico, passou a ser ponto de encontro para a realização de novenas, missas, e também de alguns batizados¹⁸.

Imagem de Nossa Senhora das Graças Irati-PR.
(Foto: Vania Vaz, dezembro/2005).



A pequena capela localizada aos pés da imagem vem a ser um local bastante procurado por fiéis, que ali depositam flores, fotografias e placas de agradecimento por graças recebidas. Alice e outras benzedeadas também freqüentam tal local, fazendo dessas visitas momentos especiais para

¹⁸ Batizados realizados paralelamente aos da Igreja Católica, porém caracterizando-se pela ausência da figura de um padre. Geralmente, são realizados com "pagamento de promessas" por graças recebidas.

rezas, além de, inclusive, desfrutarem tanto da magnífica vista que o local possibilita quanto da própria inspiração de fé que ele proporciona.

Além desse ponto de referência religiosa, conhecido como “Morro da Santa”, a devoção a outros santos e a menção a mais espaços "sagrados" da cidade foram aspectos também mencionados nas narrativas das entrevistadas. A possibilidade de vivenciar o espaço em que se localiza a grande imagem de Nossa Senhora das Graças é agradável para algumas benzedeadas, devido ao sentido religioso que atribuem ao local; outras, já preferem fazer orações e manter suas devoções a santos em espaços mais reservados, o que explica que um mesmo local, considerado pela maioria da população como "sagrado", não é interpretados por todas as benzedeadas da mesma forma.

“E a devoção para Santo Antônio começou lá no Rio Bonito, com a Nhá Maria Rosa, falecida, não sei se você conheceu a falecida Nhá Maria Rosa. Ela era uma benzedeadas também curandeadas, e nós ia lá. Ela fazia as festinhas de Santo Antônio, então meu marido naquele dia levantava da cama, dizia 'tô me aprontando' ... e vamos lá para a casa da Nhá Maria. Meu marido era o caixa do dinheiro, porque ela fazia leilão, só que eu não faço. Bom, daí nós ia todo ano, quando foi... ela veio, ela morreu, a velhinha”.

(Amélia, setembro de 2004)

Quando fez menção a novenas, Amélia referiu-se especificamente a uma que lhe foi ensinada por D. Maria Rosa, também benzedeadas, residente no bairro Rio Bonito, distante da casa de Amélia, o que não significava problema, muito pelo contrário, pois era bem mais importante para esse casal a possibilidade de poderem se encontrar com vários conhecidos. Frequentar as reuniões em casa de Nhá Maria Rosa era uma oportunidade de chegarem a conhecer novas pessoas, observar a relação

dessa benzedeira com seus santos de devoção, e também de desfrutar da abertura de uma oportunidade para Amélia conversar sobre práticas de benzeção.

Amélia sempre se mostrou uma observadora atenta de tudo o que estivesse ao seu redor. Mesmo criança, era grande seu interesse em freqüentar a escola, o que não lhe foi possível fazer por muito tempo, devido às responsabilidades que teve de assumir desde cedo, no tocante à execução dos serviços domésticos de sua casa e à educação dos irmãos. Já na cidade, aproveitou os encontros no asilo, ou nas novenas, para conversar e conhecer a realidade de outras mulheres, benzedieras ou não. Logo que foi morar em Irati, na década de 60, teve a oportunidade de realizar um curso dirigido às parteiras que atuavam na região, e dedicou-se com afinco a ele, sentindo-se orgulhosa por isso.

“Daí que eu fui fazer estudo, durante seis meses de estudo, o curso que eu tenho diploma. O falecido Dr. Zanetti e o Dr. Fornazari, que você conhece, e o Dr. Renato e o Dr. François, eles me deram o diploma que tenho até hoje. (...) Tinha 74 parteiras de toda a região, e destas 74, só tem eu e mais uma em Gutierrez vivas; as outras, são todas mortas.”

(Amélia, setembro de 2004)

Amélia também teceu outros comentários referentes ao seu deslocamento do campo para a cidade. Além do grande valor que atribuiu aos estudos, mencionou que a vida na cidade diferia da do campo, principalmente devido à presença de hospitais e médicos, estrutura da qual essa benzedeira não pôde dispor no momento em que sua mãe mais precisou. São situações como essas que contribuem para a reflexão dos sentimentos presentes na vida

dessas mulheres, possibilitando o conhecimento de valores, conceitos e tradições envolvidos em sua trajetória pessoal.

Hoje, são poucas as informações de que dispomos sobre o curso para preparação de parteiras que Amélia fez no hospital da cidade, porque dentro de um grupo de mais de vinte mulheres, somente ela e outra colega encontram-se vivas. Dos médicos do hospital, só alguns têm um vago conhecimento de tal curso, mesmo assim adquirido através de conversas com colegas, que não chegaram a ser os professores responsáveis por tal curso preparatório. Daquela época, mesmo, alguns médicos já vieram a falecer, e outros que tiveram participação ativa no evento já se encontram aposentados.

A priori, os comentários de Amélia são de que o curso em questão tinha por objetivo informar às benzedeadas sobre os riscos envolvidos na realização de alguns partos, sem o acompanhamento médico adequado para a ocasião, sendo que as próprias benzedeadas poderiam ajudar na transmissão dessas informações junto às gestantes, pois nesse período não eram poucas as mulheres que realizavam seus partos fora de hospitais. Os médicos acreditavam na hipótese de que as benzedeadas-parteadas poderiam dar as devidas orientações quanto a primeiros socorros, e também quanto aos procedimentos de higiene necessários na utilização do instrumental específico para partos.

Praticamente, Amélia não se referiu ao curso em questão nesse sentido, mas, no decorrer de sua fala, ficou nítida sua expressão de alegria por tê-lo realizado, devido, principalmente, ao fato de ter recebido um diploma por sua participação. Certamente para ela, a importância das lembranças do curso de parteira não se relacionam diretamente aos conhecimentos que

adquiriu, mas sim ao sentimento de respeito que o exercício desse trabalho lhe proporcionou. Nessas circunstâncias, pode-se perceber os sentimentos de alegria expressos por Amélia pelo reconhecimento e pela legitimação de seus conhecimentos como parteira e, inclusive, como benzedeira.

Em nenhum momento de seu depoimento, Amélia fez qualquer comentário a respeito de alguma imposição que os médicos responsáveis pelo curso tenham feito. Mencionou, inclusive, que eles jamais menosprezaram os métodos utilizados pelas parteiras, algumas delas também benzedeiras, no acompanhamento de partos. Na realidade, o objetivo do curso era ampliar os conhecimentos de tais mulheres sobre partos, sobre a higiene necessária dos instrumentos utilizados para isso e, principalmente, orientá-las no sentido de terem o domínio necessário para o reconhecimento de situações de risco para as gestantes, para que, nesses casos, fossem capazes de fazer o aconselhamento necessário às parturientes no sentido de procurarem com urgência um hospital.

Segundo Amélia, foi grande o número de mulheres que freqüentaram o curso para parteiras. Dentre todas, algumas só eram parteiras, mas, com o passar dos anos, muitas delas passaram também a realizar benzimentos, principalmente devido ao fato de, com o avanço da idade, haver comprometimento quanto à facilidade de locomoção de um lugar para outro, inclusive deixando também de haver a disposição necessária para passar horas e horas seguidas trabalhando por ocasião de um parto.

Assim como Amélia, outras mulheres devem ter se dedicado plenamente ao curso para preparação de parteiras, incorporando os novos conhecimentos que adquiriram às práticas que realizaram nessa área. Parteiras domiciliares sempre procuram manter uma boa relação com

médicos da cidade, e jamais desmerecem os procedimentos da medicina tradicional, mantendo o devido respeito por quaisquer atividades e métodos empregados pelos profissionais dessa área.

Devemos esclarecer que histórias referentes a partos e a outros fatos relacionados a cuidados com gestantes não fizeram parte do eixo central desta pesquisa. Contudo, em alguns momentos no decorrer das entrevistas, surgiram depoimentos referentes a situações dessa espécie.

As benzedeadas estabelecem múltiplas relações com pessoas da cidade, mas não deixam de também estabelecer relações entre si mesmas, através de contatos diretos, oportunidade propícia para o aprendizado de orações, gestos simbólicos e de muitas das práticas de que se utilizam comumente, as quais, ao serem reproduzidas, exercem influência tanto em suas vidas quanto nas práticas que executam. Assim, essas mulheres acabam recebendo influência das pessoas da cidade, em geral, com quem mantêm contato, de outras benzedeadas e, inclusive, daqueles que as visitam em busca de benzimentos.

Tais relações de ordem pessoal, unidas a outras tantas, é que formam o universo maior das relações que as benzedeadas estabelecem com a cidade de Irati. Suas conversas e ações como pessoas vão além das práticas de benzeção que realizam em suas casas, porque as benzedeadas procuram adquirir múltiplos conhecimentos: além de mostrarem interesse por temas afins relativos ao ofício que exercem, gostam de ouvir a opinião de outras pessoas, ganham forças nas demonstrações de solidariedade que recebem e nas relações de amizade que estabelecem com os mais diversos habitantes da cidade. E todo esse leque faz com que valorizem e queiram dar prosseguimento à missão que lhe cabe como benzedeadas.

Transitar por vários bairros da cidade de Irati, observar de perto o modo como as benzedeadas se relacionam com as pessoas que procuram por seus benzimentos, poder conversar diretamente com elas sobre suas experiências de vida, possibilitou-nos a reflexão sobre os componentes envolvidos no universo da benzeção, tão repleto de conhecimentos e de valores múltiplos.

Para as benzedeadas, a cidade é vista como um espaço de oportunidades, de conquistas, mas também de tensões e lutas, que essas mulheres souberam tão bem superar em suas trajetórias pessoais, já que tiveram seus desejos e vontades realizados. Mesmo tendo morado em bairros afastados do centro, em momento algum tal fato significou obstáculo para que alcançassem a condição de símbolos de fé, servindo também como exemplo de vida para as demais pessoas que com elas conviveram.

Não foram poucas as vezes em que não puderam inteirar-se plenamente com os múltiplos espaços de Irati, devido ao tempo despendido na execução de seus benzimentos, ou mesmo por apresentarem dificuldades de locomoção, devido a problemas de saúde. Mas as portas de suas casas sempre estiveram abertas a todos da cidade, ao estarem permanentemente prontas para receber qualquer pessoa que procurasse por benzimentos, independentemente de classe social, raça ou profissão. Com as pessoas das redondezas, chegaram a travar laços de amizade intensos, pois nessas relações, e também nas que se estabeleceram em decorrência de contatos que travaram com os que buscavam sua ajuda, desenvolveram o papel de conselheiras, inteirando-se de assuntos como venda de imóveis, perspectivas de viagens, desentendimentos familiares e situações de fragilidade emocional, por exemplo. De uma forma ou de outra, tudo o que ocorre na cidade passa

pelo olhar dessas mulheres, seja pelas próprias vivências, ou pela daqueles que as procuram.

Atualmente, Irati conta com mais ou menos 50 mil habitantes, mas nas décadas de 50, 60 e 70, período em que as benzedeadas chegaram a essa cidade, esse número não passava de 25 mil. Dessa forma, essas mulheres puderam acompanhar bem de perto o crescimento da cidade, puderam acompanhar o crescimento de bairros, principalmente daqueles em que residiam, presenciaram também o aumento da oferta do número de vagas para empregos, e também lhes foi possível conhecer os novos moradores que para a cidade se dirigiram, vindos do campo, ou mesmo de outros municípios.

Nas falas das benzedeadas, os bairros mais citados foram: Vila São João, Rio Bonito, Nhapindazal, Riozinho e Stroparo, bairros urbanos mas que, no entanto, carregam ainda nos dias atuais traços de uma estrutura familiar característica do campo, pois neles encontramos hortas, pomares, além da dedicação à criação de animais. Ainda quando considerada em sua totalidade, Irati não deixa de ser uma cidade interiorana, onde mesmo as pessoas residentes no centro urbano não deixam de repetir muitos dos hábitos típicos do campo, com destaque especial para um deles, que é o estabelecimento entre conhecidos de relações pessoais com fortes vínculos de solidariedade.

Para as benzedeadas que se mudaram para a cidade, em busca de novas oportunidades tanto para si quanto para a própria família, foi bastante significativo terem encontrado muitos dos valores e costumes aos quais estavam habituadas desde a época em que residiam no campo.

Assim, podemos considerar que a solidariedade e a amizade foram aspectos de importância fundamental na adaptação dessas mulheres à cidade de Irati, independentemente de todos os percalços que cada uma delas teve de enfrentar nessa trajetória.

II CAPÍTULO

Uma palavra carregada de fortes significados para as benzedeadas: “dom”

Pode-se dizer que nas narrativas de todas as benzedeadas entrevistadas, a palavra que surge com maior frequência é "dom", empregada com diferentes atribuições, que relacionam esse termo a inúmeros significados. No Dicionário da Língua Portuguesa, de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, os sentidos atribuídos à palavra "dom" são: 1. donativo, dádiva, presente (...); 2. dote ou qualidade natural, inata; 3. mérito, merecimento, vantagem; 4. poder, virtude, privilégio.

Cada uma dessas referências relaciona-se com o sentido que as benzedeadas dão a esse termo. Todas elas sentem-se presenteadas ou agraciadas com o dom que receberam, podendo esse processo ter ocorrido de maneira inata para algumas delas, enquanto que para as demais chegou a ser desenvolvido a partir dos ensinamentos que lhes foram transmitidos por outras benzedeadas. Em algumas situações, essas mulheres também relacionam seus conhecimentos ao grande poder das entidades divinas que elas próprias representam, o que, de certa forma, faz com que se sintam privilegiadas com essa condição. No entanto, as benzedeadas sempre exaltam que apenas servem de canal de ligação entre o mundo material e as entidades divinas que detêm o poder de cura. Para as benzedeadas, de forma geral, o uso habitual do termo "dom" engloba todos os conhecimentos envolvidos no universo da benzeção.

Em várias situações de suas narrativas, o uso do termo "dom" está diretamente ligado ao respeito que as benzedeadas devem às entidades divinas, de quem receberam seus conhecimentos específicos. Sentem-se como

se houvessem recebido um presente de Deus, algo muito sagrado que, como devotas de santos e santas, devem respeitar. Nessas situações, as benzedeadas desenvolvem várias relações, como demonstrações de fé e manifestações de solidariedade. Solidariedade em nosso contexto é representada por ações feitas para pessoas carentes, em suas comunidades, tanto no que diz respeito à ajuda de famílias que passam por dificuldades como também quanto ao aspecto de serem elas mesmas ajudadas pelos demais membros da comunidade de que fazem parte.

Além do fato de terem o dom e o desenvolvimento do mesmo, ainda torna-se necessário o reconhecimento desses aspectos por parte das demais pessoas da sociedade. Tal reconhecimento se dá não só pela eficácia dos benzimentos mas também pelas demonstrações de fé que essas senhoras apresentam para todas as pessoas que as procuram, como, por exemplo, o respeito às imagens sacras, às novenas e aos louvores oferecidos a santos e santas.

Nessas relações estabelecidas com as entidades divinas, observaremos que as benzedeadas não se apresentam como representantes diretas dessas entidades, mas, ao contrário, fazem questão de mostrar que, quanto à eficácia de cada benzimento, há algo maior, divino, que rege os momentos de cura.

É nesse meandro que surgem as relações benzedeadas-cliente, e, por mais que essas mulheres dotadas de dom afirmem que algumas pessoas às quais atendem vêm até elas apenas para testá-las, sabem que grande parte delas apresenta expectativas de cura. Sendo assim, procuram não decepcioná-las e, inclusive, buscam mostrar que motivação de fé também é importante para aqueles que desejam curar-se, e, nas constantes manifestações de

agradecimento pelas graças ou milagres recebidos, afirmam que sempre devem levar o bem a todos.

A expressão "sentir-se presenteada", que margeia muitos dos relatos, é carregada dos mais diversos significados: cada benzedeira sente-se presenteada e faz diferentes interpretações a esse respeito. Tanto relacionam com o contato de novas amizades por parte de diferentes pessoas que vão até suas casas quanto com a oportunidade de um contato mais próximo ou direto com as entidades divinas que elas representam. As benzedeiros afirmam que não são representantes diretas dessas entidades, mas sim da força desses santos e santas que as orientam. Isto, em harmonia com a fé da pessoa que recebe os benzimentos, faz surgir a cura, gerando, além da autoconfiança das próprias benzedeiros no poder que possuem, a construção de um grande vínculo de confiabilidade junto a seus clientes.

Tais senhoras dotadas de "dom" comentam sobre um contínuo bem-estar que sentem por poderem oferecer benzimentos a pessoas que deles necessitam, seja pelo conforto em ver seus clientes, principalmente, segundo elas, as crianças, saírem sorrindo de suas casas após terem recebido algum benzimento, como também por terem a oportunidade de ajudar aqueles que estão atravessando períodos de problemas, os quais aparentemente são impossíveis de serem resolvidos. E elas, como benzedeiros, são capazes de ajudar os necessitados, através de orações e de muitas conversas.

No decorrer de suas narrativas, essas mulheres falam sobre toda a fé que depositam nos benzimentos, devido à profunda relação de respeito e devoção que estabelecem com as entidades divinas que lhes dão suporte. Em suas falas, surgem as lembranças de momentos bem especiais, em que pessoas que estavam desenganadas receberam a cura de suas doenças, e consideraram

terem sido agraciadas por verdadeiros milagres, através das práticas de benzeção. Mas também surgem outros relatos de momentos tristes, alegres ou corriqueiros.

É provável que, visto por esse prisma, as benzedeadas ainda não tivessem contado para ninguém suas histórias pessoais. Ao mesmo tempo em que construíram um texto oral em suas narrativas, foram elaborando uma espécie de autobiografia, onde reordenaram os fatos em suas memórias, buscando sempre narrá-los com a devida atenção e representação que merecem, realizando, dessa forma, para si mesmas um balanço da própria vida. Quando falaram de fatos importantes, procuraram reproduzir todo um contexto para essa apresentação. Comentaram sobre os lugares, enfatizaram nomes de pessoas e, muitas vezes, lembraram-se de expressões e gestos que realizaram em determinados momentos.

No exercício da prática do benzer, essas mulheres constantemente realizam orações e têm seus instantes de grande concentração espiritual, momentos em que, realmente, elas rompem as barreiras entre o material e o espiritual. São situações em que comentam terem tido a experiência da ocorrência de presságios, através de sonhos e contatos com pessoas já falecidas. São ocasiões de muita concentração, onde um canal direto de comunicação é aberto junto às entidades divinas. Nessas circunstâncias, algumas benzedeadas aprenderam diferentes rituais e outras receberam instruções de como agir em situações mais delicadas, que envolviam a condição de saúde de seus clientes.

" (...) Eu obedeço a ela. A minha mãe está morta, mas está entre nós. Que ela nos orienta (ela e a irmã, que também era benzedeadas). Minha mãe é orientada, muitas coisas assim ela tinha a missão. (...) Às vezes, ela ia trabalhar com um problema muito pesado, já

vinha o aviso para ela. É um dom de Deus, é uma proteção de Nossa Senhora, que muitas coisas ela explicava, era guiada por ela. Muitas coisas a gente sabe e é guiada por ela (a mãe).”

(Alice, março de 2004)

Alice nos conta tanto sobre a ligação de sua mãe com Nossa Senhora quanto sobre a ligação que ela própria mantém com a mãe, mostrando uma relação de grande respeito e confiança para com sua mãe. Revela a ajuda que entidades como Nossa Senhora prestam, quando estão presentes em situações delicadas de benzimentos, em que só é possível contornar os problemas seguindo as orientações divinas. Apresenta também sua visão sobre o dom: " *É um dom de Deus, é uma proteção de Nossa Senhora...*". Alice também traz o sentido da palavra "dom" como um presente, uma dádiva, e atribui o sentido da proteção divina que sua mãe (D. Rosa) recebia enquanto benzedeira, por ser ela uma pessoa especial que podia ter o canal de contato com a santa.

Em nenhum momento durante as suas entrevistas, Alice comentou que também fosse orientada por essa santa, porém, como mostra o trecho abaixo, ela nos fala da ligação que teve com sua mãe, de quem ainda continua a receber orientação. A relação entre mãe e filha e, em meio a essa ligação, o dom pelo benzer foi algo que sempre acompanhou as vidas de Alice e de sua mãe - Rosa.

"E ela é orientada, muitas coisas assim ela tinha, tinha a missão. Que eu, antes de eu nascer, eu vim para ela antes de eu nascer, eu vim para ela e falei para que ela ganhasse eu, ela tinha que fazer uma operação, porque a placenta ia ficar toda grudada. Então, quando ela ganhou eu, ela teve que fazer. Aí os remédios, tudo que ia tomar fui eu que

ensinei ela. Então, quer dizer que ela é uma, uma que sabe que a gente não pode nem, nem não tem como eu contar.

(Alice, março de 2004)

Mais do que uma relação entre benzedeira e entidade divina, Alice comenta sobre forças sobrenaturais que regem sua ligação com a mãe (D. Rosa), inclusive, presságios e visões. Mesmo que não tenha chegado a fazer mais comentários a respeito da aparição de sua imagem para a mãe, mesmo antes de seu nascimento, Alice fica constrangida e sem palavras que expressem nitidamente a imagem que faz de D. Rosa: " *Então, quer dizer que ela é uma, uma que sabe que a gente não pode nem, nem, não tem como eu contar.*"

Alice sempre comentou sobre sua dificuldade em expressar por palavras a relação que manteve com a mãe, a admiração que tinha pela figura de D. Rosa, por todos os conhecimentos que habilmente dominava. Para Alice, era difícil entender a função, ou mesmo fazer uma imagem clara da mãe, o que pode vir a traduzir a sua dificuldade em encontrar as palavras certas que expressassem o sentido das forças sobrenaturais envolvidas nessa relação mãe, filha e universo da benzeção.

Torna-se clara a sensibilidade que as benzedeadas demonstram nas diferentes situações que presenciam, e também nas próprias relações que estabelecem em seus contatos, seja naqueles com entidades divinas, ou mesmo na própria representação que cada uma constrói de seus rituais de benzeção, onde constantemente surgem expressões como: fé, crença e devoção.

Fica ainda mais complexo um estudo sobre essas situações, pois, na maioria dos casos, a representação e o sentido que cada benzedeira atribui aos termos citados são frutos da assimilação e da relação que estabelecem com tudo que envolve suas vidas, já que, além de benzedeiros, são mulheres ativas em seus papéis de mãe, esposa e, em alguns casos, também de profissionais liberais. Estão em contato com o mundo afora, mostram que são sujeitos atuantes, com conhecimento de diversos veículos da mídia, observam diferentes religiões e estão em constante luta para garantir seu bem-estar e o de suas respectivas famílias.

Por todo esse universo que envolve benzimentos é que essas mulheres interagem e constantemente ampliam as próprias experiências de vida, incorporando novos conhecimentos, ao produzirem e reproduzirem suas práticas ritualísticas. Nesse contexto, inclusive chegam a formar novos conceitos relacionados às próprias práticas de benzeção.

"Já tô lutando com uma moça agora. Não sei se hoje ela vem, deve vir de tarde, ela vai passar aqui. Essa moça tem dom de ser uma, uma, eu vou te explicar: uma médium espírita, mas tá indo por estudo, já faz três anos, e não conseguiu nada, aí ela veio aqui. Eu disse: 'Pois olha, Elizabeth, eu vou lhe dizer uma coisa, não vá por estudo, se você tem o dom de médium, de ser uma espírita fiel para Deus, vem de cima, já vi médium que não sabe escrevê um A em matéria, e estando concentrado, ele escreve uma receita.' Expliquei para ela, aí fiz a explicação, ela está fazendo esse curso lá no "Jesus e Maria". Tava feia a moça. Na segunda, já veio diferente, mas eu nunca vi ter que estudar para ser assim, eu não vai dizer o médico da terra tem que estudar, mas assim que vem de Deus, não precisa estudo."

(Amélia, setembro de 2004)

Amélia comenta sobre uma moça para a qual ela tinha interesse em passar seus conhecimentos, por isso a expressão: "*Já tô lutando com uma moça agora.*" A maior dificuldade apresentada pelas benzedeadas nos dias atuais é encontrar alguém para seguir esse ofício, principalmente mulheres, por se sentirem preocupadas com a grande dedicação que tal profissão exigiria delas, o que lhes ocuparia o tempo para outros afazeres.

Na situação comentada por Amélia, a maior contradição entre ela e a moça que foi procurá-la é a disparidade quanto à opinião sobre o sentido da palavra "dom". Para a benzedead, não existe claramente a necessidade de qualquer espécie de estudo relacionado a nenhuma religião, e Elizabeth realiza estudos em uma entidade espírita da cidade (Jesus e Maria). Para Amélia , nem mesmo o estudo convencional da escola formal não faz diferença alguma. "*Se você tem dom de médium, de ser uma espírita fiel para Deus, vem de cima, já vi médium que não sabe escrevê um A em matéria, e estando concentrado, ele escreve uma receita*". Amélia ressalta que toda a força, o saber fazer, portanto o dom, vem de Deus, e este poder é maior que tudo: em momentos de concentração, qualquer coisa se torna possível.

Isso demonstra que o sentido da palavra "dom" está relacionado a uma dádiva, a algo inato que as pessoas têm, e que cabe a elas desenvolvê-lo ou não, o que revela o choque de gerações quanto à aprendizagem do ofício de benzer nos dias atuais. As diferenças vão além do tempo dispensado ao exercício das práticas, pois estão nas múltiplas leituras de mundo que as benzedeadas fazem de seu dom, ao longo de sua experiência social, e nas interpretações da realização das práticas de benzimento feitas atualmente por mulheres jovens.

2.1 “ Aprendi tudo sozinha ”: A descoberta do “ dom ”

Nas narrativas de vida das mulheres benzedeadas da cidade de Irati, elas vão buscar em suas memórias o primeiro contato que tiveram com o universo da benzeção. E, a partir do momento em que começam a falar de suas vidas, evocam essas lembranças, designando esses momentos como um marco muito importante. São momentos únicos para essas pessoas, os quais são narrados com bastante emoção, são situações que lhes possibilitaram abrir um canal de comunicação direta com as entidades divinas que as orientam, o que lhes proporcionou a possibilidade de intermediar e de pedir pela cura de vários males.

O contato com o universo em questão pode ter ocorrido de várias formas: algumas mulheres aprenderam a benzer de maneira espontânea, outras receberam ensinamentos através de pessoas que já tinham o dom da benzeção, outras passaram a desenvolver rituais de benzeção, após um momento de necessidade, devido a situações de saúde. Há casos também em que o desenvolvimento do "dom" está relacionado a intervenções divinas diretas, recebidas no momento do início das práticas como, por exemplo, aparições de santos em sonhos ou em visões.

Após a descoberta do dom, há outro fator determinante que contribui para as práticas de benzeção: o reconhecimento das demais pessoas da comunidade como receptoras desses conhecimentos e dessa grande ligação com as entidades divinas, das quais as benzedeadas são representantes. Contudo, tão importante quanto a execução de tais práticas é a necessidade de as benzedeadas terem com quem compartilhar seus conhecimentos específicos.

“(...) eu chegava lá e ela dizia: 'Amélia do céu, a Lea não dormiu nada esta noite... Eu dizia: 'D. Madalena, eu vou rezar uma oraçãozinha na cabecinha dela.' Ali eu benzia e rezava oração do Pai Nosso, mas com aquela fé muito viva, decerto né? Pronto. Daqui a pouco a menina estava brincando. No outro dia quando eu chegava lá, ela dizia: 'Amélia, a Lea dormiu a noite inteira, benze de novo', daí ela começou a esparramar para as outras mulheres. Ficou assim: "Amélia benze criança." Mas eu não benzia, apenas rezava aquele Pai Nosso, Ave Maria, a Salva Rainha, e pedia para Deus que ele cuidasse daquela criança.”

(Amélia, setembro de 2004

Amélia conta que perdeu a mãe quando ainda era muito nova e teve que, a partir dos dez anos de idade, assumir todas as obrigações da casa. Sua família morava no campo, em uma pequena vila, e ela pôde se aproximar de outra família, com o intuito de cuidar de uma criança (Lea) e também de observar os dotes culinários da mãe dessa menina, com a intenção de desenvolver melhor as atividades domésticas que lhe cabiam em sua própria casa.

Nessas condições de convivência direta com Lea, Amélia passou a benzê-la. A mãe da menina, que acompanhava tudo diretamente, passou a observar um comportamento melhor na filha, e fez comentários sobre os benzimentos de Amélia para as outras mulheres da comunidade. A menina Amélia nem tinha se dado conta do bem que fazia a Lea, e não tinha conhecimento dos poderes de suas próprias orações. A alteração no comportamento de Lea fez com que fossem divulgadas, de maneira positiva, as orações de Amélia. Vemos, então, que tão importante quanto a descoberta do dom foi o reconhecimento das outras pessoas sobre o poder dos benzimentos.

Em outros trabalhos de pesquisa que desenvolveram temas relacionados à benzeção, vemos esse mesmo contexto. Em um dos livros de Elda Rizzo, uma pesquisadora que trabalhou com um grupo de 30 benzedeadas na cidade de Campinas, nos primeiros anos da década de 80, ela afirma:

" O reconhecimento de que ela seja portadora de um dom é uma condição necessária, mas ainda não é uma condição suficiente para que ela possua conhecimento de seu trabalho. O reconhecimento do dom é o reconhecimento de um marco na sua vida, antes e depois do dom. Esse marco a converte numa nova pessoa, num alguém muito especial. Alguém que está construindo um novo projeto de vida. Possuir um dom é sentir-se diferente."

(OLIVEIRA, 1983)¹⁹

Somente depois do reconhecimento das vizinhas, é que Amélia passou a assumir para si mesma que tinha condições de realizar benzimentos, o que ocorreu à medida que a mãe daquela menina foi divulgando para as pessoas próximas que Amélia benzia. As pessoas foram procurando por ela, e foi surgindo, assim, a necessidade de realizar outros benzimentos. Ainda criança, Amélia passou a ter o reconhecimento de adultos, inclusive daqueles que confiaram a ela a responsabilidade pela melhora do estado de saúde de seus filhos.

No decorrer da constante experiência da prática da benzeção, Amélia foi sentindo-se cada vez mais segura de seu dom, e conta que foi criando novos benzimentos, observando atentamente a necessidade de cada problema.

¹⁹ OLIVEIRA, Elda Rizzo. **Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeadas em Campinas**. IFCH/ UNICAMP, dissertação de mestrado, 1983.

Além da benzeção, Amélia desenvolveu, paralelamente a seu dom, a função de parteira. Mesmo sendo ofícios diferentes, assimilados de formas diferenciadas, pode-se dizer que, em alguns momentos, um irá influenciar o outro. Por exemplo, os benzimentos que Amélia irá realizar com maior freqüência são os realizados para o bem-estar de crianças, principalmente bebês, ou aqueles relacionados à saúde da mulher. Durante a narrativa dessa benzedeira-parteira, é possível perceber a relação entre essas práticas, cujos exemplos são benzimentos e massagens especiais para bebês depois do parto, ou orações e benzimentos desenvolvidos para melhorar as funções orgânicas do corpo da mulher.

São em situações como essas que visualizamos que as práticas de benzimento, por mais antigos que sejam os relatos sobre a sua existência, sofrem constantes transformações e adaptações. As pessoas que as executam buscam um sentido real para desenvolvê-las, pensando sobre a receptividade daqueles que irão receber esses rituais. Por exemplo, para realizar o benzimento para curar "machucadura da carne" em crianças, as quais podem ter ocorrido durante o parto ou por algum movimento brusco, D. Amélia utiliza uma fralda branca; para benzer feridas na boca de crianças, usa um recipiente com água, no qual ela pode "cortar" essas feridas. Além de ela assumir seu dom, demonstra toda a habilidade em criações e adaptações no desenvolvimento de suas práticas de benzer, a fim de que essas possam sempre servir às pessoas.

Ouvindo comentários sobre como alguns desses benzimentos foram desenvolvidos, isso nos dá margem para a reflexão a respeito de como muitos deles realizaram-se inicialmente como um modo de suprir uma necessidade momentânea: uma pessoa com dor, um bebê chorando de maneira forte, por exemplo. São situações que possibilitam condições para

inovar, buscar outras soluções. O fator "resolver o problema", aliado ao "reconhecimento da pessoa que recebeu a cura", gera o primeiro passo para a consumação de um tipo de benzimento, com a conseqüente divulgação sobre quem vem a ser a pessoa que o realizou. O dom está ligado ao reconhecimento das aptidões de cada benzedeira e ao reconhecimento do grupo que compartilha com elas essas práticas, observando seus bons resultados.

Há outras situações relacionadas ao reconhecimento do dom no momento da ocorrência do ritual, mas a fé depositada na ação não é tão intensa. Isso pode vir a acontecer em ocasiões onde as pessoas reconhecem o trabalho das práticas de benzeção, mas as benzedeiros o praticam com pouca fé. Assim foi a primeira parte da relação que Alice teve com seu dom:

"Porque eu era de nova quando comecei a fazer benzimentos, acho que devia ter uns 20 anos mais ou menos, só que eu fazia e não acreditava, eu fazia porque eu sabia, minha mãe trabalhava com isso, falecido meu pai também, meu pai benzia até mordida de cobra, e eu e minhas irmãs fazemos benzimentos. Só que naquela época eu fazia benzimentos e eu não acreditava, precisou eu me arruinar para aí eu acreditar na cura, né."

(Alice, dezembro de 2004)

Alice tem um histórico familiar onde muitas pessoas praticavam benzimentos - avó, mãe, pai e irmãs -, mas passou a desenvolver os conhecimentos que aprendeu, sem acreditar neles. Conta que aprendeu a fazer tudo em respeito à sua mãe, que se dedicou aos outros, em função de seus conhecimentos sobre benzeção, manipulação de remédios e ofício de parteira. Alice não tinha interesse em iniciar sua aprendizagem no domínio de todas essas práticas mas, para não desapontar sua mãe, aprendeu a benzer, desde a adolescência.

Não só Alice, mas também outras benzedeadas afirmaram que passaram por momentos de verdadeiras “provações”, situações onde se depararam com problemas de tal ordem, onde a única alternativa viável para a tentativa de cura eram os benzimentos. E, nessas circunstâncias, mais do que em qualquer outra, puderam testemunhar o poder dos rituais de benzeção.

Alice vai contar que, durante uma de suas gestações, teve de passar por uma cirurgia de vesícula, mas não tomou os devidos cuidados no pós-operatório quanto às recomendações médicas de que mantivesse repouso. Assim, os pontos de sua cirurgia acabaram se rompendo. Sua mãe tentou socorrê-la, buscando ajuda para levá-la ao médico, mas, devido à impossibilidade de tal recurso, já que moravam em uma localidade da zona rural onde, naquele momento, não havia nenhum veículo disponível para transportá-las, a mãe acabou realizando um benzimento na própria filha:

“E sabe que ela (a mãe) me costurou. E quando foi dali a pouco eu já podia tomar fôlego. (...) Quando foi no outro dia, eu já estava melhor. Aí, quando ela me costurou de novo, eu já estava boa, daí que eu fui acreditar, porque eu fazia aquela cura, mas não acreditava que tanto é verdade como palavra sagrada, então daí que fui acreditar.”

(Alice, dezembro de 2004)

Em cada situação, configuram-se as mais diferentes referências quanto à prática do benzer. A benzedeadas só se entregou realmente ao dom, quando precisou estar no lado oposto: necessitou de um benzimento, e obteve a cura através dele.

Mesmo que outros temas que acompanham as práticas do benzer não compoñham o cerne da discussão deste trabalho como, por exemplo, a eficácia dos rituais, são ícones presentes nas falas das benzedeadas. Alice, nos

primeiros benzimentos que fazia, nem se preocupava em saber o motivo pelo qual as pessoas que a procuravam, realmente, se curavam. Mas, quando ela mesma correu risco de vida e sua mãe a benzeu com muito sucesso, algo diferente tocou os sentimentos dessa mulher. Segundo ela, além de dedicar-se mais intensamente a essas práticas, também estabeleceu uma relação mais estreita com as entidades divinas, e com o poder atribuído às palavras, no momento de cada benzimento.

Para ela, sua trajetória de relação com seu dom do benzer poderia ser outra, caso não tivesse apresentado melhoras, a partir dos benzimentos que recebeu naquela situação emergencial. Mesmo assim, ela foi muito objetiva ao falar que, anteriormente a esse fato, ela não acreditava na força que tinha, foi uma provação passar por risco de vida e sua mãe poder salvá-la, através do benzimento.

Tanto é que Alice passa a ter outra relação com suas práticas, acreditando em cada ritual, respeitando os utensílios utilizados e reconhecendo a força da cura que seu dom pode vir a oferecer. Esse foi o momento mais intenso em sua vida, que marcou, realmente, o contato que ela teve com o mundo da benzeção. Foi tão intenso, que acompanha tanto as histórias dessa benzedeira como um marco do desenvolvimento de seu dom e de sua fé, quanto como o testemunho de que algo muito forte a tocou naquela situação. Mesmo sem saber, carregava uma marca em seu corpo.

" (...) porque essa era da vesícula. E daí eu fui e fiz da bexiga com o Dr. Felipe, daí ele me perguntou se eu já tinha sido operada. Pois é, fiquei quieta, não disse nem que sim, nem que não. Mas é por causa das costuras. É a prova de um milagre que o médico viu, pois têm os pontos, mas eu não disse nem que sim, nem que não, porque ele podia não acreditar."

(Alice, março de 2005)

Essa outra cirurgia de bexiga foi realizada muitos anos depois daquele incidente. Porém, com muita emoção, Alice conta que, mais uma vez, teve a comprovação do que ocorreu naquele dia: foi justamente um milagre, tanto pelo fato de ela ter melhorado seu estado geral de saúde, como em ter sido algo que a tocou tão intensamente, fazendo com que passasse a se dedicar ao poder do dom que trazia consigo. Nessas condições, carregava uma marca física do poder daquele benzimento, que ressaltava o poder dessas práticas e a influência de forças sobrenaturais.

Nessas relações com entidades divinas, com o significado dos materiais utilizados nos rituais, com os conceitos sobre doenças e males do corpo, é que circulam as várias produções de conhecimento das benzedadeiras.

Outra benzedeira, Dirce, que também contribuiu para esta pesquisa, contou sobre o contato que teve com Nossa Senhora da Aparecida. Em seu relato, a santa apareceu-lhe em um único momento, passou-lhe alguns ensinamentos e não tornou mais a surgir daquela forma. Dirce comenta em sua narrativa que estava passando por um momento muito difícil em sua vida, com problemas de saúde, financeiros e emocionais. Mas, apesar disso, mantinha o hábito de orar antes de deitar, em louvor à sua santa de devoção - Nossa Senhora da Aparecida. Certa noite, sentou-se na cama, porque estava carregando no colo uma de suas filhas; estava muito cansada, por ter-se dedicado ao cuidado das meninas, que estavam doentes, e começou a rezar. Diz não lembrar-se de que estava dormindo ou de que se encontrava acordada, quando viu uma imagem em seu quarto.

" Sei lá, não conseguia falar (...), ela apareceu (a santa) com três letras de forma, sabe. Naquelas três letras, dizia aquelas letras dourada, lindas e aquelas letras. Ela com a roupa toda azul e lilás (...), aquelas letras escritas era das palavras de coisas boas para

me ajudar, ela com essas três palavras. Mas eu não posso contar para ninguém, porque ela deu para mim, quando eu não quisera mais, aí eu passo para outra. Essas três letras que eu guardo em segredo já faz 38 anos.”

(Dirce, dezembro de 2005)

Dirce tem esse momento de sua vida como um verdadeiro marco, um momento em que ela foi presenteada, para dar fim aos seus sofrimentos, iniciando seu trabalho de ajudar outras pessoas, através de seus benzimentos. Reforça, várias vezes, que a santa confiou a ela um segredo, por meio de três letras, pelo qual ela pôde desenvolver seus dotes de benzedeira. Dirce comenta que isso aconteceu para mudar sua vida, pois, a partir do momento em que passou a executar benzimentos, seus sofrimentos tiveram fim. A saúde de suas filhas e as condições financeiras da família melhoraram, e também seu marido parou de beber.

“Nossa! (suspirou), às vezes, nem acredito, benzo crianças chorando e elas param de gritar, eu fico boba, até às vezes com vergonha das pessoas, porque pessoas ficam meio assim. Mas não sou a benzedeira, é a santa que cura, mas as pessoas dizem: 'É por suas mãos'. Mas eu digo: 'Foi a graça que eu recebi'. Ela me dá esta força, mas eu faço de tudo para sempre receber a força dela, que ela me passa, mas eu fico assim emocionada, agradecida com Deus por ter essa oportunidade de receber, porque nem todos têm, né.”

(Dirce, dezembro de 2004)

Para Dirce, o dom está relacionado diretamente à graça que recebeu; sentiu-se presenteada, escolhida pela santa para receber essa graça, foi algo muito importante em sua vida, algo que mudou sua trajetória de mulher sofredora, tendo-lhe possibilitado passar a ser alguém com conhecimentos para minimizar os sofrimentos alheios, através de benzimentos. Seu contato com a santa é algo que fortalece ainda mais a

legitimidade de seu dom, em ser a pessoa escolhida por uma entidade divina, para desenvolver a benzeção.

Segundo o ponto de vista dessa benzedeira, existe um diferencial quanto à legitimidade de seu dom, por ter tido a oportunidade da visão da santa. No decorrer das narrativas de outras entrevistadas, é comum observarmos as possíveis trocas ou observações sobre outras práticas de benzimentos, que elas absorveram com o tempo e com a relação com outras pessoas do meio. A todo momento, Dirce vai comentar que aprendeu sozinha tudo a respeito de seu ofício, a partir do desenvolvimento do segredo que a santa lhe deixou.

Um outro exemplo dessas ligações com um mundo não-material e o desenvolvimento do dom seria a relação que a benzedeira Marina faz. Ela nos conta que a mãe era benzedeira, mas nunca chegou a ter interesse em aprender algo novo. Anos mais tarde, Marina teve contato com uma vizinha, também benzedeira, D. Maria Sabatowisk, e passou a realizar um benzimento, e, ao longo dos anos, foi mantendo contato com diversas outras pessoas, observando diferentes benzimentos, passando a sentir necessidade de realizar outros mais.

Foi a benzedeira Maria Sabatowisk, senhora já de idade avançada, quem ensinou Marina a "queimar de ar". Mas, antes de falar sobre esse aprendizado, em nossa primeira conversa, Marina comentou sobre o que sentia em relação a seus aprendizados em geral, no universo da benzeção.

"Eu não sei, pois acho que sozinha, como eu aprendi. Porque eu aprendi mesmo com a D. Maria Sabatowisk, que me ensinou a queimar de ar. Mas o resto, aprendi tudo sozinha. Eu

pedia para a mãe, mas ela nunca quis me ensinar. Decerto, foi a força dela, a alma dela que me ensinou".

(Marina, setembro de 2004)

Durante nossas outras conversas, Marina foi observando e analisando os fatos que contribuíram para que sua mãe não lhe transmitisse os conhecimentos que possuía. Também comentou que ela e os irmãos faziam brincadeiras com a mãe, não levando a sério os seus benzimentos. No final de sua segunda entrevista, Marina retorna justamente a esse período de sua vida, afirmando que, naquela época, tinha um comportamento bem difícil. Segundo ela mesma: *"Eu era muito ruim"*, algo que deve ter impedido sua mãe de tentar iniciá-la nas práticas de benzeção. Mas Marina, de certa forma, sente-se envergonhada com essa situação.

Assim, compreendemos que o trabalho de história oral é um momento tanto de descobertas para o pesquisador quanto um processo de reflexão e reconhecimento de fatos e atitudes para as próprias pessoas que narram suas experiências. Nesse exercício de memória, que sempre está em constante formação, é o momento em que podemos ouvir os mais expressivos discursos. As pessoas falam de si mesmas, dentro de seus espaços, estabelecendo sempre relações com a realidade que as cerca, relações entre passado e presente.

A benzedeira Marina comenta que não aproveitou a oportunidade de ter a mãe por perto para ensiná-la, mas, mesmo assim, seu próprio esforço durante toda a vida em aprender e criar novas práticas foi valorizado, e sua mãe contribuiu para isso, passando à filha a própria força, mesmo depois de morta.

Em um segundo momento de nossa conversa, Marina, mais uma vez, falou sobre como aprendeu a benzer, no período em que estava comentando a respeito das mudanças de residência que precisou fazer.

"Eu comecei a benzer, primeiro de tudo, que eu comecei nós morava lá em baixo, no Pró Morar, daí primeiro de tudo que comecei a fazer simpatia para criança caminhar, né. A gente põe a criança, bem no começo ou fazia assim, mas depois larguei mão, sabe, que daí nós mudamos aqui e a casa era grande, por isso eu parei daquele jeito..."

(Marina, abril de 2004)

Para ela, o sentido do dom foi ocorrendo gradativamente: mais do que uma descoberta, foi uma redescoberta, pois, além de contar que o benzimento sobre "queimar de ar" foi aprendido com outra benzedeira, Marina tem para si que sua "força" para benzer pode estar relacionada à "força" que herdou de sua mãe.

Em vários outros momentos, ela nos dá noções sobre a construção da imagem que criou para si sobre benzimentos, onde muitos deles foram objeto de sua própria observação e, posteriormente, repetidos; outros, aprendeu com diferentes benzedeiros, ou ela mesma os foi criando, a partir das lembranças de tudo que pôde observar nos rituais executados por sua mãe.

Em um de seus estudos, Alessandro Portelli passa a discutir a respeito da história oral, vista pelo prisma das relações entre os eventos e os significados dos fatos, sendo que tais significados surgem nas narrativas, de forma muito mais acentuada, o que dá às fontes orais, uma oportunidade de reflexão diferente das demais.

"Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criações e significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico."

(PORTELLI, 2002)²⁰

Podemos refletir a esse respeito nos diferentes relatos de Marina sobre o desenvolvimento de seu dom, como uma forma constante de ela mesma buscar os próprios significados para seus conhecimentos. Isso talvez justifique o fato de que para ela ainda haja ocorrências sobre a descoberta ou o desenvolvimento de seu dom.

O que ocorre com as benzedeadas mais idosas é que, devido ao fato de exercerem seu ofício há bastante tempo, suas lembranças daqueles momentos em que aprenderam a benzer são bem definidas, e essas mulheres refletem a esse respeito, atribuindo significados a esse passado. Lembram-se de como agiam como benzedeadas e mulheres, e que nessas situações ocorriam transformações nos seus modos de viver, de pensar e de agir. Como é o caso de Neide, benzedeadas de 73 anos, com mais de 40 anos de experiência nesse ramo, residente em um bairro da cidade, próximo do centro.

"Foi muito fácil aprender, havia uma benzedeadas que mora perto da minha casa, e ela já tinha idade boa, já estava pertinho de morrer. Ela queria passar para um, para outro, e ninguém queria. E ela comentava comigo: 'Ninguém quer, vai que eu morro e levo isso comigo'. Você não quer pegar?' Eu disse: 'Eu não tenho tempo, pois eu trabalho na roça o dia inteiro, só fico em casa à noite.' Ela: 'Mas eu vou pousar na tua casa e lhe ensino.' Aí, o que eu vou fazer? Nós passava de carroça lá quando voltava da roça, ela montava e ia

²⁰ PORTELLI, Alessandro. "A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais". In *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, volume I, 1996.

pousar lá em casa, nós ficávamos até umas horas. Ela rezando e contando as coisas, as palavras que tinha que dizer e tudo, num dia ou dois você aprende, como é que você vai aprender? É que nem escrever, leva anos para aprender. Daí ela uma porção de noite pousava lá. Depois que eu cheguei perto dela e rezei tudo direitinho o que ela me ensinou, ela disse: 'Tá bom, agora você já sabe, agora quem for lá me procurar, vou mandar aqui para você. "'

(Neide, março de 2005)

A maneira como Neide aprendeu a benzer está bem presente em suas lembranças. Ela narra por várias vezes o momento em que dedicou seu tempo para dar a devida atenção a uma outra benzedeira, D. Maria Rosa, que, preocupada por se encontrar em idade já bem avançada, mostrava vontade de ensinar a outra pessoa tudo o que sabia. Neide dá detalhes sobre o processo de aprendizagem, tanto é que faz uma comparação sobre o aprendizado da escrita, cuja ocorrência também não se dá de forma imediata. Seus comentários levam-nos a refletir sobre a forma como se dava essa aprendizagem. O fato de falar a respeito de uma possível repetição dos ensinamentos deixa claro que esses conhecimentos não foram transmitidos de forma escrita, contudo, devem ter sido continuamente repetidos, a fim de serem devidamente memorizados.

Em todas as entrevistas, foi perguntado às benzedeiros se mantinham por escrito os ensinamentos sobre " como benzer ", e obtivemos como resposta que tais ensinamentos ficavam guardados apenas na memória. No entanto, algumas das entrevistadas comentaram que haviam passado um ou outro ensinamento a alguma de suas filhas, os quais, nessas condições, eram mantidos anotados em cadernos.

Isso revela-nos várias diferenças. Mostra, é claro, que muitas vezes essas antigas benzedeadas não eram alfabetizadas e dedicavam-se, durante muito tempo, a aprender um grande número de benzimentos. As anotações das filhas mostram o caráter de condensação do momento da aprendizagem, onde o contato entre benzedeadas e aprendiz torna-se resumido.

Além de comentar sobre o processo de aprendizagem, Neide revela nesse seu contato com a benzedeadas idosa (Maria Rosa) uma relação de respeito, primeiro, devido à própria condição de sua idade avançada e segundo, devido ao fato de essa pessoa ser merecedora de todo o respeito, porque sempre se dedicara a fazer benzimentos e partos na comunidade rural na qual viviam. Neide estabeleceu com D. Maria Rosa uma relação de amizade, a qual gerou a confiança necessária para a transmissão dos conhecimentos e, inclusive, aumentou o sentimento de autoconfiança de Neide em si mesma, por ter sido a escolhida, dentre tantas outras mulheres da comunidade, para receber os dons de D. Maria Rosa.

O encontro entre elas ocorreu em situações muito comuns ainda hoje no interior do município, em que pessoas se visitam e têm momentos mais tranquilos no decorrer da noite, já que a vida no campo exige constante dedicação ao trabalho, durante o dia. Entrar em detalhes sobre esse aprendizado possibilitou-nos conhecer o cotidiano de Neide, saber em detalhes como foi sua vida de benzimentos no campo e também quais foram as adaptações que seu dia-a-dia sofreu, a partir do momento em que ela veio residir na cidade, e continuou a exercer seu ofício.

Notamos, porém, que algumas das benzedeadas entrevistadas incorporam em suas falas expressões com " Eu não aprendi com ninguém ", que podem revelar tanto uma resistência ao fato de mostrarem com maiores

particularidades os meios pelos quais desenvolveram seus conhecimentos, quanto, talvez, de demonstrarem uma preocupação sobre a legitimidade, ou melhor, sobre a originalidade de seus benzimentos.

Não somente nesses trechos, mas em muitos outros momentos, as entrevistadas foram nos dando pistas sobre um modo particular de olhar, que desenvolveram sobre a benção, com suas experiências adquiridas fora de casa: passeios, visitas a igrejas, comemorações religiosas e no convívio direto que sempre estabeleceram com amigos e vizinhos.

2.2 “ Eu acho que é uma missão, que tenho que cumprir ”

A partir do momento em que as entrevistadas passaram a executar seus rituais de benzeção, suas vidas seguiram ritmos diferentes. As mudanças não ocorreram apenas em suas práticas cotidianas, mas em seus pensamentos e nos diferentes modos de interpretar o papel que teriam de desempenhar ao longo de suas vidas. Muitas vezes, tudo fica circunscrito a uma missão, pois, a partir desse conceito, elas fazem ligações relacionadas ao fato de não cobrarem pela realização dos benzimentos, por terem sido agraciadas com a bênção ou a graça do dom.

Tal caráter envolvendo o dom leva todas as que fazem parte desse grupo ao compartilhamento de princípios éticos comuns. Entre eles, destaca-se o fato já mencionado anteriormente de tais profissionais não estabelecerem preço, nem exigirem qualquer outra forma de pagamento pelos serviços prestados na execução de suas práticas de benzeção, pois sempre que alguém necessitado precisa de ajuda, tais senhoras sentem-se recompensadas, de uma forma ou de outra, por terem o conhecimento desses rituais.

Notamos a forte incorporação dessa identidade, do sentido em ser benzedeira, nas falas dessas senhoras. Alice, por exemplo, relata-nos sobre os conceitos que atribui à sua vida, a partir do desenvolvimento de seu dom.

"Eu acho que é uma missão, que eu tenho que cumprir, porque têm pessoas que vem aí, ajudo muitas pessoas que vêm, outras me gratificam, outras dizem: 'Deus que ajude!', e Deus sempre está me ajudando, e sou feliz. Nossa! Como eu agradeço a Deus. Não tenho raiva de ninguém, não faço mal para ninguém, só faço o bem para as pessoas que eu curo, o que puder fazer de bem pode vir. Vou fazer 73 anos, pra mais de 50 que eu estou benzendo."

(Alice, dezembro de 2004)

Alice comentou anteriormente que nem ela mesma acreditava nos benzimentos que fazia. Vemos que a própria trajetória de vida fez com que ela percebesse os mais diferentes benefícios que seu dom de benzer lhe trouxe. Deixa claro que existem aqueles que a gratificam de forma material, e outros, de forma espiritual, principalmente quando usa a expressão: "*Outras dizem Deus que ajude*", dando margem à interpretação de que sua vida passou a desenvolver-se melhor, e de forma diferente, a partir de sua conduta como benzedeira.

Paralelamente a esse aspecto, ela faz uma avaliação sobre sua conduta moral, sobre seu comportamento pessoal. Denomina-se benzedeira, e faz questão de zelar por uma boa imagem perante as outras pessoas, principalmente no tocante a seus comportamentos que envolvam sociabilidade e carisma. Tais questões, em especial aquelas ligadas à imagem que as benzedieras transmitem acerca de suas personalidades, surgem também em outras das entrevistas efetuadas.

"Nunca cobreí, bom, hoje eu tô recebendo tudo que eu fiz. Tá certo que tô doente e tudo, mas você vê, metade do remédio eu pego na Secretaria, Dr. Felipe me dá. Vou no hospital, sou bem atendida, fiquei treze dias no hospital e não me custou um tostão. Onde eu for. Vou na farmácia, tenha dinheiro ou não tenha, pego meus remédios, pago como posso pagar. (...) Então, o que eu quero da minha vida, né?"

(Amélia, setembro de 2005)

Amélia, que passou a fazer benzimentos desde que era criança, está hoje com 71 anos de idade, e ainda os executa, apesar de enfrentar algumas dificuldades, devido ao seu delicado estado de saúde. Para ela, comentar a respeito de como sua vida mudou depois que passou a exercer suas práticas de benzeção, é um processo de volta ao passado, para afirmar

que recebe hoje tudo o que fez de bom para os outros, ao longo de sua trajetória como benzedeira e parteira. Um momento no qual relaciona diretamente todos os fatos positivos que estão ocorrendo em sua vida, seja quanto ao bom atendimento no hospital ou quanto à facilidade que tem para comprar remédios. Segundo ela, tudo isso é devido à sua própria história, na qual sempre dedicou sua vida aos benzimentos e à realização de partos.

Às vezes, o olhar de pessoas mais experientes vindas de fora do universo da benzeção também chegou a contribuir para o desenvolvimento do dom de algumas benzedeadas como D. Neide, que comenta sobre o apoio que sua mãe lhe deu, a partir do momento em que ela contou que havia recebido o dom de uma outra benzedeadada da comunidade rural onde moravam.

"Minha mãe louvava a Deus, porque foi uma bênção que eu ganhei. Ela dizia: 'Foi uma bênção que a velhinha deu para você, porque você vai acudir muitas pessoas.' Ela dizia que eu iria acudir muitas pessoas que precisassem. Não sei nem contar quantos que a gente faz simpatia. Eu me sinto muito bem ajudando as pessoas, é uma coisa que estou fazendo para mim mesma. (...) Eu acho que é uma obrigação que eu peguei e tenho que fazer."

(Neide, março de 2005)

O comentário de Alice assemelha-se muito ao de Neide, que usou a palavra "obrigação" no sentido de missão, de algo que também não pode abandonar, e, mais uma vez, a ajuda mútua que ocorre entre as benzedeadas e seus clientes é reforçada. Para Neide, praticar um benzimento para uma pessoa é também fazer o bem para si mesma. Além disso, ela comenta que essa também era a opinião de sua mãe, a qual ficava muito contente em saber que a filha iria ajudar outras pessoas.

A ligação religiosa que todas as benzedeadas demonstram quando falam sobre seus conhecimentos é algo poderoso para elas, que transmite, de maneira comum a todas, a imagem de Deus como um ser bom, que sempre intercede em suas vidas, fazendo-lhes o bem. Dirigem-se a Deus constantemente em suas orações e, em suas narrativas, mostram-se também devotas de alguns santos que tomaram para si como seus protetores espirituais. Sentem-se como representantes de diversas entidades divinas, o que constitui um dos maiores diferenciais entre as benzedeadas e as demais pessoas. É uma condição primordial, que cada uma precisa para canalizar toda essa força que, segundo elas mesmas, é pedida às divindades protetoras, nos momentos de benzeção de pessoas.

"Enquanto os guias são vistos como orientadores dos dons, responsáveis por curas e partos, Deus e os 'santos advogados' como, por exemplo, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, Santa Margarida, Nossa Senhora do Bom Parto, São Jorge, São Raimundo, Nossa Senhora do Bonfim e Nossa Senhora do Desterro, são tidos como auxiliares dos guias que iluminam e protegem as funções oriundas dos dons. E com eles são estabelecidos pactos, através de promessas e pedidos de favorecimento de suas práticas e das graças alcançadas, situando-os numa relação estreitamente pessoal e íntima."

(PINTO, 2004)²¹

O trecho acima citado faz parte de uma pesquisa sobre benzedeadas, parteiras e curandeiras no Estado do Pará. Além de trazer o termo "experiente", onde a autora retrata muito bem a diferenciação entre cada uma dessas mulheres, representantes de inúmeros saberes sobre doenças, tratamentos, orações e partos, mostra que essa expressão é utilizada para fazer

²¹ PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **"Parteiras Experientes" e poções: O dom que seapura pelo espírito da floresta.** Tese de Doutorado PUC-SP: São Paulo, 2004.

referência àquelas que "recebem" os espíritos da floresta, pelos quais são guiadas nas mais diversas situações de trabalho.

Contudo, além dessa forte ligação com a natureza, expressa na forma da manipulação de remédios com as mais diversas espécies de plantas e também com a força dos "espíritos" que regem forças naturais como, por exemplo, o comportamento dos animais daquele local, mulheres residentes no Norte da Amazônia também revelam suas devoções voltadas a vários santos e santas. A pesquisadora estabelece a relação de grande proximidade que elas têm com essas entidades, onde é uma constante a presença de devoção, no sentido de serem agraciadas, protegidas e auxiliadas por entidades divinas, nas diferentes funções de seus ofícios.

Pode-se notar que a relação com entidades divinas é algo muito forte presente na vida de todas aquelas que realizam atividades de cura, onde mesclam seus conhecimentos sobre remédios caseiros e prevenção de doenças, com orações e demonstrações de fé, através dos benzimentos, por exemplo, onde as entidades divinas irão, em primeiro lugar, guiá-las no decorrer de suas práticas e também protegê-las de todo o mal com que possam vir a se deparar.

"O começo de minha história foi sofrimento. Mas de tanta fé em Nossa Senhora da Aparecida, de tanto eu rezar e pedir em oração, eu chorava e pedia para Nossa Senhora resolvesse minha vida, e resolveu 100%, até mais do que 100%. Mas ele (o marido) era bravo demais, brigava muito, bebia, chegava quebrava as coisas, ficava bravo, em casa queria bater nas crianças, eu não deixava, aquele tempo era só sofrimento."

(Dirce, dezembro de 2004)

Dirce, a benzedeira que desenvolveu seu dom a partir da visão da santa, fala um pouco de sua vida antes da revelação de seu dom, retrata parte do constante sofrimento pelo qual passava, principalmente devido ao comportamento do marido. Ela, naquele momento em que rezava firmemente para a sua santa de maior devoção, pedindo-lhe para que não houvesse tanto sofrimento na família, teve suas súplicas atendidas, a partir do instante em que recebeu o dom da benzeção.

O fato de receber o dom, e também de desenvolvê-lo, desencadeou várias modificações em seu cotidiano: Dirce sentiu-se agraciada pela santa pelo dom recebido, e teve a oportunidade de passar por mudanças benéficas em sua vida. Passou a ser procurada por várias pessoas que foram, gradativamente, tendo conhecimento de seus benzimentos e, com isso, foi ampliando cada vez mais seu leque de relacionamentos com outras pessoas de sua comunidade. Como de costume, muitas lhe ofereciam alimentos ou pequenas quantias em dinheiro, após receberem os benzimentos, o que ajudava no sustento de sua casa.

Mesmo que muitas benzedeiros não afirmem claramente que fatores como esses (não voltados à religiosidade) possam ter influenciado na aceitação de seus dons por parte de seus familiares, na verdade, existiram. À medida que a casa de Dirce foi sendo freqüentada por várias pessoas em busca de benzimentos e troca de favores, foi sendo estabelecida a melhora de suas condições gerais de vida, o que contribuiu, e muito, para a harmonia de seu lar.

Contudo, a devoção a Nossa Senhora da Aparecida é grande, pois a mesma santa que acabou com seus sofrimentos foi a que lhe agraciou com o dom de benzer. Essa relação de gratidão é que irá pautar a vida de Dirce,

principalmente quanto ao desenvolvimento de sua fé e à relação de missão e contínuo agradecimento que demonstra a essa entidade divina, nos benzimentos que executa.

A devoção às entidades que contribuem ou abençoam as práticas de benzimento rege muitos dos conceitos e dos comportamentos que as benzedeadas têm perante as suas práticas. Essa relação pode estar ligada aos utensílios utilizados em cada ritual, à maneira como são executados e também ao motivo pelo qual não cobram pela prestação de seus serviços.

A vida das benzedeadas sempre foi recheada de diferentes situações. É possível observar tanto a relação que elas estabelecem com as histórias de vida de famílias quanto com as histórias ligadas a questões espirituais: a forte crença em milagres, aparições e sonhos.

Quando foram abordadas a respeito de como se mantêm economicamente, relacionaram diretamente o comprometimento que têm com as entidades divinas, no sentido de que fazem tudo, porque receberam o dom e, dessa forma, não podem cobrar por suas práticas. Contudo, a partir do momento em que algumas se sentiram mais à vontade para falar durante as entrevistas, comentaram que nem sempre foi fácil continuar benzendo, já que, de certa forma, um ou outro gasto com os rituais elas acabavam tendo.

"As pessoas sempre me ajudaram, eu nunca cobreí, algumas até falaram: 'Mas a senhora tem que cobrar. Por exemplo, o padre não reza se não pagar, para fazer um batizado, mandar rezar uma missa, é tudo pago. E a senhora não cobra nada.' Eu disse: 'Eu não cobro nada, preciso sim a cera, a lenha e a velinha que benzo.' (...) Quando podem trazer algo, as pessoas trazem, não faço preço, não cobro."

(Dirce, dezembro de 2004)

Para Dirce, fica clara a idéia de que ela não pode cobrar, inclusive comenta a comparação feita entre seus próprios clientes e os procedimentos de cobrança da Igreja Católica. Contudo, diz que precisa comprar os utensílios que mais utiliza, e descreve os materiais que precisa adquirir: cera, lenha e vela, sem os quais não pode benzer, em determinadas situações. Revelou alguns de seus esforços e comentou que permite a algumas pessoas fazerem contribuições em dinheiro.

Mesmo assim, fala mais alto o sentido que essa senhora estabelece com seu dom, que é algo superior à necessidade econômica, já que em suas conversas ela comenta não achar justo dizer aos outros que tem gastos com esses utensílios, pois recebe em sua casa pessoas de diferentes condições financeiras. Comentários sobre seus gastos poderiam inibir a vinda de pessoas mais humildes, e isso é algo que não pode ocorrer nunca, pois, segundo Dirce, recebeu seu dom para ajudar os outros, e não para reverter tal fato em benefício próprio.

“Fica ruim a gente cobrar, que nem eu sempre digo. Muita gente vai nessas outras curandeiras, elas cobram e tudo. Eu sempre digo quando perguntam 'Quanto é?' Eu digo: 'Eu não cobro nada, se me quiserem dar alguma coisa...' Fica ruim cobrar, isso é uma coisa de Deus, eu já digo: 'Deus deu para a gente', então por que cobrar? ”

(Marina, abril de 2005)

Marina revela, mais uma vez, outro significado do dom em sua vida, algo como dádiva, um presente recebido, e fortalece seu respeito às forças divinas, ao não estabelecer preço por seus trabalhos, justamente por terem sido recebidos de uma entidade divina. Também comenta que não foi

algo comprado, foi algo dado por Deus, e suas práticas ficariam sem sentido, caso ela estabelecesse algum valor por elas.

Marina foi uma das benzedeadas com quem mantivemos mais contato, cerca de sete encontros, e, entre conversas informais e duas entrevistas gravadas durante meses, acompanhei, inclusive, alguns problemas que ela vinha enfrentando nesse período, devido à doença do marido, que foi obrigado a parar de trabalhar. Mesmo diante de todas as dificuldades financeiras que apresentava, sempre demonstrou estar animada e disposta a fazer o que fosse possível, para garantir o sustento de sua casa. A cada conversa, comentava, mais como um desabafo, o momento difícil pelo qual estava passando, principalmente devido à doença do marido, que estava sendo obrigado a se consultar com vários médicos, em busca da cura para as dores que sentia. Paralelamente a isso, também havia a preocupação com o fator financeiro, pois o dinheiro em sua casa estava cada vez mais escasso.

Aproveitamos a oportunidade dessas conversas, onde Marina comentou sobre os problemas com o marido e sobre outras tantas dificuldades que sua família já havia enfrentado, para perguntarmos a ela se, em algum momento, situações assim já haviam chegado a influenciar na execução de suas práticas de benzimento. Obtivemos, nesse contexto, a seguinte resposta:

" Que nem esse negócio de derramar cera tira o tempo da gente, porque, pense bem, até fazer o fogo no fogão, porque o gás eu não tenho, eu não posso comprar. Até a gente fazer fogo, até a gente esperar para derramar cera, e três vezes derramar. A gente gasta lenha e toma tempo da gente, no lugar de a gente estar fazendo outras coisas. Tem muita gente que disseram que eu podia cobrar. Eu disse 'cobrar eu não cobro', mas vou parar aí: no lugar de derramar cera conforme o susto, eu faço com a peneira. "

(Marina, abril de 2005)

Em dado momento em que, realmente, Marina estava passando por sérias dificuldades financeiras em sua casa, contou-nos que quase precisou parar de fazer benzimentos, por falta dos utensílios necessários para realizá-los. É claro que água, galhos de arruda, terço, imagens ou crucifixos utilizados em muitos dos rituais não significam gastos ou despesas para as benzedeadas, até mesmo porque, por exemplo, suas imagens de santos já fazem parte da religiosidade de tais senhoras. Algumas dessas peças sacras chegaram a ser compradas, mas, muitas vezes, foram adquiridas como presente como gesto de agradecimento por parte das clientes que as ofertaram.

Assim como Dirce, Marina comentou sobre os gastos com a compra de cera de abelha, a qual é utilizada no benzimento de "derramar cera". Para as benzedeadas, a necessidade de continuidade da prática fala mais alto, mostrando novamente o sentido de missão que atribuem a seus dons. Mesmo assim, as duas apresentaram soluções para esses momentos de dificuldade: Dirce comentou que passou a usar vela feita com cera de abelha, a qual era acendida apenas quando seu uso era necessário, o que gerava maior rendimento do que aquecer a cera de abelha in natura, a cada benzimento. E Marina mudou seu ritual de benzimento para "tirar" sustos e traumas das pessoas. *" Eu disse: cobrar eu não cobro, mas vou parar aí. No lugar de derramar cera, conforme o susto, eu faço com a peneira. "*

As benzedeadas não podem interromper seu compromisso em não cobrar, mas, para darem continuidade a suas atividades, iniciam um discreto processo de transformação de seus conhecimentos, mostrando assim que todas as práticas não são estáticas e ficam paradas no tempo, e que, mesmo impregnadas de valores tradicionais, estes não são intocáveis, encontrando-se em constantes processos de transformação e adaptação. Ao final de sua fala, Marina deixa claro que parou de derramar cera, passando a fazer o

benzimento com a mesma função, mas agora utilizando-se de uma peneira, objeto também já utilizado por sua mãe, o que levou Marina a lembrar-se dela, dos gestos e orações que fazia ao benzer os outros, há muito tempo.

Afirmou que, para não deixar de praticar benzimentos por motivos de economia, buscou uma forma também segura e já conhecida por ela, para continuar a executá-los, com o mesmo resultado. Marina não demonstrou nenhum problema em mostrar despreendimento ao comentar abertamente sobre dificuldades financeiras, talvez por se encontrar em um momento em que realmente precisasse, de certa forma, deixar claro tanto para si mesma quanto para os outros de que não foi por má-vontade que já não mais derramava cera.

Dirce também passou por essa mesma situação. Em conversas não gravadas, chegou a cogitar que, praticamente, não mais derramava cera, porque estava com problemas de saúde, pois tinha consciência de que não podia mais ficar muito tempo próxima ao fogão de lenha e, depois, fazer outras atividades em locais mais frios, devido a seus problemas respiratórios. Assim, ela nos contou que não mais se utilizava de cera convencional, mas sim de uma velinha especial, feita com cera de abelha.

Por mais diversos que sejam os motivos de dificuldade para que suas práticas possam vir a ser realizadas, as benzedeadas encontram maneiras de superar os obstáculos com os quais se deparam, e continuam a realizar os mais variados benzimentos. E deixemos bem claro que, em hipótese alguma, tais mulheres pensam em se utilizar de seus conhecimentos com o intuito de ganharem dinheiro: passam por dificuldades, recriam suas práticas, mas não traem, segundo elas mesmas, as entidades que as protegem.

III Capítulo

Revelações, orações e utensílios “mágicos”

Tema tão íntimo para cada benzedeira, o compromisso com o dom da benzeção abarca problemas de ordem pessoal, ansiedade e aflições. Outro delicado aspecto também envolvido com essas questões é o que se refere à realização dos rituais de benzeção. Ao mesmo tempo em que se sentiram bem por poderem falar sobre suas atividades, todas as benzedeiros mostraram um cuidado extremo em suas revelações concernentes a esse tema, para que a proteção que recebem das entidades divinas pudesse ser respeitada. Em suas narrativas, há menção a santos de sua devoção, a orientações advindas de um mundo ultraterreno, além de outras que lhes foram transmitidas por conhecidos ou familiares. Nesses momentos, todas as benzedeiros com quem mantivemos contato demonstraram as formas de envolvimento, a elaboração de conceitos e a ética que lhes serve de alicerce, enfim, todos os aspectos referentes ao respeito que cerca esse universo particular da benzeção.

Além de estarem concomitantemente envolvidas em outras funções que também exercem como mães, donas de casa e trabalhadoras remuneradas, as benzedeiros, paralelamente a tudo isso, cultivam um universo de outros conhecimentos, tais como o uso de plantas medicinais, preceitos que envolvem diversas religiões, além de lendas e histórias que dizem respeito a aspectos religiosos da região onde nasceram. Nesse meandro, é que são criados e desenvolvidos seus rituais de benzeção. A experiência de vida que cada uma dessas mulheres carrega consigo, sua experiência particular de interpretação do mundo são os grandes eixos que dizem respeito à execução de suas práticas ritualísticas de benzeção, momentos esses que envolvem a mais extrema concentração por parte delas, para que assim possam

estabelecer o canal necessário de contato direto com as entidades divinas que lhes servem de guias, para que finalmente possam atingir seus objetivos, cuja finalidade nada mais é do que a cura dos mais diversos males que assolam as pessoas por quem são procuradas.

À medida que fazem orações para suas entidades divinas protetoras, as benzedeadas também manipulam diversos utensílios simbólicos em seus rituais. Por vezes, são associados significados específicos aos objetos utilizados, relacionando-os ao motivo das curas, como se tais objetos fossem a representação de uma extensão do corpo humano. Em outras situações, o objeto utilizado pelas benzedeadas pode vir a ser a representação daquilo que é necessário retirar-se da pessoa como, por exemplo, inveja ou traumas.

Questões que envolvem santos de devoção, utensílios de ritualística, manipulação de plantas medicinais, orações e altares serão apresentadas aqui em nosso trabalho, não como forma de se procurar o significado de cada um desses ícones utilizados pelas benzedeadas, mas sim com a intenção de observá-los como fator de influência na vida particular desse grupo de mulheres.

3.1 “ Todos os santinhos me ajudam ”

Quando as benzedadeiras tecem comentários a respeito da execução de seus rituais, ou mesmo quando afirmam que já presenciaram milagres, a relação que estabelecem com seus santos protetores é um ponto comum a todas elas. Santo ou santa da preferência, no momento de cada ritual, cada um deles é invocado, de acordo com a função que deverá desempenhar. Alguns são mais solicitados para a realização de benzimentos em crianças (Cosme e Damião), outros devem atender pedidos relacionados a negócios ou a objetos perdidos (Santo Antônio), e ainda temos como exemplo os que são invocados para a cura de feridas no corpo ou de alergias (São Lázaro), problemas com a visão (Santa Luzia). Geralmente os santos evocados para a cura de males específicos, são escolhidos e lembrados em orações, em respeito às suas próprias histórias e sofrimentos que presenciaram.

Nessas relações que assim se estabelecem, surgem o respeito e a devoção aos santos, geralmente também representados através de imagens. Inclusive, ocorrem as louvações dessas entidades, através da realização de novenas ou de festividades que ocorrem nas comunidades com as quais cada uma das benzedadeiras mantêm contato.

" E aí, aquele dia eu sentada na verada²² da cama, tava no colo com minha filha (complementa sua narrativa com voz triste), minha filha que morreu, e daí comecei a rezar, rezar, rezar e pedir sabe, para Nossa Senhora clarear, iluminar meu caminho, para que eu parasse de sofrer. Foi aí que ela apareceu, eu estava sentada na cama, eu estava com a menina no colo, e as luzes apagou, e já iluminou com a outra luz divina, que era dela, era da Santa. Ela apareceu, ela veio do cantinho da parede, ela veio em cima de mim. Ela veio na altura de um metro, um metro e pouco da cama onde eu estava, e ela ficou parada no ar, e eu vendo ela, eu vendo ela, e via que ela movimentava a boca, mas de emoção eu

²² " Verada ": termo usado por Dirce para indicar que estava sentada na borda da cama.

esmoreci, eu não podia responder, eu não podia perguntar, eu não podia falar, minha boca, nós estávamos em oração, mas nós estávamos conversando, mas minha boca não mexia, eu fiquei paralisada. "

(Dirce, dezembro de 2004)

Dirce chegou a narrar mais de uma vez essa passagem de sua vida, onde ela teve a visão de Nossa Senhora da Aparecida, que inclusive passou, a partir desse momento, a ser a sua santa protetora. Não que Dirce já não tivesse anteriormente uma forte ligação com essa santa, mas a partir do momento de sua aparição, Dirce estreitou ainda mais o elo de fé que mantinha com essa entidade divina. Até chegou a comentar que seu nome de batismo é Dirce Aparecida, o que para essa benzedeira explica a forte ligação que mantém com Nossa Senhora da Aparecida.

Desde o primeiro contato que mantivemos Com Dirce, em meados de 2002, ela esclareceu que todos os conhecimentos de benzeção que conhecia lhe foram transmitidos por sua santa protetora, no momento de sua aparição. Até o fim de 2004, período em que ainda mantínhamos contato com Dirce, muitos fatos ocorreram na vida dessa benzedeira, inclusive a morte de sua filha, exatamente a criança que Dirce carregava no colo quando teve a visão de Nossa Senhora da Aparecida.

Tanto para Dirce quanto para todas as outras benzedeiros, o momento ou o período de suas vidas em que aprenderam, ou mesmo chegaram a desenvolver o dom da benzeção, é muito marcante, vindo a ser uma baliza temporal em suas vidas, pois essas benzedeiros separam suas vivências em dois momentos distintos: antes ou depois de sua iniciação.

Em nosso encontro ocorrido em dezembro de 2004, Dirce, ao falar sobre o quanto foi agraciada pela visão de sua santa protetora, não demonstrou seu habitual sorriso de alegria. Ao contrário, seu semblante apresentava nítidas marcas de tristeza, já que havia passado por problemas de falecimento na família, tendo perdido, além de sua filha, seu marido, no ano de 2003. Nessas circunstâncias, viu-se obrigada a assumir sozinha o sustento de sua casa, já que os outros filhos que com ela moravam trabalhavam apenas em serviços temporários, o que a obrigava a se responsabilizar pela educação de seus netos, que ficaram órfãos.

Quando comentava sobre os benzimentos que realizava, Dirce sempre falava também sobre outros aspectos de sua vida pessoal, principalmente suas ansiedades e preocupações com as responsabilidades que lhe cabiam. Mais do que suas experiências com a benzeção, o importante para ela nos momentos de nossas conversas foi poder falar de forma franca sobre os problemas que enfrentava naquele período. Em um significativo processo de lembranças e de análise da trajetória da própria vida, paralelamente essa benzedeira sempre procurou reforçar a idéia de que sentia-se abençoada pelo fato de ter sido presenteada pela entidade divina que a protege, o que lhe permitia ter forças suficientes para enfrentar e superar todas as dificuldades pelas quais estava passando.

Dirce também procurou reforçar a idéia da transformação de comportamento de seu marido, logo após o momento de iniciação de seus trabalhos como benzedeira, o que demonstra o envolvimento de sua vida pessoal com o dom de benzer. Anteriormente à aparição da santa, o marido de Dirce a fez presenciar situações bastante desagradáveis, contexto esse que se modificou, pois a partir da visão de Nossa Senhora da Aparecida, ele passou a se mostrar uma pessoa compreensiva em relação aos filhos e também às

atividades que Dirce assumia como mãe e dona de casa, paralelamente às outras que realizava como benzedeira.

" E ele me acreditou (quando contou sobre sua visão), porque ele tinha muita fé em Nossa Senhora. Pois cada vez que ele ia pescar, ele rezava tanto para ela. Tanto é que ele achou uma imagem no meio do rio, cheia de barro. (Dirce foi buscar a imagem, e mostrou-nos com entusiasmo). Agora, vai fazer uns cinco anos que ele encontrou, ele sempre ia pescar, e encontrou a santa dentro da água. Veja que esquisito! Ele chorou quando me entregou a imagem para eu lavar. Ele trouxe para casa e vai nós limpar, tirar toda a lama. Foi no Rio das Almas, ele estava pescando lá com os amigos, e viu algo dentro de um saco, desses sacos de nylon, enroscado numa madeira dentro da água, daí a água levava e voltava aqueles paus. E ele disse que pensava: ' O que será que tem lá dentro? ' Disse que parecia que era algo pesado, que dava pra ver. Aí tirou o saco de dentro da água, Nossa Senhora Aparecida! (...) Ele tirou ela, toda cheia de lama, lavou um pouco naquela água e trouxe para eu lavar melhor ela aqui. Veja, achou a santa dentro da água, eu também tenho Aparecida, tenho o nome dela, e tudo, né, parece uma coisa assim, vai juntando, vai vivendo e cada vez vai sabendo mais. "

(Dirce, dezembro de 2004)

Essa benzedeira, que paralelamente à narração de fatos de sua vida foi formando seus próprios conceitos sobre a mesma, fez menção à grande surpresa ocorrida quando seu marido encontrou uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida.

O sentido simbólico expresso na narrativa sobre o encontro de tal imagem por parte do marido de Dirce mostra que vários elementos presentes em sua história de vida, relacionam-se a outros eventos divulgados pela igreja católica. De certa forma, há a repetição da história tradicional do encontro da imagem de Nossa Senhora da Aparecida, o que também contribuiu para a conversão do marido de Dirce, que passou cada vez mais a legitimar a relação

de fé de sua esposa com essa santa protetora, a qual conferiu a Dirce o dom da benzeção.



Imagens de Nossa Senhora Aparecida pertencente à benzedeira Dirce. Imagem maior, ao centro, encontrada pelo marido de Dirce. (Foto: Vania Vaz, dezembro/2004).

Segundo Dirce, a imagem encontrada por seu marido poderia ser algo perdido por alguém em uma mudança de domicílio, ou até mesmo ter sido jogada no rio por uma pessoa que tivesse mudado de religião, e para a qual não mais interessasse ficar com a imagem. Mas seja de que modo for, para Dirce, o acontecimento com seu marido foi um sinal de demonstração da força de Nossa Senhora da Aparecida. Ela também faz referências a outros fatos que envolvem a sua relação com essa santa, que demonstram não apenas a fé que essa benzedeira tem, mas também a ligação que estabelece com os seus próprios conhecimentos de benzeção, adquiridos pelo contato que teve com essa entidade protetora, fato que faz com que se sinta presenteada por Nossa Senhora.

A visão de cada benzedeira sobre as próprias vivências ocorre de formas diferentes. Alguns códigos éticos são similares e comuns a todas, como as funções atribuídas aos utensílios utilizados para o desenvolvimento de determinados rituais e os conhecimentos de que se utilizam, os quais, por sua vez, são reelaborados ao longo de sucessivas gerações. Porém, a própria interpretação de mundo que cada uma delas faz é o que dá o tom às constantes e gradativas mudanças que ocorrem nas práticas de benzeção, e que também é fator de influência na relação que cada benzedeira estabelece com suas entidades protetoras.

Amélia, que se iniciou no universo da benzeção de maneira diferente de Dirce, também estabelece fortes sentimentos no tocante ao respeito e aos cuidados que tem com as imagens de santos, mesmo que nos momentos de realização de seus rituais ela chegue a estabelecer pouca representação com imagens sagradas, apesar de invocar o nome de muitos santos em pedidos e orações.

" Nhá Maria Rosa falecida, não sei se você conheceu Nhá Maria Rosa, ela era uma benzedeira também curandeira, e nós ia lá. Ela fazia as festinhas de Santo Antônio. (...) Bom, daí nós ia todo ano, quando foi! Ela veio... ela morreu, a velhinha. Ela morreu e a nora dela encaixotou os santos, e o Santo Antônio. Daí, passado um tempão, ela morreu (Nhá Maria). Dali uns seis meses, o meu marido morreu. (...) Aí, veio a comadre Carmita, a filha dela aqui, e a Lourdes. Vieram me vê. Aí eu disse: ' E o Santo Antônio? ' Daí a comadre Carmita respondeu: ' Comadre, o Santo Antônio tá dentro de uma caixa de papelão, lá num canto, a Lourdes desmanchou o altar.' Digo: ' Ah! Não pode, como que Santo Antônio fica numa caixa, um santo! Comadre Carmita do Céu! Santo Antônio ajudou a criar vocês! ' Porque Nhá Maria era pobre, coitada né, ela fazia as festinhas. Ela criou os filhos, deu estudo para os filhos, comadre Carmita. Aí, ela disse: ' Comadre, quem sabe você não aceita o Santo Antônio. ' Eu disse: ' Mas olha, me traga ele para mim o quanto antes. A Lourdes não quer cuidar, você não vai cuidar. ' Na semana mesmo eles me trouxeram o Santo Antônio cheio de teia de aranha. Santo Antônio e Santa Maria

Bueno. (...) Daí, bem no dia de Santo Antônio, no 13 de junho, fazia seis meses que o Miguel tinha morrido, e dia 16 ia fazer um ano que Nhá Maria tinha morrido. Aí, eu arrumei o altar ali (apontou para o canto da parede da cozinha), bem nesse canto aqui. O povo chegava, e o altar tava arrumado, e começou a novena e a procissão dele. Isso foi depois que o Miguel morreu, ainda acredito que ele ficou muito alegre, porque ele tinha muita devoção com Santo Antônio. "

(Amélia, setembro de 2004)

A relação de Amélia com " Nhá Rosa " foi algo que a marcou, desde a sua chegada na cidade de Irati, e que a marca até hoje, mesmo depois de passados quase dez anos do falecimento dessa sua amiga benzedeira, com cuja família Amélia ainda mantém contato. Para Amélia, o importante não era simplesmente ter as imagens dos santos para si, mas o que a incomodava era o fato de elas estarem encaixotadas, principalmente porque para ela foram especiais as contribuições que Santo Antônio prestou à família de sua amiga. Segundo as próprias palavras de Amélia: " *Santo Antônio ajudou a criar vocês.* " Nessas circunstâncias, o valor da devoção de " Nhá Rosa ", sempre devidamente reconhecido por Amélia, e a fé e respeito que o marido de Amélia também depositava nesse santo contribuíram significativamente para que ela chamasse para si a responsabilidade dos cuidados com as imagens que acabaram lhe sendo entregues.

Enquanto para Dirce a representação, em imagens e em visões, de Nossa Senhora da Aparecida foi um estímulo para si mesma no sentido de dar prosseguimento à vida, enfrentando todas as dificuldades que surgissem pela frente, para Amélia, cuidar da imagem de santos foi uma forma que encontrou para saudar a memória de entes queridos já falecidos.

A preocupação com o zelo de imagens de santos é algo também pertinente a outra benzedeira, Neide, que, além de demonstrar bastante respeito com imagens sagradas, chegou a comentar em seu depoimento que deve à ajuda de santos e santas a realização dos benzimentos que faz.

" (...) Todos os santinhos me ajudam, eu tenho um altar ali, ali tem o altar, tem Nossa Senhora, tem o São Sebastião, tem até São Gonçalo. Algumas eu comprei, outras eu ganhei. São Gonçalo eu comprei, São Sebastião eu também comprei, São Gonçalo é aquele antigo, que tem um chapeuzinho, não sei se você já conhece. Uma mulher, depois que eu mudei aqui, sobre São Gonçalo, virou crente, e queria vender o santo. Não queria mais o santo. Eu disse: ' Traga, que eu compro. ' Peguei e comprei o santinho dela. Às vezes, eu emprestava para fazer romaria, esse santo é de fazer romaria, lá pros matos, eles sabem que eu tenho. Aí, eu empresto, e ele fica uma semana fora de casa. Levam fazer a romaria, e na outra semana eles trazem, ninguém tem. Nesse bairro e lá no Assungui, só eu tenho."

(Neide, março de 2004)

Assim que Neide percebeu a falta de interesse daquela pessoa em ficar com o santo, assumiu a responsabilidade pela compra do mesmo. Um dos fatos que talvez possa ter acelerado essa negociação é que no período em que tal situação ocorreu (fins dos anos 70) havia poucos estabelecimentos que comercializavam imagens de santos na cidade de Irati, e os poucos que ofereciam esses objetos para comercialização faziam-no a um alto preço. Foi daí que Neide enxergou uma boa oportunidade para a aquisição daquela imagem, que poderia ser utilizada em alguns de seus rituais, fato que não chegou a ocorrer, porque ela cedia aquela imagem para grupos de devotos das comunidades rurais da região, para a realização de romarias.

A relação com imagens muitas vezes ultrapassa a utilidade voltada para a realização de rituais de benzeção, pois as imagens sagradas

passam a ser símbolos da religiosidade de muitas benzedeiros, que demonstram suas devoções além do universo de benzeção a que estão ligadas. Muitas dessas mulheres organizam e participam de festividades religiosas em devoção a santos.

Quando as imagens, ou a força dos santos representados por elas são usados em benzeções, várias são as entidades divinas invocadas nesses momentos, e o tamanho que essas imagens devem ter, como também a posição em que devem ser colocadas durante os rituais, é de importância considerável.

" Minha protetora é Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Carmo. A gente sente perto quando está benzendo. (...) Que nem eu rezo mais para Nossa Senhora do Carmo, mas que nem quando é para benzer, para afastar pulgas das casas, aí tem que rezar para Nossa Senhora do Desterro. Eu rezo para Nossa Senhora do Carmo, para Nossa Senhora do Desterro, para Nossa Senhora da Aparecida também, que a gente tem muita fé nela, sempre a gente é atendido. E quando benzo as crianças, rezo só para Nossa Senhora do Carmo. (...) Eu sempre rezava com esta daqui (mostra a imagem), com uma Nossa Senhora Aparecida, mas rezava para Nossa Senhora do Carmo. Aí, ela foi e me comprou esta daqui, olha (mostrou uma outra pequena imagem).Sim, é que eu me bati aqui na cidade, e não consegui achar ela. Tinha, né, mas era grande, e eu queria desse tipo, pequeninha assim, porque para benzer criança, não tem como pequeninha, né? Ela é minha protetora, tudo que eu peço ela me atende. "

(Marina, março de 2004)

Em sua narrativa, Marina também se refere à proteção de entidades divinas, que no seu caso são Nossa Senhora da Aparecida e Nossa Senhora do Carmo. E, desde o início da prática de seus rituais, ela desenvolveu relação com essas duas entidades concomitantemente: rezando

para uma delas, e realizando os gestos simbólicos de benção com a outra imagem.

Santas de devoção da benzedeira Marina: Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Carmo. (Foto: Vania Vaz, março/2005).



Marina ora refere-se a uma das santas, ora a outra, geralmente usando com maior frequência a imagem de Nossa Senhora do Carmo, mesmo que a imagem dessa santa esteja posicionada bem próximo da imagem de Nossa Senhora da Aparecida. O período em que Marina procurou adquirir uma pequena imagem de Nossa Senhora do Carmo é o mesmo em que Neide também estava à procura de imagens sacras, e da mesma forma que Marina, estava encontrando dificuldades para a aquisição das peças de que necessitava. Por isso, o presente que Marina recebeu de uma de suas clientes foi tão bem-vindo, já que, a partir daí, ela pôde passar a executar os benzimentos em crianças, da forma como havia planejado: evocando a santa nos momentos de oração, ao mesmo tempo em que segurava a pequena imagem, para com ela fazer sinais da cruz, na frente da criança que estava recebendo o benzimento.²³

²³ Marina realiza o ritual de benção em crianças, da mesma forma: faz orações e vários sinais da cruz com a imagem que segura nas mãos, diante da criança que recebe o benzimento de : " bichas assustadas " (vermes) e " quebranto " (inveja).

Para as benzedeiros, é importante tanto a preservação quanto o zelo pelas imagens sacras, e todas comentam quanto às dificuldades para a aquisição das mesmas, o que justifica todo o reconhecimento, a gratidão e as lembranças que têm do momento em que foram apresentadas com imagens, principalmente aquelas que foram ganhas quando essas mulheres ainda iniciavam suas atividades de benzeção. São momentos inesquecíveis para elas.

Todas as benzedeiros consagram suas entidades protetoras e, em momento algum, estabelecem comparações entre elas e outras entidades divinas. O que se pode observar é que são várias as imagens que essas mulheres mantêm em seus altares domésticos, as quais nem sempre são figuras exclusivas utilizadas nas benzeções: são santos confeccionados em diversos materiais (madeira, plástico ou cerâmica), além de fotografias, calendários de temas religiosos, quadros, enfim, um verdadeiro encontro de várias expressões de religiosidade. Além dos santos de devoção, normalmente conhecidos no Brasil todo, algumas benzedeiros de Irati, dentre elas especialmente Alice e Amélia, falam sobre outras figuras representativas para elas, como o Monge São João Maria.

Tal monge é figura conhecida na História de nosso país por ter-se rebelado contra a recém criada República, durante a Guerra do Contestado²⁴, e também por ter lutado ao lado de muitos moradores do interior dos Estados do sul do Brasil que, em muitas situações, chegaram até a ser expulsos de suas terras, após a construção da estrada de ferro que iria fazer a ligação entre o sul e o sudeste brasileiros.

²⁴ Guerra do Contestado: conflito ocorrido na disputa pela fronteira dos Estados do Paraná e de Santa Catarina entre a população sertaneja e representantes do poder estadual e federal brasileiro, ocorrido entre outubro de 1912 e agosto de 1916, devido a interesses pela riqueza de madeiras e de erva-mate da região.

São vários os estudos referentes a esse período histórico, e neles encontramos trechos dedicados à vida de João Maria. Em alguns desses trabalhos, é levantada a hipótese de que, além de João Maria, outras pessoas também tenham feito peregrinações pelos Estados do sul do Brasil, pregando a palavra de Deus para os sertanejos, de uma forma bem simples, sendo que alguns desses peregrinos chegavam a realizar curas, valendo-se de orações e também indicando remédios elaborados com plantas medicinais.

As benzedeadas que chegaram a comentar sobre a lendária figura desse monge, conhecido como Monge São Maria ou Monge São João Maria, relacionaram a ele o poder de cura que têm, inclusive espelham-se no modelo de comportamento de fé que tal figura lendária espalhava pelas diversas comunidades rurais por onde passava divulgando suas profecias.

" Bem, os antigos contam que via as coisas, porque ele não é do meu tempo, a minha mãe quando era menina, eu ouvia falar que ela conversou com São João Maria. Eu não cheguei a conhecer, mas a mãe contava que os antigos contam que ele dizia que iria chegar um tempo que você não iria distinguir qual era o homem qual era a mulher, estamos hoje! Você vê, agora pouco vi um piá²⁵ de brinco, antigamente não tinha. Rapaz de cabelo comprido? São João Maria disse que chegaria um tempo que você não iria dividir se era homem ou mulher. Como é que ele disse (parou e pensou). Ah! Que as estradas seriam cobertas de luto, olha só! Hoje, a quantidade de acidentes que dá. Iria chegar um tempo que pai não entenderia filho, filho não entenderia pai. Olha só hoje! Olha São João Maria! Eu tenho a imagem dele, e tenho uma fé muito grande por São João Maria. Peço a ele, rezo por ele."

(Amélia, setembro de 2005)

"Eu acredito muito no monge São João Maria, minha mãe conversou com ele, minha mãe conversou com ele. Nossa! O profeta que foi. Se tivesse embaixo de árvore, se tivesse

²⁵ Piá: menino, criança do sexo masculino.

chovendo, ali não chovia embaixo daquela árvore. Eu acredito muito no monge São João Maria. (...) Porque João Maria dizia que ia chegar um tempo que uma caixinha ia destruir a vida de muitas pessoas, e olha, tá aí. O que São João Maria falou era uma caixinha, ele dizia como uma caixinha iria destruir a vida das pessoas, que muitos se apegam naquilo, ou querem imitar o que passa na televisão, tanta coisa errada! Pois o povo acha que tá certo, que aquilo é coisa nova, Deus me livre, Deus me livre!"

(Alice, dezembro de 2005)

Gradativamente, essas benzedeadas foram se lembrando de fatos que ouviram sobre o monge, fatos que as impressionaram, histórias sobre ele contadas pelas próprias mães dessas mulheres, que além de terem falado sobre as profecias de João Maria, fato gerador de curiosidade das pessoas, também chegaram a contar sobre outras passagens significativas da vida desse homem.

" Falecida mãe conversou com ele a par de um olho d'água. Ele estava benzendo o olho e daí fica o olho d'água de São João Maria. Uma vez, ele chegou numa casa e disse para o mulher, bem deixe eu lembrar: ' A senhora tem algo pra eu preparar para comer?' Ela respondeu: ' O senhor espere que eu vou pegar uma galinha, vou matar e vou cozinhar uns pedaços pro senhor.' Ele: ' Não precisa cozinhar, eu mesmo cozinho. ' Ele tinha uma latinha. E a mulher foi correr atrás da galinha, e não podia pegar a galinha, aí ela disse; ' E galinha do "D".²⁶ Mas eu não vou dizer o que ela disse. Pegou, e foi levar para ele, mas ele disse: ' Muito obrigado, mas essa galinha não é mais minha. A senhora já deu. ' Aí, ele chegou na casa de uma outra mulher, ela disse: ' Olha o senhor aqui, e eu não tenho nada para lhe dar, apenas tem couve, o senhor aceita um viradinho de couve?' Com tudo o gosto, não precisa me dá o virado, me dá umas folhinhas, que eu faço meu viradinho. ' Ela foi, correu, tirou as folha de couve e deu para ele. (...) Ele disse: ' Deus que te abençoe, minha filha. Que teu "cová" vá só para frente. ' Dizem que o "cová" poderia tá a seca que tivesse, que aquilo tava bem verde. Então, a falecida mãe contava e eu escutava. Toda minha vida eu fui curiosa em escutá orações e essas coisas que minha mãe contava. "

(Amélia, setembro de 2004)



Foto do monge João Maria. (autor e data desconhecidos).

A história contada pela mãe de Amélia tem, de maneira relativa, o mesmo final de outra história que Alice também ouviu da mãe, relacionada a alguém que menosprezou um benzimento do Monge João Maria para o filho, chamando-o de mendigo. Segundo essa história, passado um tempo, o pai da criança teve sérios problemas de saúde, e só conseguiu ser curado pelo próprio monge, muito tempo depois.

Mais do que transmitir respeito e devoção aos poderes e conhecimentos desse peregrino, o qual ainda é lembrado hoje nos momentos de pedidos para curas nos rituais de benzeção, as histórias ouvidas pelas

²⁶ Do "D": a benzedeira usou apenas a primeira letra, para não pronunciar a palavra "demônio".

benzedeiros durante a infância acabam tendo um fundo moral, além de conterem mensagens cristãs como, por exemplo, não se falar palavrões ou não se dever menosprezar as pessoas pobres.

Para as famílias dos sertanejos que moram nas imediações, ou mesmo na própria região onde se deu o conflito do Contestado, registros escritos ou gravados na memória das pessoas que tiveram contato com o Monge João Maria fazem parte de um grande leque de conhecimentos, lendas e histórias da região, que envolvem aspectos culturais e religiosos dessa população local. Para as benzedeiros, a figura do monge lhes diz respeito também a outros sentidos, principalmente àqueles relacionados às curas que são devidas a esse homem, a seus conhecimentos sobre plantas medicinais e, inclusive, a locais por ele abençoados, olhos d'água²⁷ cuja água e barro acredita-se terem propriedades curativas.

" Todos os benzimentos benzo em nome dele. (...), mas o olho d'água que ele deixava, o meu marido curou uma ferida na perna, com o barrinho do olho d'água de São João Maria. Ele tinha uma fé em São João Maria, meu marido que Deus me livre! Ele estava com a ferida na perna, o médico não pôde curar, ele foi em busca do barrinho lá no Nhapindazal,²⁸ tem um olho lá na olaria. Olhe, sarou! "

(Amélia, setembro de 2004)

Além de demonstrar muito respeito, e de invocar esse santo popular nos benzimentos que realiza, Amélia deu um testemunho de fé em sua narrativa, referindo-se aos milagres realizados pelo Monge João Maria . Além das orações que habitualmente realiza em louvor ao monge, essa benzedeira também expressa profundo respeito ao olho d'água localizado em

²⁷ Olhos d'água: nascentes, fontes naturais de água.

²⁸ Nhapindazal: bairro da cidade de Irati, bem afastado da casa de Amélia. Nesse local, existe uma olaria com o nome de São João Maria.

um dos bairros da cidade de Irati, cujo barro curou uma ferida localizada na perna de seu marido.

Segundo a tradição, lugares que o monge usava como parada para pouso de suas peregrinações eram abençoados por ele através da eterna fartura de água e de vegetais. Comentar sobre esses locais é mostrar que muitas das histórias e das atribuições de valores especiais a determinados lugares, que passam a ser respeitados como “sagrados”, são relativamente valores que irão fazer parte do imaginário cristão que acompanha a vida de muitas pessoas.

" Você sabe que santos são uma devoção, né? Cada coisa tem um santo. Por isso que eu digo que as pessoas crentes só acreditam em Jesus, e agora nós, para cada cura, tem um santo. São Lázaro ficou com aquela doença ruim, né, onde ele ficou num lugar que ele tinha cão, que os cães lambiam, que eles foram curando, e ele comia aquelas raízes, aquelas coisas do mato. São Brás, para pessoas afogadas, Santa Apolônia, para dor de dente. Tem todos os santos, para cada um tem uma devoção, para cada benzimento. Tem tudo. Tem o monge João Maria, eu acredito muito no monge São João Maria, para vários benzimentos de doenças. "

(Alice, março de 2005)

O universo simbólico de todas as benzedeadas se cruza em várias regiões do Brasil, através de coincidências reveladas por práticas ou conceitos relacionados aos dons. Na invocação de entidades sagradas, conhecidas em todo o território nacional, grande parte do conhecimento das benzedeadas está relacionado às suas origens, à religião que praticam e ao grupo social com o qual compartilham suas experiências de vida, ciclo esse de contatos sociais, onde se darão as práticas de benzeção e a legitimação dessas mulheres como benzedeadas.

3.2 “ Tem que ser cera benta, uma cera benzida. É um benzimento forte ”

Os ritos de benzeção envolvem uma gama diferenciada de conhecimentos em seus momentos de realização. Exigem grande concentração por parte das benzedeadas, que demonstram suas devoções particulares a determinados santos, invocados em orações espontâneas ou naquelas adquiridas por processos de aprendizagem que lhes foram transmitidos por outras benzedeadas. Paralelamente a gestos e palavras, as mulheres envolvidas no universo da benzeção também se utilizam de alguns utensílios em suas ritualísticas, sejam eles imagens de santos ou objetos que, em momentos específicos, passam a ter determinadas representações simbólicas na busca do auxílio de cura através dos benzimentos.

Em muitas das práticas realizadas em todo o território nacional, alguns dos utensílios empregados são comuns a todas as regiões do país como, por exemplo, água e galhos de arruda. Todavia, a maior parte dessa cultura material encontra-se presente no cotidiano das pessoas que praticam benzeções. Assim sendo, as plantas utilizadas nos rituais não podem ser as mesmas, pois não são comuns a todas as regiões, e o mesmo ocorre em relação a outros utensílios de trabalho e a objetos de cozinha, que adquirem diferentes significados, de acordo com a culinária e os hábitos de cada localidade. Inclusive, são diversos os conceitos sobre as múltiplas funções e utilidades de cada objeto empregado nas benzeções, o que os leva à necessidade de diferenciação, no momento de sua escolha como utensílio específico necessário à prática ritualística a ser executada.

Especialmente na cidade de Irati, um material muito utilizado pelas benzedeadas dessa região é a cera de abelha, idêntica também à que é usada na fabricação de algumas espécies de velas. As benzedeadas se servem de tal

cera em um ritual específico de benzeção, conhecido como " Derramar Cera ", cuja finalidade é espantar, afastar qualquer espécie de trauma que esteja acometendo alguém, principalmente crianças. Em algumas situações determinadas, esse benzimento também é executado, para se descobrir alguns problemas de saúde que uma pessoa possa estar apresentando.

De forma geral, as benzedeadas seguem os mesmos passos na ritualística de "Derramar Cera": em um pequeno recipiente, a cera é derretida no calor do fogo e, em seguida, é derramada em um prato contendo água fria, o qual é colocado sobre a cabeça do cliente a receber o benzimento. Com o choque térmico, a cera ganha formas no prato, as quais são interpretadas pelas benzedeadas como sinais. Esse ritual é comum à quase totalidade delas, mas a cada momento, a cada prática, ganhou novas atribuições e valores, à medida que as benzedeadas relacionaram e incorporaram conhecimentos aprendidos com outras mulheres que exercem esse mesmo ofício, ou mesmo a partir das suas próprias experiências de vida, como podemos ver pelo exemplo que segue:

" Nunca derramou cera para mim. Nunca ninguém derramou cera para mim, ninguém nunca. Nunca, nunca eu tinha visto. Eu já quantos anos naquela época, veja a mais velha minha (filha) está com 44 anos, eu levei eles em tantos lugar, e nunca sube que alguém derramasse cera. Veja, porque a cera é abençoada por um bichinho abençoado que é a abelha, é feita da natureza, né, e Nossa Senhora da Aparecida veio da água, a cera é esquentada e derramada na água, para dentro da água, né. Ela desenha um mapa do que a pessoa tem. Então, tudo é da natureza: água, cera, a abelha, o mel, né, tem valor para tanta coisa. Aí comecei a derramar cera, derramar cera, derramar cera. (...) Eu comprava bruta, pronta e levava par a igreja e sempre levava para benzer. "

(Dirce, dezembro de 2004)



Ritual de “Derramar Cera” sendo realizado pela benzedeira Dirce. (Foto: Vania Vaz, dezembro/2004).

Dirce, cuja experiência de benzeção relaciona-se à devoção que tem a Nossa Senhora da Aparecida, principalmente a partir do contato que estabeleceu com essa santa por meio de uma visão que teve, comentou que todos os seus atos relacionados ao ritual ora em questão, originaram-se dos ensinamentos que essa entidade espiritual protetora lhe transmitiu. A relação que Dirce estabelece com seus conhecimentos de benzeção parte de sua própria interpretação da natureza, motivo que para ela serve como justificativa para o sucesso do resultado final do ritual de "Derramar Cera". Note-se que na fala de Dirce ela não deixou de esclarecer o histórico da aparição de sua santa protetora, e também a necessidade de a cera ser benzida por um padre católico. Ainda no decorrer de suas explicações sobre esse benzimento específico, aliás Dirce é conhecida por algumas pessoas como "D. Dirce da Cera", ela mesma buscou significados que pudessem explicar um certo envolvimento de mistério que envolve esse benzimento, e até o

pouco conhecimento das pessoas em geral sobre essa prática específica de benzeção.

" Foi minha mãe que ensinou a derramar cera. Bem, eu desde pequena sei que minha mãe fazia que nós derramávamos. E só cera benta mesmo, e a cera vinha tudo da Aparecida.²⁹ A gente manda benzer, eu dou as velas para a igreja benzer. Aí, aquelas lágrimas que derramavam, eu vou guardando. Não é qualquer cera. Tem que ser uma cera benta, uma cera benzida. É um benzimento forte. Só que mostra também as coisas que a gente não quer ver. Que às vezes o que a pessoa tem no destino aparece, então eu já não gosto muito de fazer. Eu faço assim quando é muito preciso. Por exemplo, assim se uma criança não pode falar ou caminhar, às vezes há um problema grave de susto, eu faço, né, mas só em caso muito grave. "

(Alice, março de 2004)

O ritual de “Derramar Cera” Alice aprendeu com sua mãe, e conservou junto a esse ensinamento a tradição de levar o material para ser benzido na igreja, como uma espécie de purificação necessária da cera, já que há toda uma simbologia desse material, que envolve situações delicadas da vida de pessoas, conforme ela mesma explicou em sua narrativa. E tanto Alice quanto Dirce deixaram claro que especificamente nesse ritual da cera o que também importa não é só a sua eficácia na cura dos males, mas sim a possibilidade de se tomar conhecimento de aspectos problemáticos concernentes à vida das pessoas, aspectos tais não necessariamente vinculados a deficiências quanto à saúde, ou mesmo doenças de fundo emocional, mesmo que seja um benzimento apropriado para a cura desses males. Na verdade, tal ritual de benzeção possibilita às benzedeadas a leitura tanto de fatos passados quanto daqueles futuros da vida de quem recebe tal benzimento.

²⁹ Aparecida: Alice refere-se a velas compradas no santuário de Nossa Senhora da Aparecida, São Paulo - SP.

“(...) eu tenho medo, eu não gosto muito de fazer, porque se tiver algum problema, aparece ali, aparece no benzimento. (...) Aparece na vizinhança da cera. Tinha uma menina que trouxeram para eu curar. (...) Ela tomou remédio e estava assustadinha, e pediram para eu derramar cera, derramei e já vi a cruz e o caixãozinho. Mas não dava para contar para ninguém, nem para os da casa, para ninguém não pode contar nada, é um segredo de Deus. Mas eu fiquei tão nervosa, aquela criancinha sarou, ficou boa, não vai que um dia as irmãzinhas foram tomar banho naquela represa da serraria, e levaram a menininha. Colocaram ela sentadinha no barranco e não vai que a menininha caiu de lá? Ai, meu Deus do Céu! Quando eu lembrava daquilo doía na minha alma. Bem, só que isso só Deus sabe, nosso destino, nosso fim, e não pode contar para ninguém. Deus me livre! (...) Pois um dia veio uma moça, para eu derramar cera, uma moça. Aí, ela não estava muito boa. Quando eu derramei, aí eu disse: ' Meu Deus do Céu! Você quase morreu na praia?' Ela disse: ' Eu quase morri na praia, mesmo! ' Aonde tinha levado ela, apareceu a onda arrastando a moça. Então, ela disse: ' Nossa! Então é daquele tempo o problema? ' Eu derramei cera para ela e ela sarou. Mas mostra, mostra muitas coisas. Só que a gente tem que saber divulgar. (...) Mas se a pessoa não tem dom, não adianta. Tem que ter dom, mesmo! ”

(Alice, março de 2005)

À medida que ia contando sobre o desenrolar desse ritual, Alice foi se lembrando de fatos que exemplificavam várias situações por que já havia passado em momentos em que os realizou. O fato de ela mesma assustar-se com alguns dos resultados dos desenhos formados pela cera mostrava seu envolvimento emocional e sua sensibilidade ao tratar de assuntos cuja natureza envolve tristeza: por exemplo, falar sobre a morte. Situações desagradáveis não fazem parte de outros rituais executados por essa benzedeira, que percebe a existência de algo superior regendo todas as situações, principalmente as voltadas para a previsão da ocorrência de fatos futuros. Por isso, coloca-se como uma mediadora entre os poderes divinos e o destino das pessoas que recebem benzimentos, ciente de que não deve

interferir no desenrolar das situações, pois esse é um poder que não pertence a ela. Também relaciona a questão de “ter o dom” necessário para o desempenho do ritual de benzeção, acreditando nos resultados precisos quanto à cura das pessoas. Nos momentos de execução de suas práticas, Alice demonstra agir com habilidade e capacidade no tocante às interpretações que faz.

Dirce, da mesma forma que Alice, também discorreu sobre situações delicadas por que passou, em momentos de realização da prática de “Derramar Cera”.

“Eu só faço com a imagem da santa, eu benzo com ela a cabeça das pessoas. As crianças eu benzo de frente, porque são ainda anjos, as pessoas adultas eu fico atrás, com a imagem dela. Eu benzo com ela e peço que ela benza a água, para todas as pessoas. Benzer a água, para daí derramar cera naquela água. Coloco a santa na cabeça das pessoas, porque eu benzo por intermédio dela, é ela que benze. (...) Tudo vem na hora, vem naquela hora, tudo é uma coisa que até, às vezes, nem eu mesmo sei. O que não entendeu, tem que novamente derramar a cera num outro dia, no dia seguinte. O dia certo é terça e quinta, derramo cera terça e quinta, segunda, quarta e sexta, são três dias que Nossa Senhora Aparecida tirou fora. Esses dias não pode, de descansar, só no caso se for para cortar ar na terra, isso pode fazer, outra coisa não. Então, daí eu derramo a cera e sai o problema, e já sai o remédio. Então, eu vou ensinando já na hora, porque se parar eu esqueço, ou não é que eu esqueço, é que fico meio "oh"! Naquele horário da oração, é que a gente fica concentrada ali na cera. Às vezes, uma viagem, às vezes uma coisa perdida, namorado ou marido pensando em abandonar a família, ir procurar outras, muitas vezes mostra pessoas que mentem, têm coisas que eu não posso contar, né, até mortes já mostrou. Quando é a própria mãe, não. Mas quando é parente, a gente conta, mas quando vem a mãe mesmo, não conta. Aí a gente pede para alguém da família vim, trazer uma roupinha (para ser usada para o mesmo ritual, sem a presença da pessoa) só para poder vir uma outra pessoa para a gente contar. Mas não chega contando direto, tudo tem que ir levando bem devagar, vai contando aos poucos. ”

(Dirce, dezembro de 2004)

Dirce reforça a importância da concentração no decorrer do ritual, e conta também outros fatos que, por vezes, surgem no momento da interpretação dos sinais mostrados pela cera. E, da mesma forma que Alice, também comenta que situações delicadas como morte, por exemplo, podem surgir nos momentos de ritual, e é aí que as benzedeadas devem tomar todo o cuidado para falar com seus clientes a respeito do que observam na cera. Mesmo que Dirce e Alice não se conheçam, adotam a mesma postura no sentido de preservarem as pessoas por quem são procuradas de tomarem conhecimento de fatos tristes que possam vir a ser mostrados pelos desenhos que se formam no prato com água, porque é importante para essas benzedeadas que seus clientes não se sintam desiludidos, mas que continuem a depositar toda a fé na cura que os benzimentos podem trazer.

Mesmo que a questão de maior importância seja, por exemplo, a cura de uma criança que não é capaz de falar, no benzimento de " Derramar Cera " outras leituras podem vir a ser feitas: problemas de doenças, relacionamentos amorosos, questões de empregos e negócios próprios, fatos esses que despertam a curiosidade das pessoas, movendo-as no sentido de ir à procura desse benzimento específico, o que desvirtua a finalidade primordial do mesmo.

" Uma vez, veio uma pessoa e eu derramei a cera e percebi que a pessoa estava brincando, na próxima vez que ela voltou, eu disse que eu não derramaria cera para ela, que ela não me procurasse mais, ela não precisava, ela só queria me explorar, falei, mas elas já se tocaram sobre o que era, e não procuraram mais. Sempre sinto a intenção das pessoas, sempre a gente sabe ou sente as coisas. "

(Dirce, dezembro de 2004)

" E depois vinha uma turma da cidade, aqueles carros cheios, e tudo que queriam é que eu derramasse cera. Então, eu derramava numa pessoa que mais precisava que a gente, já sabe, aquela pessoa que mais precisa, e os outros não ficam muito bom da cara, porque queriam que eu derramasse em tudo. Aí eu não derramava... aquela história. Ela, a cera, molha tudo, aí tem que enxugar ela, deixar ela bem sequinha e guardar. "

(Alice, março de 2005)

Pelos depoimentos de Alice e Dirce, notamos que ambas demonstram um outro lado da relação cliente-benzedeira, o qual, conforme visto anteriormente, é marcado por gestos de solidariedade e respeito. Porém, quando o motivo da procura por benzimentos deixa de ser relativo a problemas da área de saúde, situações nem sempre agradáveis passam a ocorrer, porque, conforme essas mesmas benzedeiros comentam, a curiosidade de algumas pessoas é tanta, que determinadas situações chegam a ser inventadas, apenas para que se faça a tentativa de receber benzimentos, mas com a intenção de se obter respostas para outros diversos aspectos da vida.

Nenhuma benzedeira executa o ritual de " Derramar Cera " como meio para a previsão de futuro. Há algumas benzedeiros em Irati que prevêem o futuro das pessoas, mas jamais utilizam-se dessa ritualística da cera . A leitura de cartas de tarô é um exemplo disso, mas note-se que as benzedeiros sempre esclarecem que essa é uma prática desenvolvida a partir de outros conhecimentos, que não aqueles relacionados ao dom de benzer.

São variadas as situações de tensão que as benzedeiros enfrentam, inclusive a de terem de lidar com os mais diferentes tipos de pessoas. A forma como têm de falar, além dos motivos que fazem com que

tenham de dizer " não " à realização de alguma espécie de benzimento, levam essas mulheres a ter de conviver com aspectos que geram tensão. O devido respeito que atribuem a seus conhecimentos advindos de entidades protetoras é algo que faz com que exijam a adoção de postura idêntica por parte daqueles que vão em busca de benzimentos. Para uma benzedeira, é importantíssimo que os clientes também compartilhem os momentos necessários de fé, nas mais diversas ritualísticas que executam. E por estarem cientes de que prestar ajuda ao próximo é uma missão que lhes foi destinada por entidades superiores, são muito cautelosas ao transmitir qualquer informação daquilo que são capazes de enxergar em relação à vida do cliente, pois sabem que podem vir a presenciar as mais adversas reações.

Por vezes, as benzedeiros chegam a sentir que estão sendo exploradas, o que as leva à diversificação dos caminhos escolhidos para a execução de seus rituais, visando justamente diminuir a procura excessiva de curiosos.

" Esse negócio de derramar cera também, agora eu parei, é muito compromisso para mim. Eu parei sabe por causa de quê? Porque às vezes chegava umas mulheres com criança com uns três dias ... Você acha? Nunca na vida que uma criança com tão pouco tempo de vida fica assustada. É só para tomar tempo da gente. Pois a gente gasta lenha, gasta o gás, para benzer cera, né? Eu achei que era só para tomar tempo da gente, aí larguei mão. (...) Que nem a criança vê que está se formando um temporal, trovejando, ela vê tudo isso e se assusta, né. Se não, às vezes tem medo do escuro, aí esse benzimento eu já faço com a peneira. Sabe como é? Você nunca ouviu falar? Você pega e põe a criança sentada, a gente põe a peneira que seja em cruz (ela mostra a peneira de palha com um trançado central em forma de cruz). A gente pega e fica com a peneira em cima da cabecinha da criança, aí a gente vai rezando e vai nos cantos da casa, e volta e chama o espírito da criança. Porque o espírito da criança não pode ficar longe, aí ela fica com medo do escuro e das coisas. São os três cantos, deixando o lado que o sol entra. Esse a falecida mãe fazia, ela fazia. "

(Marina, abril de 2005)

Marina comentou sobre as dificuldades de realizar sempre o benzimento de " Derramar Cera ", já que, principalmente na cidade, a cera de abelha é um material que precisa ser comprado, cujo custo é alto para essas mulheres, diferentemente da época em que moravam na zona rural, período em que muitas vezes ganhavam de alguns produtores de mel a cera de que necessitavam. Além dessa dificuldade, Marina mencionou também o número excessivo de pessoas que procuram por esse determinado benzimento. Somado a isso, também fez referência aos problemas com o alto custo do gás de cozinha, necessário para o derretimento da cera. Torna-se claro que dificuldades econômicas são fatores marcantes e significativos na vida das mulheres benzedeadas, o que muitas vezes as obriga a mudar os métodos empregados em suas práticas de benzeção, mesmo que se esforcem de forma intensa para mantê-los da forma à qual estavam habituadas, desde a época da descoberta de seus dons.

Marina recorreu a lembranças de sua infância, ao mencionar como sua mãe realizava o benzimento com cera. Mesmo que intencionalmente sua mãe não lhe tivesse transmitido conhecimentos sobre benzeção, Marina recuperou através de sua memória alguns dos rituais que testemunhou quando era criança, período em que sua mãe executava benzimentos. Foi uma forma que encontrou para sentir-se, segundo ela mesma afirma, mais próxima da força de sua mãe, além de também possibilitar-lhe a descoberta de novas formas de desenvolvimento das práticas de benzeção: com custos menores, mas sem que tal fato a obrigasse a deixar de cumprir a sua missão como benzedeadora.

Estudar as práticas de benzeção é refletir sobre todo o processo de acúmulo de experiências de vida de cada uma das benzedeadas. À medida que mudam as preocupações diárias das pessoas em geral, ou também quando

essas mesmas pessoas são acometidas por novos males físicos, as benzedeadas vão ampliando seus leques de conhecimento, para que, dessa forma, possam estar sempre à disposição de seus clientes, canalizando poderes de cura através dos rituais empregados nos benzimentos. A prática de “Derramar Cera”, desenvolvida há muitas décadas na cidade de Irati, foi um dos focos escolhidos para trabalharmos esse universo híbrido e tão rico que são as práticas de benzeção, cuja tradição e conhecimentos específicos são repassados de geração a geração. Mas é importante que se note que o sentido que cada uma das benzedeadas atribui aos próprios dons é de caráter pessoal, pois cada uma delas transmite e interpreta de maneira particular a devoção que presta às entidades religiosas que lhes servem de guias espirituais.

Outro aspecto particular do universo das benzedeadas é que cada uma atribui determinado sentido para seus conhecimentos nessa área: para algumas, o dom que têm é como uma dádiva recebida, a ser desenvolvida no decorrer de toda a vida, em sinal de devoção e agradecimento a entidades divinas; para outras, seus conhecimentos sobre benzimentos vêm a ser uma missão que devem cumprir, um compromisso de fé assumido com Deus, e de solidariedade para com todas as pessoas que deles necessitarem.

Em decorrência disso, há por parte de todas as benzedeadas a necessidade de compromisso quanto ao desempenho de seus dons ou de suas missões, mesmo que cheguem a enfrentar situações adversas. Deverão permanentemente estar abertas a novos conhecimentos e experiências, atribuindo, quando necessário, novos sentidos e significados a todos os rituais de benzeção que executam, devendo inclusive proceder da mesma forma em relação aos utensílios de que se utilizam nos mesmos.

3.3 “ Eu uso fio, agulha e paninho para ‘ costurar ’, aí nos outros eu uso a mão mesmo. ”

Em geral, cada benzedeira da cidade de Irati realiza mais de um tipo de benzimento, e a forma como tal prática é executada difere, de acordo com o ritual adotado. Contudo, a finalidade de cada prática é um dos fatores que leva um maior número de cliente às casas dessas mulheres.

Os benzimentos mais realizados são para males como: anemia, bronquite, rendidura (machucadura em crianças e em adultos), “ar” (relacionado a dores de cabeça), “bichas” (vermes) e “susto” (traumas). Simpatias também são realizadas com várias finalidades, como, por exemplo, para a criança caminhar, para cair verrugas, entre outras mais.

“Você ponha três pedacinhos de fita, as fitinhas de Nossa Senhora da Aparecida, aí você passa pela cabeça da criança. (Ela pára, e rindo diz:) ' Você quer aprender? Você pega uma fitinha e coloca na cabeça da criança, e as outras você deixa marcar, como se fosse um cruzinha. E aí se a fitinha mexer enquanto você rezar, veja o que é o milagre, você pega a cruzinha na mão, você vai rezando. Rezando, rezando, ali com a fitinha na mão, se a fitinha mexer, a criança está com as bichas alvoroçadas. Para ver se a criança está com as bichas alvoroçadas, claro que eu vejo, já estou acostumada. Tenho as fitinhas certas para fazer. Também foi a velhinha que ensinou tudo, foi ela. As fitinhas sujam, encardem de tanto a gente usar. Mas daí eu tenho bastante daquelas de Nossa Senhora da Aparecida que em trazem. Daí, aquelas eu guardo para fazer. É assim, a reza é esta. ”

(Neide, março de 2005)

“Esse também eu aprendi sozinha, eu uso só a vela para fazer este. A vela acesa e minha santinha. E aí a gente diz no começo, como que é: quebrante ilhado, lombriga assustada, medo cortado, Nossa Senhora do Carmo que acalme. ”

(Marina, abril de 2005)

Talvez um dos rituais mais procurados por mães com filhos pequenos seja o relacionado a “Acalmar as Bichas”. As crianças são levadas para receber esse benzimento quando apresentam pouco interesse em alimentar-se, quando reclamam de dores abdominais, ou apresentam cansaço e sentem-se desmotivadas para fazer qualquer atividade.

Algumas das entrevistadas comentaram que realizam o benzimento para a finalidade anteriormente descrita apenas com orações para as suas santas protetoras, porém Neide e Marina praticam esse ritual específico com alguns diferenciais. Neide, que aprendeu a benzer com uma benzedeira anciã, comentou que, além de rezar para Nossa Senhora da Aparecida, utiliza pequenas fitas³⁰ para observar se realmente há alguma alteração nas crianças. Para ela, ocorre, então, a prova de que realmente o benzimento é eficaz quando o problema da criança é vermes.

O fato de Neide mencionar a palavra “milagre” em sua narrativa mostra a profunda relação que ela estabelece com sua entidade protetora, e transmite a idéia de interferência de um mundo extraterreno durante a realização de um ritual de benzeção. A legitimação dessa benzedeira, como representante da força de santos, e também a eficácia de seus rituais são situações que caminham juntas para o reconhecimento de uma benzedeira pelo grupo que compartilha as práticas da benzeção.

Já Marina, no início de sua narrativa sobre benzeções, comentou que chegou a aprender, ou melhor, que desenvolveu sozinha tais práticas. Assim como Neide, Marina falou sobre seu rituais e inclusive mencionou as palavras que recita durante a realização dos mesmos.

³⁰ Pequenas fitas coloridas que os romeiros adquirem quando visitam a Basílica de Nossa Senhora da Aparecida, e que geralmente são colocadas no punho, após a realização de algum pedido para essa santa padroeira.

São, portanto, situações distintas de aprendizado. No entanto, alguns fatores relativos à elaboração de cada ritual parecem um tanto quanto misteriosos. Por exemplo, Neide comentou que sua maior preocupação era aprender a fazer bem feito o ritual, mas não se interessava em saber o porquê de cada objeto ser utilizado ou de cada gesto ser realizado. Marina, por sua vez, comentou que desenvolveu sua prática por meio de outras situações de benzimentos que já havia presenciado. Mas, em contrapartida, falou que, em outras situações relacionadas ao desenvolvimento de suas práticas, teve que escolher sozinha a melhor maneira para desenvolver os rituais.

“Daí, primeiro de tudo, que comecei foi fazer simpatia³¹ para criança caminhar, né. A gente põe a criança, bem no começo eu fazia assim, mas depois larguei mão sabe, que daí nós nos mudamos aqui e a casa era grande, por isso eu parei de fazer daquele jeito. Mas no começo, eu mandava colocar a criança bem para frente da porta, olhando para dentro. Aí, eu atrás da cadeirinha da criança, eu pegava e forçava a porta com o machado. Fazendo oração e chamava o nome da criança para ela perder o medo de caminhar, daí arroteava a casa, chegava de novo naquela parte chamava o nome da criança, cortando com o machado, daí de novo arroteava a casa, três vezes, cruzava o machado na terra. Quando eu me mudei aqui eu achei que era demais arrotear a casa, porque era grande demais e nós tinha galinha e tudo e eu tinha que ficar pulando as cercas. Agora eu faço assim: eu mando colocar a criança na frente da porta, daí chamo o nome da criança e cruzo o machado na terra, e eu amarro um cipozinho na perna da criança, e com a tesoura eu vou cortando nove pedacinhos. Faço três vezes a simpatia, se a criança não caminhar tem que interar as nove. Mas é custoso criança que não caminha com as três. E se ela não caminhar, aí já tem que se ver se a criança não tem essa parte fraca (mostrou os ossos do encaixe da perna com o quadril), isso o quadril fraco. Daí eu mando fazer o banho da cintura para baixo com o levante e o rubi, aí eles fazem três dias. Daí a criança fica boa.

(Marina, abril de 2005)

³¹ Simpatia: Marina é, exclusivamente, a única benzedeira que denomina de "simpatia" o ritual executado para que crianças pequenas comecem a caminhar, ritual esse desenvolvido por ela mesma, e que jamais foi ensinado a outra pessoa. Para as demais benzedeiros, tal ritual denomina-se "benzimento".

Quando relatou sobre o benzimento específico utilizado em casos para que bebês comecem a caminhar, Marina explicou como o desenvolve, mas não atribuiu sentido para cada um dos utensílios empregados nesse ritual. Quando questionada sobre tal sentido, comentou que o significado de cada ação é simples, e está associado geralmente à função primeira de cada objeto. Assim, o machado empregado corta a lenha e, simbolicamente, pode cortar o medo das crianças. O gesto ocorre em frente à porta, como um sinal de passagem, e a benzedeira realiza tal ritual caminhando.

Contudo, um fator não relacionado ao universo da benzeção, a mudança de residência, levou Marina a realizar o mesmo benzimento de forma diferente. Ela deixou de caminhar por nove vezes ao redor da casa, e passou a amarrar um pequeno cipó na perna da criança e a cortá-lo em nove pedaços (o que, simbolicamente, representa “cortar o medo de caminhar”). Segundo ela, a mudança foi necessária, devido à sua dificuldade em caminhar ao redor da sua nova casa.

As informações ou as simbologias de cada ritual fazem parte de um universo de conhecimentos muito amplo por parte dessas senhoras. As características mais visíveis a respeito dessas relações entre utensílios, dias apropriados e gestos estão relacionadas aos saberes adquiridos por essas mulheres quando viviam na zona rural, onde tiveram uma maior ligação com a natureza e desenvolveram suas religiosidades. Nesse sentido, fatores como fenômenos climáticos e fases da lua para plantações, somados às informações e às trocas culturais que estabeleciam com outras pessoas das comunidades rurais, contribuíram para o desenvolvimento de suas práticas.

Alguns benzimentos são realizados na lua minguante, como uma forma de "minguar", de não deixar crescer o mal nas pessoas; o número 9

geralmente encontra-se associado a "novenas" (orações realizadas em nove dias consecutivos); objetos como machado e peneira são comumente utilizados nas benzeções.

As necessidades cotidianas das benzedadeiras também exercem influência nas práticas ritualísticas, as quais, muitas vezes, são desenvolvidas na cozinha das casas onde essas mulheres, paralelamente às suas atividades domésticas diárias, preparam o que seja necessário às benzeções.

Outro aspecto a ser observado, é que as benzedadeiras procuram realizar suas práticas de forma similar, ao utilizarem-se dos mesmos objetos. Dessa forma, dão continuidade à tradição dos próprios benzimentos, tanto em sinal de respeito pelo dom daquelas que os realizam quanto pelo próprio receio em não alcançarem eficácia nas curas realizadas através das benzeções.

“Eu uso fio, agulha e paninho para costurar, aí nos outros benzimentos eu uso a mão mesmo, tem que colocar a mão sobre a cabeça da pessoa, para a minha força de fé entrar em mim e para a pessoa”.

(Alice, março de 2005)

“Uso fio e paninho e daí as rezas, você vai fazendo cruzeiros no lugar que a pessoa sente dor e vai rezando. Vai fazendo cruzeiros e rezando, mas é comprida a reza.”

(Neide, março de 2005)

“Não, rendidura eu não aprendi, mas quero ver se aprendo. Esse eu quero que me ensinem, acho importante, é por causa que tem gente que cura rendidura assim digo costurada, e eu queria aprender diferente. Por causa que tinha um lá onde nós morava e a D. Maria Santos também fazia, esta que eu te contei aquele dia que ela tá no asilo. Ferve

água e põe num prato, daí a água fica tudo dentro daquele copo, decerto da força da reza, né, aquela água entra tudo dentro do copo.”

(Marina, abril de 2005)

Esse ritual é muito comum em toda a cidade de Irati. É usado para “costurar” machucados de pessoas, que, muitas vezes não estão relacionados a fraturas ou a distensões musculares. Os clientes alegam que machucaram a “carne” e que só esse benzimento resolve. Para realizá-lo, as benzedeiros geralmente utilizam um pequeno pedaço de pano, que simboliza a parte do corpo machucada, fio e agulha, que representam a “costura”.



Parte final do ritual de “Costurar Rendidura” (pano, fio e agulha presos na parede) realizado pela benzedeira Neide. (Foto: Vania Vaz, março/2005).

A benzedeira Marina não realiza esse benzimento, mas comentou sobre o seu interesse em passar a desenvolvê-lo. Contudo, não quer basear-se apenas naquilo que teve oportunidade de observar na realização de tal ritual por parte de outras benzedeiros, para poder reelaborá-lo segundo suas próprias

aptidões e devoções. Esta benzedeira também relatou que, durante seus contatos com outras benzedeiros, observou algo que nunca havia visto. Com um prato, um copo e água ocorrem, como no benzimento das “fitas” de Neide, fenômenos “misteriosos” relacionados à eficácia da benzeção. Segundo Marina, quando realmente a pessoa está machucada, a água do prato passa a ficar somente dentro do copo, que está virado com a boca para baixo. Ela rememorou que em sua infância sabia que uma benzedeira da mesma localidade rural onde residia fazia esse benzimento, e comentou que uma mulher que há mais de vinte anos morava em seu bairro também o fazia, porém de forma diferente das demais benzedeiros.

As experiências de Marina com relação ao universo da benzeção foram inúmeras. Em suas práticas, ela retoma gestos e rituais realizados por sua mãe e por outras benzedeiros, assim como utiliza objetos de seu cotidiano e informações adquiridas através de conversas informais com pessoas que conheciam simpatias e orações. Ter interesse em desenvolver um ritual de maneira diferente é proporcionar aos seus clientes uma nova alternativa de cura, ou uma possibilidade de alcançar algo que atualmente não é possível.

A partir dessas informações, é possível proceder-se à análise das construções, aprendizados e reconstruções das várias práticas de benzimento que envolvem essas mulheres que possuem o “dom” de benzer. À medida que, em relações sociais com vizinhos e parentes, surgem comentários e histórias sobre benzimentos, cada indivíduo vai desenvolvendo de forma particular a sua fé e a sua religiosidade. Também influenciam nesse processo informações sobre o corpo, a saúde e o bem-estar, oriundas de alguns meios de comunicação, por exemplo.

As benzedeadas criam, de certa forma, um grupo de ética com normas a serem seguidas por todas (como atender a todas as pessoas que solicitam benzimentos). Porém, com o aperfeiçoamento de seus conhecimentos, elas desenvolvem características pessoais e, gradativamente, mudam suas atitudes com relação às tradições e aos costumes do universo da benzeção. Paulatinamente, passam a incorporar aos seus benzimentos elementos diferentes daqueles que aprenderam há 30 ou 40 anos. Mesmo não sendo simples para elas assumirem as mudanças, as necessidades econômicas e de bem-estar contribuem para esse transitório processo de renovação das práticas.

No que se refere à manipulação de plantas medicinais, pouco há este hábito entre a maioria das benzedeadas. Algumas até recomendam para as crianças um chá de camomila ou de hortelã, ou comentam que conhecem substâncias para outros problemas do corpo, porém, em geral, tais indicações não estão ligadas aos conhecimentos sobre benzeção, mas sim a receitas aprendidas com familiares. Contudo, praticamente nenhuma benzedeadada entrevistada comentou sobre o uso de remédios caseiros. Quando diretamente abordadas sobre o assunto, comentaram a respeito de um ou outro remédio elaborado com ervas bem conhecidas na região.

Amélia, por exemplo, quando relatou alguns problemas que mães podem apresentar logo após o parto, comentou sobre receitas de remédios usados em rituais de simpatias, e afirmou que são desenvolvidos e consumidos por algumas de suas clientes em tratamento.

“Depende, tem que ver, depende do organismo da mulher, a gente ensina remédio, um chá, mas tudo simples, eu ensino banho para problemas de fraqueza no útero e outros

problemas, como banho com beijo³² branco, toma banho e fortifica quando é uma fraqueza”.

(Amélia, setembro de 2004)

A cautela com que a benzedeira discorreu sobre a indicação de remédios pode estar relacionada aos seus conhecimentos acerca da reflexão do problema de saúde de cada uma de suas clientes, já que cada situação merece uma atenção especial. Amélia demonstrou ainda estar preocupada em ensinar corretamente o tipo de planta a ser utilizada e a quantidade correta a ser ingerida. Essa preocupação está totalmente relacionada à imagem de eficácia de seus benzimentos.

“Remédio não, se precisarem de um remédio vão no médico. Benzimento eu dou, porque se não fizer bem, mal não faz. Você dá um remédio errado alguma vez e a pessoa vai piorar. Não. Ela não me deu ordem de eu dar remédios. Ela também não dava remédios. Só benzo, remédio eu não dou para ninguém, nunca dei. Dou a reza, porque se a reza não fizer bem, mal não faz. Daqui não sai remédio, só sai reza.”

(Neide, março de 2005)

Observa-se que o relato de Neide é carregado de certo “respeito” por espaços e funções de médicos e de benzedeiras. Para ela, o importante é a intenção dos benzimentos e, claro, também a fé depositada no ritual.

Neide comentou que, desde muito jovem, ouviu histórias de pessoas que tiveram problemas graves por ingerir remédios elaborados com plantas, de forma inadequada ou em quantidade errada. Sendo assim, confia

³² Beijo: Flor ornamental, também conhecida como Maria sem-vergonha.

nas suas intenções durante a realização de cada benzimento, tendo a certeza de que esses não prejudicam, de forma alguma, as pessoas.

As benzedadeiras fazem parte de um grupo de mulheres que se destacam na sociedade, devido aos seus dons de cura. Porém, esse grupo não é homogêneo, já que, ao mesmo tempo, parte dessas mulheres recomenda a ingestão de alguns chás de ervas conhecidas na região, enquanto outras não indicam nenhum tipo de remédio caseiro. Alice, a benzedeira que aprendeu seus conhecimentos com a mãe, comentou que, desde criança, tem conhecimento sobre algumas fórmulas e remédios homeopáticos.

“Os remédios, tudo, minha mãe, comprava, tudo era comprado, porque nós tínhamos aquelas caixas, que eram assim os boticários, nós tínhamos que pôr tudo nos vidrinhos de remédio, e assim o sinal do vidrinho de remédio, era uma botica como diziam, com os vidrinhos, então tinha todos os vidrinhos, e dali que saíam os remédios. (...) mas isso tem que saber dar, não dá para dar remédio errado, tinha que ser remédio certo. Porque se errasse matava, tinha que conhecer muito. Estudei muito, nós estudava, aquele tempo não tinha outro entretenimento³³ a não ser estudar...

(Alice, dezembro de 2004)

Junto com os ensinamentos sobre as práticas de benzimento, Alice, aos poucos, foi também adquirindo com sua mãe informações acerca da manipulação de alguns remédios. Ela comentou ainda que sua mãe, avó e bisavó comumente desenvolviam benzimentos e, em alguns casos, indicavam o uso desses remédios.

“É, eles não eram baratos, só que eram remédios assim, assim. Só quem tinha, só quem sabia lidar com os remédios, conforme tinha remédio que era venenoso. (...) E eu ia lendo,

³³ Entretimento: Alice usou esse termo com o significado de “entretenimento”.

lendo. Não era muito fácil, não era muito fácil. Naquele tempo a gente lia, a mãe incentivava também. Já a minha mãe não sabia ler, ela sabia por cabeça. Ela foi aprendendo, aí ela já sabia por cabeça. Aí, eu e minha irmã que tivemos oportunidade de ler. Mas hoje em dia nem existe mais. Minha mãe morava com a avó dela, aí aprendeu os benzimentos e tudo. Os remédios antigamente eram só os remédios que tinha, na maior parte eram só isso. (...) E o remédios era só da Alemanha quase. Minha mãe curava feridas uterinas, tinha aquele aparelho para fazer lavagens e tudo. Mas era só remédio do estrangeiro.”

(Alice, março de 2005)

Portanto, a mãe da entrevistada demonstrou grande cautela quanto à prescrição de medicamentos, inclusive tendo chegado a ter o cuidado de incentivar a filha a ler bastante sobre o assunto. Em outras passagens, Alice contou que sua mãe, mesmo não sabendo ler e escrever, tinha total domínio das fórmulas de que se utilizava, as quais foram todas memorizadas, já que não havia o recurso de serem registradas por escrito. Assim, nota-se que a forma de transmissão de conhecimentos de uma geração a outra mudou, já que Alice, além de ouvir os ensinamentos da mãe, também teve a oportunidade de ler sobre o assunto.

Com os incentivos que Alice e sua irmã tiveram para ir à escola, ambas aprenderam a ler, o que lhes permitiu novas possibilidades de assimilação de conhecimentos. Contudo, Alice foi clara em dizer que não é tão simples preparar tais remédios, e que se admira de como a mãe, sendo analfabeta, conseguia desenvolver tais manipulações com precisão, e sempre obtendo resultados positivos com as recomendações que fazia.

A transmissão de ensinamentos entre gerações sofreu mudanças, não só quanto à forma de transmissão dos conhecimentos necessários à

manipulação dos medicamentos, mas também quanto à própria aquisição deles e, inclusive, quanto ao volume de produção para a elaboração dos mesmos. Há momentos na narrativa de Alice em que ela comenta sobre a grande procura por esses remédios manipulados por sua mãe, principalmente no período entre 1945 e 1960, quando a família morava em uma localidade rural do município de Irati.

Com o passar dos anos, os habitantes das localidades rurais, cada vez com maior frequência, passaram a visitar o centro urbano da cidade, podendo, dessa forma, adquirir remédios em outros lugares. Alice comentou que, para sua mãe, era cada vez mais difícil e caro comprar as matérias-primas necessárias ao desenvolvimento desse trabalho de manipulação de remédios caseiros e, paralela e indiretamente, também discorreu sobre várias mudanças ocorridas no universo da benzeção. Hoje, segundo ela, não é mais possível manipular-se quase que a maioria dos remédios.

As práticas de benzeção dessas mulheres, com as mudanças de concepção e de enfoques religiosos, sofreram gradativamente alterações. As múltiplas transformações por que passam os espaços à sua volta, e inclusive as novas relações sociais que passam a estabelecer, também chegam a contribuir significativamente para essas mudanças, e inclusive para a própria representatividade das benzedadeiras na sociedade em que se inserem.

É claro que novas alternativas de cura surgiram com a ampliação da possibilidade de compra de remédios em farmácias, e inclusive com o fato de as consultas médicas terem se tornado mais acessíveis à população em geral. No entanto, essas mulheres que possuem o dom do benzer mantiveram suas práticas, e hoje estão dispostas a tentar ajudar seus clientes seja com orações, ou com palavras amigas.

Dessa forma, então, mais do que apenas se manterem como ponto de apoio para muitas pessoas, as benzedeiiras conseguiram conservar um certo diferencial em seus atendimentos, o que as torna pessoas queridas e respeitadas na comunidade, independentemente do alcance de seus “dons”.

Considerações Finais

No decorrer deste trabalho, procurou-se apresentar parte do universo da benzeção, presente na memória e nas histórias de vida de algumas mulheres da cidade de Irati (interior do Estado do Paraná), que possuem o dom de benzer. Paralelamente à descrição de conhecimentos e práticas peculiares ao universo do ofício que exercem, as benzedeadas reuniram em suas narrativas experiências particulares de âmbito social e familiar.

A reflexão sobre a história de vida dessas mulheres foi um trabalho delicado, mas bastante compensador. Leituras referentes a histórias orais, em especial os textos e artigos de Alessandro Portelli, foram importantes para a ampliação de conhecimentos referentes à memória em si e à maneira como é construída, através de diversos sentimentos, emoções e ações, como: saudade, tristeza, alegria e luta.

O trabalho com fontes orais possibilitou a abertura de caminhos novos para a reflexão, concernentes à construção das histórias e memórias das benzedeadas iratienses.

Dentro das possibilidades de estudos sobre História Social, as contribuições teóricas de autores como E. P. Thompson e Stuart Hall possibilitaram a reflexão sobre cultura, os modos de vida, expressões e ações humanas.

O estudo e a reflexão sobre memórias, visto a partir do prisma das benzedeadas iratienses, possibilitaram trazer para discussão, no meio acadêmico, parte do imenso leque de manifestações de religiosidade e de relações sociais que ocorrem em localidades interioranas da Região Sul do Brasil, em especial o município de Irati e região vizinha.

Fontes

Fontes Orais

Benedeira Amélia, viúva, 72 anos. Moradora da Vila São João, Irati, Paraná. Entrevista I, realizada em 03 de setembro de 2004, na residência da entrevistada.

Benedeira Alice, viúva, 73 anos. Moradora do bairro São Francisco (por divisões atuais de bairro: bairro Stroparo), Irati, Paraná.

Entrevista I, realizada em 14 de dezembro de 2004, na residência da entrevistada.

Entrevista II, realizada em 28 de março de 2005, na residência da entrevistada.

Benedeira Neide, viúva, 76 anos. Moradora do bairro Stroparo (divisa com o bairro Fósforo), Irati, Paraná.

Entrevista I, realizada em 03 de setembro de 2004, na residência da entrevistada.

Entrevista II, realizada em 17 de março de 2005, na residência da entrevistada.

Benedeira Marina, casada, 55 anos. Moradora da Vila São João, Irati, Paraná.

Entrevista I, realizada em 04 de setembro de 2004, na residência da entrevistada.

Entrevista II, realizada em 04 de abril de 2005, na residência da entrevistada.

Benedeira Dirce, viúva, 58 anos. Moradora do bairro Rio Bonito, Irati, Paraná.

Entrevista I, realizada em 12 de dezembro de 2004, na residência da entrevistada.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens Paulistanas: Transformações do Espaço Público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memórias do Sagrado. Estudos de Religião e Ritual**. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstições no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DIAS, Maria Odila Leite. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. – São Paulo, ed. Brasiliense, 1995.

FARIA, Nanci de Lourdes; Crovador, Stelamari; Rodrigues, José Agnaldo (orgs) . **História da vila São João. Projeto Vale do Saber**. Irati, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Verdade e Memória do Passado**. In: **Revista Projeto História**, n 17. São Paulo: Educ, 1998.

GALLO, Ivone Cecília. **O Contestado. O Sonho do Milênio Igualitário**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

GUINGURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____ **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

KHOURY, Yara Aun e orgs. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. São Paulo. Editora Unicamp, 2004.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. IFCH/ UNICAMP, dissertação de mestrado, 1983.

_____ **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Irati, PR: Edipar, 1974.

_____ **Rio da Prata . Aleluia**. Irati, PR: Edipar, 1980.

PERROT, Michelle. **As mulheres, o poder, a história. In: Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____ **Mulheres Públicas.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **“Parteiras Experientes” e poções: O dom que se apura pelo espírito da floresta.** Tese de Doutorado PUC-SP: São Paulo, 2004.

PORTELLI, Alessandro. **“A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”.** In **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, volume I, 1996.

_____ **“Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e História Oral”.** In **Revista Projeto História** n 14. São Paulo: Educ, 1997.

_____ **Significados na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade”.** In: **Revista Projeto História** n 14. São Paulo: Educ, 1997.

_____ **O que faz a História oral Diferente.** In: **Revista Projeto História** n 14. São Paulo: Educ, 1997.

SARLO, Beatriz. **“Culturas populares, velhas e novas”.** **Cenas da vida pós-moderna,** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SEIXAS, Jaci Alves. **Os tempos da Memória: (Des) Continuidade e Projeção. Uma Reflexão (In) Atual para a História?** In: Revista Projeto História n 24. São Paulo: Edusp, 2002.

SOUSA, José Josberto. **Cultura e Saberes Populares em Comunidades Rurais do Vale do Rio Jaguaribe**, Ceará. Dissertação de Mestrado: PUC-SP São Paulo, 2004.

SOUZA, Laura de Melo. **O Diabo na Terra de Santa Cruz: feitiço e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo, 1998.

THOMSON, Alistair. **“Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias”** In: Projeto História: Revista de Estudos Pós Graduação em História e do Dep. De História da PUC-SP: Educ, 1981.

VALENGA, Gaspar. **Irati: Minha vida, Nossa História**. Guarapuava, PR: Ed. Unicentro, 2002.

VASCONCELOS, Regina Ilka. **Narradores do Sertão. História e Cultura nas Histórias de Assombrações de Sertanejos Cearenses**. Doutorado em História. PUC-SP, São Paulo, 2004.

WEBER, Beatriz Teixeira. As artes de curar. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio Grandense 1889 - 1928. Santa Maria , RS : Editora da UFSM, 1999.